

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**“FALAR EM FILÓSOFAS É FALAR EM REVOLUÇÃO”
Representação feminina no ensino de Filosofia**

Bruna Diedrich

PORTO ALEGRE

2018

Bruna Diedrich

**FALAR EM FILÓSOFAS É FALAR EM REVOLUÇÃO”
Representação feminina no ensino de Filosofia**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciado em Filosofia, concedido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Sartori Porto

PORTO ALEGRE

2018

À Hildegard Von Bingen, Christine de Pizan,
Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft,
Betty Friedan, Simone de Beauvoir, Angela
Davis e todas as filósofas que ousaram pensar
e questionar.

A todas as mulheres, sejam elas reais, mitos,
bruxas ou deusas.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo amor e dedicação.

À Guilherme Pomar, pelo amor, carinho e companheirismo inesgotáveis.

A meus amigos e minhas amigas – em especial Fernanda Moura, Julia Guimarães e Thamara de Almeida – por tornarem o processo mais leve e divertido e estarem sempre comigo.

À Gisele Secco, pelo auxílio e orientação indispensáveis na elaboração desse projeto.

À Juliano Daitx, pela confiança e liberdade que tornaram possíveis a execução dessas aulas.

À Luiz Antônio Cachoeira, pela amizade e pelos diversos materiais e conversas sobre o tema.

A todos estes e estas, meu amor, carinho e imensuráveis agradecimentos.

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da ignorância e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira.

(Olympe de Gouges)

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre o papel feminino na Filosofia (seja enquanto autoras, representações ou temas). Este é dividido em referenciais teóricos, subdivididos em pedagógicos e uma breve descrição das autoras a serem abordadas. Configura-se em um estudo de caso, realizado na E.E.E.M. República Argentina, nos anos de 2017 e 2018, contando com uma diversidade de materiais didáticos autorais. A partir dos quatro passos didáticos definidos no referencial teórico (sensibilização, informação, exercício crítico e consolidação) foi definida e analisada a experiência didático-pedagógica. Os objetivos dessa vivência e de sua posterior análise foram: sensibilização e reflexão dos alunos acerca da condição e representação feminina; demonstrar a importância do resgate das filósofas e suas ideias nas aulas de Filosofia do Ensino Médio; evidenciar a indispensabilidade da aproximação com o texto filosófico através do contato com as autoras e abordar a diversificação de fontes para atingir os alunos e seus resultados.

Palavras-chave: mulheres na Filosofia, filósofas, educação, gênero

ABSTRACT

The present work reflects on the female role in Philosophy (whether as authors, representations or themes). Such is divided into theoretical references, subdivided into pedagogical references and a brief description of the authors to be approached. It is configured in a case study, carried out in E.E.E.M. Republic of Argentina, in the years 2017 and 2018, counting on a diversity of didactic materials. From the four didactic steps defined in the theoretical framework (awareness, information, critical exercise and consolidation) the didactic-pedagogical experience was defined and analyzed. The objectives of this experience and its subsequent analysis were: sensitization and reflection of the students about the female condition and representation; demonstrate the importance of the rescue of philosophers and their ideas in Philosophy classes of High School; to demonstrate the indispensability of approaching the philosophical text through the contact with the authors and to approach the diversification of sources to reach the students and their results.

Keywords: women in Philosophy, philosophers, education, genre

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	REFERENCIAL PEDAGÓGICO.....	12
2.2	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FILÓSOFAS DESTACADAS.....	16
3	ANÁLISE DO ESTÁGIO	23
3.1	IDENTIFICAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO.....	23
3.2	CONTEÚDO PRAGMÁTICO.....	23
3.2.1	Estágio I (2017/2)	23
3.2.2	Estágio II (2018/1)	26
3.2.3	Estágio III (2018/2)	30
3.3	ANÁLISE DOS OBJETIVOS.....	34
3.3.1	Objetivo: Sensibilização e reflexão acerca da condição feminina	34
3.3.1.1	Situação feminina.....	38
3.3.1.2	Desigualdade trabalhista.....	40
3.3.1.3	Mudanças e possibilidades.....	41
3.3.2	Objetivo: Sensibilização e reflexão acerca da representação feminina	44
3.3.3	Objetivo: Demonstrar a importância das mulheres na História da Filosofia	46
3.3.3.1	Análise do desempenho dos alunos (Estágio II).....	46
3.3.3.1.2	<i>Habilidades</i>	47
3.3.3.2	Acesso à educação.....	48
3.3.3.2.1	<i>Acesso à educação (Resposta dos estudantes)</i>	49
3.3.4	Objetivo: Aproximação com o texto filosófico	52
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
	APÊNDICE A – Material didático sobre desigualdade de gênero	65
	APÊNDICE B – Material didático sobre as Duas Ondas Feministas	66
	APÊNDICE C – Atividade acerca da compreensão da situação feminina	68
	APÊNDICE D – Atividade avaliativa sobre a representação feminina	70
	APÊNDICE E – Material didático sobre filósofas antigas	72
	APÊNDICE F – Material didático sobre Christine de Pizan	78
	APÊNDICE G – Material didático sobre filósofas medievais	80

APÊNDICE H – Material didático sobre Olympe de Gouges.....	82
APÊNDICE I – Material didático sobre filósofas renascentistas.....	84
APÊNDICE J – Material didático sobre filósofas contemporâneas.....	85
APÊNDICE K – Atividade avaliativa sobre filósofas.....	87
APÊNDICE L – Atividade de fixação de conceitos lógicos.....	91
APÊNDICE M – Atividade avaliativa de Lógica.....	93
APÊNDICE N – Redação sobre importância do acesso feminino à educação...96	
ANEXO A – Infográfico utilizado em sala sobre a violência de gênero.....	97
ANEXO B – Respostas dos alunos ao APÊNDICE C.....	98
ANEXO C – Respostas dos alunos ao APÊNDICE D (Questões 1 e 2).....	103
ANEXO D – Respostas dos alunos ao APÊNDICE K.....	104
ANEXO E – Respostas dos alunos ao APÊNDICE N.....	107

1 INTRODUÇÃO

Durante o curso da história da humanidade, o apagamento e silenciamento das mulheres tem sido algo comum. Na Filosofia, não seria diferente. Em um primeiro momento, questiona-se até a existência das mulheres em determinadas áreas de conhecimento. É comum pensar que as faculdades intelectuais eram restritas aos homens até certo momento histórico e, em um período mais recente, as mulheres equipararam-se e emergiram.

Ao deparar-me com a escassez de filósofas no curso de minhas pesquisas e ao longo da graduação, optei por buscá-las fora da área comum de conhecimentos. Sendo assim, tive uma grande dificuldade na busca de informações, mas descobri sua existência. Os materiais são escassos, pois os ‘grandes manuais de Filosofia’ tendem a ignorá-las compulsivamente. Entretanto, se elas existem e possuem ideias tão (ou mais) revolucionárias que seus contemporâneos homens, por que foram ignoradas? Senti a necessidade de propor-me a resgatá-las, de retomar suas ideias e propor um projeto de estágio versando sobre tal tema. Juliana Pacheco sintetiza bem a importância dessa recuperação da história feminina ao dizer que

Falar em *filósofas* é “destruir” toda uma tradição filosófica machista e misógina, a qual silenciou e ocultou não só a presença das mulheres pensadoras, como a contribuição delas para a história da filosofia. Ao se falar *filósofas* estaremos rompendo com anos de submissão e subordinação, estaremos fazendo justiça com aquelas mulheres que fizeram diferença e com as que atualmente também fazem a diferença. Falar *filósofas* é falar em “revolução” no sentido de transformação, de se mostrar indignada e revoltada com o poder estabelecido, poder este que acaba tornando a filosofia como um privilégio dos homens, onde a palavra *filósofos* é restrita, exclusiva e universalmente “masculinizada”.¹

Optei, portanto, por falar em filósofas. Lecionar sobre essas mulheres, dar voz a elas e ecoar suas ideias desempenha um papel fundamental na propagação da sua existência. Em um primeiro estágio, em 2017/2, lecionei acerca de ideias feministas e contra o Feminismo, a partir da análise argumentativa. O cerne de minha proposta foram conceitos básicos de Lógica e sua aplicação prática. Em um segundo momento, em 2018/1, concentrei-me no resgate histórico dessas mulheres. Eventualmente trabalhei alguns argumentos, porém o principal objetivo com essa experiência foi, através dos argumentos das filósofas, valorizá-las e resgatá-las. Em um terceiro e último momento, em 2018/2, foquei novamente na análise lógica. Contudo, utilizei o máximo possível os argumentos das autoras para fins de estudo e exemplificação.

¹ PACHECO, 2016, p. 9.

Uma vez que esses alunos não terão obrigatoriamente contato com filósofas, a menos que tenham esse interesse, emerge a necessidade de incentivá-los a partir do ato de questionar e refletir – em conjunto – a razão desse esquecimento seletivo delegado a todo um gênero. Assim, é importante instigá-los a essa discussão, fomentar este debate. Devem questionar, inclusive, a informação que eu, enquanto professora, estou passando. Desta maneira, podemos ser determinantes no desenvolvimento de sua consciência crítica. Enfatizo aqui o termo *desenvolvimento*, por defender que a capacidade crítica e o ímpeto questionador são intrínsecos ao ser humano.

Esse trabalho não é exclusivamente teórico, embora sua prática tenha exigido incessantes e longas rotinas de estudo. Consiste em um estudo de caso. A partir do conhecimento adquirido, organizei meu estágio, que ocorreu durante um ano e meio na E.E.E.M. República Argentina, em Porto Alegre/RS. Durante todo esse processo, para a esmagadora maioria das aulas, criei materiais didáticos, os quais constam nos apêndices.

Quanto à organização, inicio com o referencial teórico. Dividi este em duas partes, em razão do desconhecimento geral do objeto de estudo. Além de expor minhas referências no que tange ao processo educacional, considero necessário elucidar acerca das filósofas. Abordá-las não é análogo a citar seus contemporâneos homens, cujas teorias já são amplamente difundidas e examinadas à exaustão dentro da área da Filosofia. Por conseguinte, na segunda parte do referencial teórico, exponho brevemente suas ideias e histórias.

Na terceira parte exponho a parte prática desta experiência. Analiso a regência de classe, bem como seus desafios, problemas e aprendizados. Busquei, com este estágio, traçar alguns objetivos e a tentativa de alcançá-los. Nesta seção, indicarei os motivos que endossam a necessidade e aplicabilidade prática do ensino de mulheres. Na terceira seção, em um primeiro momento, selecionei e expus, de forma breve, os conteúdos discutidos em sala de aula, destacando os temas, objetivos, conceitos e recursos utilizados

. Durante a minha vivência como professora – o que já passou e ainda está por vir – considero a empatia e sensibilização com o outro como um dos pilares das interações sociais, para a formação de adultos conscientes e razoáveis em seus posicionamentos. Com isso em mente, tracei dois objetivos que vão ao encontro do desenvolvimento dessa competência humana tão essencial: a empatia. O primeiro seria sensibilizar os alunos acerca da situação social da mulher (seção 3.3.1), busco não uma homogeneização de pensamentos e sim o despertar de uma consciência crítica. A ideia foi oferecer os fatos (números de

violência, desigualdade salarial, leis, etc) e, a partir dessas informações, instigá-los a refletir.

Outra base da desigualdade de gênero é a representação feminina. No que tange a esta, tracei o segundo objetivo relacionado à empatia. Foi um trabalho, a partir dos mitos gregos, para entender o papel e representação históricos da mulher (seção 3.3.2).

O terceiro e quarto objetivos são de ordem filosófica e prática. Dado que não é comum trazer à luz da docência estas mulheres, torna-se indispensável que se aborde resultados práticos da utilização deste conteúdo. O terceiro foca na necessidade de estudar em classe, em termos filosóficos, essas autoras. Para tal, apliquei uma prova de análise das teses das autoras, à qual ocorreu satisfatoriamente e está descrita nas seções 3.3.3.1 e 3.3.3.1.2. A seção 3.3.3.2 foi dedicada à análise de redações, realizadas no terceiro estágio (2018/2), indagando sobre a importância do acesso à educação no processo de emancipação feminino, a partir de trechos de filósofas.

O quarto e último objetivo (3.3.4) trata da aproximação dos alunos com o texto filosófico, o qual foi fio condutor de toda a experiência dos três estágios. Para finalizar, nos apêndices constam materiais utilizados em sala, bem como as respostas deles a estes materiais nos anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REFERENCIAL PEDAGÓGICO

Segundo a definição de Ronai Rocha, a consciência crítica apresenta-se como uma espécie de bifurcação. Para o autor, “ela é, de um lado, uma virtude, fruto de aprendizado; de outro, todo ser humano a possui em grau mínimo, ao menos, pelo simples fato que somos essencialmente dependentes de *informações* para orientar as decisões cotidianas”². Sendo nós, seres humanos, dependentes de informações, buscaremos, naturalmente, as que consideramos verdadeiras para que possamos embasar nossos juízos. Logo, é inerente ao indivíduo o ato de pensar criticamente.

O aluno não é diferente. Diariamente pensa criticamente, mas não percebe. Cabe a nós, professores de Filosofia e das demais disciplinas, estimular a presença desse ímpeto em sala. É de nossa responsabilidade tornar o ambiente confortável o suficiente para que as questões surjam. O sistema de ensino tende a doutrinar o aluno na busca incessante da “resposta certa”. Essa situação é descrita perfeitamente na obra *Contestação: nova forma de ensino*. Os autores objetam que

o que os estudantes mais fazem na aula é adivinhar o que o professor quer que eles digam. Devem tentar, constantemente, fornecer ‘A Resposta Correta’. Parece não interessar muito se a matéria é inglês, ou história, ou ciência; seja qual for o caso, os estudantes *fazem* a mesma coisa.³

No ensino de Filosofia, devido a sua versatilidade, é viável a tentativa de desencorajar a busca da resposta correta, caso seja do interesse do professor agir desta maneira. No decorrer dos estudos – sejam eles vinculados à graduação ou não – descobrimos que conceitos indubitáveis para determinado(a) filósofo(a) podem ser terreno de dúvidas, incertezas e até mesmo incoerências para outro(a). Desta maneira, a aula de Filosofia *pode ser* um espaço aberto para a análise das tentativas de respostas (bem como sua construção e argumentação) a algumas questões fundamentais.

Na busca e questionamento dessas verdades fundamentais, considero importante traçar um método para que o processo filosófico não se torne vazio. Para tal, pretendo sintetizar os caminhos sugeridos em duas obras. Gaboardi, em *Um caminho para a diversidade de gênero no ensino de filosofia*, sugere um rumo traçado à partir de três princípios, ao abordar gênero em classe: “informação pura e simples”⁴, “exercício crítico”⁵

² ROCHA, 2008, p. 53.

³ POSTMAN e WEINGARTNER, 1971, p. 38.

⁴ GABOARDI, 2016, p. 24.

e a “consolidação do que foi aprendido, tanto em termos de conteúdos e argumentos, quanto em termos de habilidades e competências”⁶. Essas etapas serão norteadoras da presente proposta didático-filosófica. Fundamentando-se na informação apresentada aos estudantes, pretendi instigá-los à percepção crítica e, a partir de atividades e debates, consolidar esse conhecimento adquirido. Na investigação crítica, que precede a consolidação e aplicação dos conteúdos, enfatizei o papel destes como agentes no processo. Seria inútil que eu, enquanto professora, tentasse fazer desse processo uma exposição. Era necessário o envolvimento.

Entretanto, conjunta a estas três etapas – e igualmente indispensável – acrescento a sensibilização. Esse momento é essencial e tem a função de “chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema ‘afete’ os estudantes”⁷. Para esse fim, o autor defende a utilização da mais diversa gama de recursos, os chamados “elementos não-filosóficos”⁸. Estes podem ser livros, filmes, músicas e quaisquer outras fontes que possam conectar o tópico proposto em classe à realidade dos alunos. Esse contato inicial é crucial, uma vez que é ponto no qual o discente é cativado ou desinteressado pelo assunto. Embora ele possa retomar esse fascínio perdido em uma aula posterior, é mais difícil.

Partindo desses quatro passos (sensibilização, informação, exercício crítico e consolidação), entendo o processo de aprendizado como completo. Serão nesses termos que os estágios serão analisados e entendidos. O processo de transformar a informação em sensibilização e consolidar o conteúdo através do exercício crítico pode ocorrer na ordem exposta ou em uma ordem distinta, apenas sendo indispensável que a consolidação ocupe o último lugar.

Retomando a ideia da Filosofia como uma área de conhecimento repleta de dúvidas e incertezas – e, portanto, versátil – aponto um perigo da prática de lecionar. Enfatizo, nesse caso, a *possibilidade* de versatilidade na área filosófica. Se o educador não se interessar em inovar e buscar o aprendizado constante, está arriscando-se a seguir o caminho do comodismo. Risco, este, intrínseco à profissão, em todas as áreas. Pode parecer confortável não buscar inovações para tornar a aula interessante, apenas repeti-la constantemente ano após ano. Os autores novos surgem, novos debates surgem e alguns professores mostram-se apáticos à constante renovação do conhecimento. Com relação a este tópico, Freire reforça

⁵ Ibidem, p. 25.

⁶ Ibidem, p. 27.

⁷ GALLO, 2006, p 27.

⁸ Ibidem.

a necessidade da incessante busca por conhecimento. O autor objeta que

é neste sentido, por exemplo, que me aproximo de novo da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica. É nesse sentido que reinsisto em que *formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas.⁹

Nessa perspectiva, percebe-se uma semelhança na concepção de ensino de Postman e Weingartner e Freire. Mostram-se preocupados com a insistência tanto do discente em aprender e decorar uma resposta certa quanto do docente de treiná-lo exclusivamente para este fim. Freire entende o ser humano como incompleto, em um movimento de formação continuada e permanente. Sendo o professor antes de tudo humano, seria impossível ausentar-se deste papel. A curiosidade é natural ao indivíduo, a qual pode transmutar-se em uma postura crítica e questionadora. Para o autor, é mais importante formar o aluno do que doutriná-los a responder de forma correta.

Além disso, no que tange às realidades dos estudantes e de suas trajetórias de vida no processo educacional, Freire aponta que cabe tanto ao professor quanto ao corpo da escola

o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino de conteúdos.¹⁰

O professor deve, portanto, olhar sensivelmente esses cenários e buscar integrá-los com a prática da docência, procurando trazê-los para o debate. Seria incoerente educar rotulando os saberes e experiências de vida dos alunos como extraclasse, especialmente tratando-se da perspectiva do saber filosófico.

A vida dos alunos pode ser um importante ponto de partida através da livre-associação entre as vivências e o conteúdo da exposição, por exemplo. Nesse caso, a associação seria feita entre a ideia que a simples menção do conceito traz à mente dos alunos, de maneira instintiva. Usufruí diversas vezes dessa estratégia, principalmente ao provocar temas polêmicos e sensíveis em classe. Antes de apresentar a ideia da autora, indagava o que lhes remetia a simples menção do conceito. A partir das respostas, da contraposição ou semelhança das definições abarcadas por suas experiências, delineava os conceitos. Esforcei-me, sempre que possível, em trazer a vivência como aliada, não como uma situação desligada do processo de aprendizagem.

O autor segue com a seguinte questão: “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que

⁹ FREIRE, 2002, p. 15.

¹⁰ Ibidem, p. 33.

eles têm como indivíduos?”¹¹. Essa dúvida parece indispensável à prática da docência como a percebo. Parece incoerente ignorar a experiência dos alunos enquanto indivíduos e, no que tange ao gênero, parece absurdo negar às alunas o conhecimento das ideias filosóficas de suas semelhantes. À mulher, foi historicamente negado o acesso ao conhecimento e sua capacidade foi frequentemente posta em cheque. Simone de Beauvoir, filósofa francesa, aponta que entendemos o mundo a partir de nossa experiência. Segundo ela, nossa vivência é indiscernível do modo como percebemos o mundo. Logo, ela necessariamente entendia o mundo enquanto mulher e essa percepção tornar-se-ia inseparável de sua experiência social enquanto indivíduo.

Assim sendo, parece inconsistente ignorar o legado feminino na Filosofia, seja para oportunizar o conhecimento de algo incomum aos alunos, seja para relacionar-se com a experiência individual feminina. Apoiar-se na tradição filosófica e ignorar metade do gênero humano é uma atitude – embora comum – inadequada. Organizar planos de aula escolhendo temas filosóficos apoiando-se no comum, justificando que “sempre foi assim”, é um retrocesso.

Reforço que, para haver o resgate das filósofas foi necessária a criação e diagramação de muitos materiais, uma vez que há pouco (ou quase nenhum) material didático acessível da área. Saliento também o quanto o recorte e olhar atento à classe e à raça são essenciais ao entendimento e valorização da experiência social do aluno. Sempre que possível, introduzi esses temas, embora meu foco neste projeto fosse gênero.

Busquei trazer, desta maneira, uma gama de filósofas para mostrar sua existência. Respondendo positivamente ao questionamento de sua existência e fornecendo ferramentas para análise, caberia a eles a reflexão do motivo de não haver espaço no ensino tradicional de Filosofia para filósofas. Para tal, analisarei a experiência tanto da pesquisa quanto do estágio. Pretendo versar sobre as dificuldades de lecionar e do acesso precário às informações acerca desse conhecimento. Para fins explicativos, listarei abaixo as filósofas escolhidas para serem destacadas. Essa exposição faz-se necessária em virtude da escassez de materiais e do interesse geral em suas obras. É com surpresa e alegria que enfatizo a necessidade de selecionar autoras, uma vez que seria impossível abordar a totalidade de mulheres que produziram filosoficamente.

¹¹ Ibidem, p.34.

2.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FILÓSOFAS DESTACADAS

A Filosofia Antiga caracteriza-se pela representação através do mito. O mito desempenhava um papel moral, explicando a origem e existência das coisas. Graças ao mito, “mistifica-se a morte e transcende-se a existência”¹², “apazigua-se o fim e exalta-se a pessoa humana”¹³. Seria uma maneira de transcender a vida e imortalizar-se. A Filosofia surge como uma alternativa a esse saber mítico, baseada na razão. Contudo, em seu início a Filosofia mescla-se com outros saberes e áreas (como astronomia, ciência, matemática, medicina, etc).

A primeira pessoa que se tem registro a ter assinado as próprias obras¹⁴ é uma das filósofas abordadas. Enheduana era suméria, sacerdotisa do templo da lua e viveu no século XXIII a.C.. Seus textos consistiam, em sua maioria, em hinos de exaltação à deusa Inanna. Ora ela retratava a deusa como um ser que trazia coisas boas à vida terrena, ora ela a retratava como um ser cruel que trazia a destruição.

Com relação à Filosofia oriental, abordei apenas Lopamudra, uma indiana, que viveu em meados de 800 a.C., casada com o sábio Agastya. Também era conhecida como Kaushitaki ou Varaprada¹⁵. Conta-se que ela foi criada por Agastya, para ser a esposa perfeita para um retirante (que, no caso, era o caminho que o sábio escolhera para sua vida). Ela aceitou seguir junto com ele sob a condição de que ele a presenteasse com o conhecimento, ensinando-lhe o que sabia. O *Rig Veda* – livro sagrado da Índia Antiga – é repleto de diálogos entre os dois, nos quais ela demonstra sua sapiência e eloquência.

Como representante da filosofia egípcia, nesse contexto, optei por Maria – a judia. Foi uma alquimista, que viveu em meados de 235 a.C, sendo responsável por duas invenções importantes: o *kerotaki*, “que era usado como um aparelho para amolecer os metais e misturá-los com agentes corantes”¹⁶ e o banho-maria. O segundo recebeu esse nome em homenagem à sua descobridora, a qual “percebeu que era possível controlar melhor a temperatura das substâncias com o auxílio da utilização da água”¹⁷, criando o método.

Além dessas duas, as demais filósofas da antiguidade contempladas por essa análise, são, em sua maioria, gregas. Temistocleia foi uma filósofa, matemática e profetisa de Delfos. Viveu na Grécia Antiga, datada do século VI a.C. Sua sabedoria foi reconhecida por Diógenes

¹² FAJARDO, 2015, p.1.

¹³ Ibidem.

¹⁴ ZARELLI, 2017.

¹⁵ LINDEMANN, 2014.

¹⁶ COSTA; PIVA; SANTOS, p. 600.

¹⁷ Ibidem.

Laércio, que afirma que Pitágoras herdou sua doutrina moral dela¹⁸.

Também matemática e grega, Theano era contemporânea a Temistocleia. Ela foi aluna e depois esposa de Pitágoras, assumindo sua escola após a morte do marido, junto com as filhas¹⁹. Ela acreditava que a reencarnação do homem poderia ser em um corpo não-humano como forma de punição por alguma ação realizada em vida. Segundo Theano, o universo segue leis próprias e organiza-se de uma maneira particular. O mal e as ações contrárias à ética seriam uma maneira de desequilibrar essa ordem do cosmos, contrariando suas leis²⁰.

Outra pensadora importante ligada à matemática foi Hipátia de Alexandria. Datada de meados de 415 d.C., interessou-se por filosofia, matemática, astronomia, física, mecânica e tecnologia prática²¹. Possuía uma concepção esotérica de Filosofia, distinguindo-a da ciência. Não se tem registros dela escrevendo sobre Filosofia, entretanto é sabido que “a filosofia lhe proporcionou a base teórica para compreender e ampliar as mais poderosas teorias matemáticas, geométricas e astronômicas de seu tempo”²². Era detentora de grande prestígio e reconhecimento intelectual.

Era – e ainda é – comum às mulheres o desempenho do papel de educadoras. Com as filósofas, não foi diferente. Safo de Lesbos foi uma educadora – especula-se que integrante da aristocracia – nascida entre 630 e 612 a.C., na cidade grega de Lesbos. Reconhecida por Platão com a Décima Musa²³, ensinava música e poesia, em uma escola só para meninas. Suas alunas ficavam sob sua tutela desde a puberdade até o casamento. Compunha cantos para casamentos²⁴ e eventos, sendo muito respeitada na sociedade.

Aspásia de Mileto também foi conhecida por ter administrado uma escola só para meninas que, posteriormente transformou-se em um salão para debates²⁵. Professora, originária de Mileto, na Grécia, chegou a Atenas por volta de 450 a.C. Acredita-se que tenha vivido de 470 a 410 a.C. Estrangeira em Atenas, não era vista como uma cidadã, o que lhe negava o direito ao casamento. Ela e Péricles apaixonaram-se e ele deixou a esposa para que pudessem viver juntos. Sócrates confirma a existência de Aspásia, no diálogo *Menêxeno* e assente que aprendeu com ela a arte da retórica, bem como atribui a ela a autoria do discurso

¹⁸ PIOVEZANI, 2016, *As Mulheres na Filosofia: A Antiguidade*, p. 23.

¹⁹ *Ibidem*, p. 26.

²⁰ WAITHE, 1987, p.14.

²¹ PIOVEZANI, 2016, *As Mulheres na Filosofia: A Antiguidade*, p. 60.

²² *Ibidem*.

²³ ROBLES, 2006.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ PIOVEZANI, 2016, *As Mulheres na Filosofia: A Antiguidade*, p. 40.

funerário de Péricles na Guerra do Peloponeso²⁶. Da mesma maneira que Platão, ela opunha a opinião verdadeira ao conhecimento, apontando que a retórica pode ser utilizada para enganar as pessoas²⁷.

Na obra platônica, além de Aspásia, temos outra personagem feminina: Diotima de Mantinea, que aparece no diálogo *O Banquete*. Estima-se que tenha vivido no século V a.C., na Grécia. Foi uma estrangeira que foi chamada a Atenas em uma tentativa de afastar a peste, o que efetivamente fez durante dez anos. Ensinou a Sócrates a chamada doutrina do amor, a qual se centra na busca de um(a) companheiro(a) para procriação. O objetivo dessa união é tornar-se imortal, a partir desse filho(a). Segundo ela, o indivíduo venceria a morte através da procriação, ao deixar algo novo semelhante ao antigo (o filho semelhante ao pai) na Terra.

Axiotea de Filos foi uma discípula de Platão, que ensinou física em sua Academia. Ela viveu na Grécia, entre 393 e 270 a.C. Na filosofia platônica, a educação igualitária é defendida em *A República*. Para as mesmas funções, deve-se fornecer a mesma instrução, independente do sexo. Segundo Temístio, Axiothea leu *A República* e então viajou para Atenas para ser discípula de Platão, disfarçada de homem²⁸.

Makrina, grega e contemporânea a Axiothea, viveu em meados de 371 a.C. Para ela, não havia uma diferença substancial na natureza da alma do homem em relação à alma da mulher²⁹. De acordo com sua teoria, aquilo que ditava o caminho de cada um seriam suas escolhas, não uma condição natural de predestinação, pois o que era intrínseco ao ser humano – independente do sexo – era a capacidade de raciocínio lógico³⁰.

Assim como a esmagadora maioria das filósofas antigas abordada, Hipárquia de Maroneia era grega. Datada de meados de 325 a.C., escolheu viver, ao lado do marido Metrócles, uma vida de pobreza cínica³¹. Os dois vagavam pelas ruas de Atenas, em condições de igualdade. A igualdade estendia-se ao comparecimento em eventos nos quais não era comum – ou mesmo bem vista – a presença das mulheres, bem como a viagens, nas quais aconselhavam os outros à renúncia das posses³².

A Filosofia Medieval, por sua vez, tem um caráter intimamente ligado à religião.

²⁶ PLATÃO, *Menêxeno*, 236a-b.

²⁷ PIOVEZANI, 2016, *As Mulheres na Filosofia: A Antiguidade*, p. 40.

²⁸ *Ibidem*, p. 41.

²⁹ *Ibidem*, p. 63.

³⁰ WAITHE, 1987, p.145.

³¹ “A propósito, o nome cínico, provavelmente deriva do termo grego *kyon* (cão). O seu jeito de agir e de se comportar deve ter contribuído e reforçado a ideia do filósofo “cão”. Caracterizavam-se por seu visual; andavam descalços, com um manto, um bastão e uma sacola. Seu modo de vida estava baseado na natureza, ou seja, imitavam a natureza.” (Trecho contido em nota explicativa de SILVA, 2008, p. 57).

³² PIOVEZANI, 2016, *As Mulheres na Filosofia: A Antiguidade*, p. 43.

Questões que antes eram respondidas através da ciência, passam a ser respondidas através das Escrituras Sagradas. Com relação ao acesso ao conhecimento, principalmente às mulheres, foi uma época complicada. Entretanto, foi nessa época que surgiram os mosteiros femininos, que desempenharam um papel essencial no processo de adquirir conhecimento, aparecendo como uma alternativa às mulheres que desejavam instruir-se. Segundo Gobson e Waithe:

A importância dos mosteiros não pode ser superestimada como fontes de espiritualidade, aprendizado e autonomia no período feudal, intensamente masculinizado e militarizado. Contudo com seus membros dos mais altos níveis da sociedade, os mosteiros para mulheres forneceram uma saída para a energia e a ambição de mulheres com força de vontade, bem como posições de considerável autoridade.³³

Desta maneira, podemos compreender a importância dos mosteiros femininos no cenário medieval. Embora restritos às classes dominantes, era um espaço seguro às mulheres. Rodeadas de outras mulheres com interesses semelhantes, iniciavam sua incessante – e permanente – busca de conhecimento. Por sua posição privilegiada e sua indiscutível sabedoria, eram socialmente respeitadas, consideradas como autoridades.

Hildegard Von Bingen foi uma visionária, filósofa, compositora, pregadora, escritora e poetisa³⁴, que fundou seu próprio convento em 1147, na cidade de Rupertsberg. Nascida na Alemanha, em 1098, morreu em 1179. Aos 15 anos optou por ir para o mosteiro e aos 43 anos recebeu uma ordem divina para publicar suas visões, as quais ocorriam desde os 3 anos de idade. Falava de temas como cosmologia, ética, música, medicina e poesia mística³⁵.

Tinha uma percepção cosmológica do Universo, na qual, o ser humano guardava as proporções do mundo em seu próprio corpo³⁶. Cada indivíduo corresponde a um microcosmo, um universo menor no grande macrocosmo da Natureza. Por nossas ações afetarem a organização cosmológica, ela alertava para os perigos de exceder a moderação e ignorar nosso reflexo no universo. Sua ética natural fala sobre as responsabilidades do ser humano com as consequências de suas atitudes.

A filósofa Na Prous Bonnet, também relatava visões, nas quais falava com Deus. Essa situação era recorrente na Filosofia Medieval. A partir destas, tinha fortes crenças na corrupção espiritual da Igreja, ao ponto de defender que a mesma “não possuía mais nenhuma autoridade divina e que, portanto, os sacramentos eram inúteis e as pessoas deveriam buscar Deus por conta própria”³⁷. Francesa, viveu entre 1296 e 1395, em um convento, sendo

³³Tradução livre de GIBSON; WAITHE. In: WAITHE, 1989, p. xx (Introduction).

³⁴ CACHOEIRA, 2016.

³⁵ PIOVEZANI, *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*, p. 28.

³⁶ WAITHE, 1989.

³⁷ PIOVEZANI, *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*, p.49.

condenada e morta na fogueira pela inquisição.

Contemporânea a Hildegard e alemã, surge Herrad de Hohenbourg. Viveu de 1130 a 1195. É de sua autoria a primeira enciclopédia escrita para mulheres chamada *Hortus Deliciarum* (Jardim das Delícias)³⁸. Essa obra versa sobre filosofia, religião e história.

Entendia a Filosofia como

uma mulher de cujas mãos fluem sete regatos de sabedoria para Sócrates e Platão sentados dentro de um círculo cercado pelas sete artes liberais (*Trivium*: lógica ou dialética, gramática e retórica; *Quadrivium*: aritmética, música, geometria e astronomia), que também são mulheres.³⁹

Outra pensadora do Medievo foi Christine de Pizan. Foi uma filósofa nascida na Itália, mas viveu na França. Nasceu em 1363 e morreu em 1430. Viveu de sua arte, a escrita⁴⁰. Com o auxílio do pai, aprendeu latim e filosofia, não precisando recorrer aos mosteiros para ter acesso à educação. Sua principal obra foi a *Cidade das Damas* (1405), na qual três damas – as filhas de Deus – apresentam-se a ela. São elas: Razão, Retidão e Justiça. O livro é uma narrativa alegórica que se propõe a catalogar personalidades femininas virtuosas, visando provar que esse tipo de mulher não é um acidente. Sua tese principal é o acesso igualitário à educação.

A Idade Moderna será um momento de rompimento com a Idade Média. Influenciados pelas ideias iluministas, a Filosofia dessa época começou a trazer a noção de questionamento à ordem vigente. Movimentos como a Revolução Francesa, cujo lema era “liberdade, igualdade e fraternidade” surgem fortes, questionando a desigualdade econômica. Também surgem movimentações antiescravagistas e pelos direitos das mulheres. Nessa época, a tese da educação igualitária a homens e mulheres ganha bastante destaque.

Mary Astell foi uma pensadora inglesa, que viveu no período de 1666 a 1731. Cristã, defendia que a mulher ser submetida ao homem não era uma vontade divina, e sim masculina. Para ela, se Deus criou a mulher e lhe concedeu a razão, era para que a desenvolvesse, uma vez que não cria nada em vão.⁴¹ Em *Uma Proposta Séria às Mulheres* (1694), objetiva que mulheres são intelectualmente tão capazes quanto homens. Sendo assim, se educadas como os homens, podem atingir níveis equivalentes. Então, propõe que as escolas deveriam ter currículos similares a meninos e meninas⁴².

Outra filósofa da época foi Marie de Gornay. Autodidata, interessou-se mais nos

³⁸ PIOVEZANI, 2016, *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*, p. 35.

³⁹ *Ibidem*, p. 35.

⁴⁰ KARAWEJCZYK, 2016, p. 104.

⁴¹ ASTELL *apud* WAITHE, 1991, p. 90.

⁴² WAITHE, 1991.

estudos do que nas tarefas domésticas, nas quais era esperado que tivesse êxito⁴³. Segundo sua concepção de conhecimento, ele advém da experiência cultural⁴⁴. Na obra *A Igualdade dos Homens e das Mulheres* (1622) defende que homens e mulheres são racionalmente iguais e, a partir da autoridade de filósofos, usa exemplos para mostrar que mulheres que destacavam em atividades racionais ditas masculinas (como a vida pública) não eram acidentadas⁴⁵.

Com ideias semelhantes à Gournay, Mary Wollstonecraft objetava que as mulheres, através de um sistema educacional falho – monopolizado por livros escritos por homens –, eram criadas para serem belas e agradáveis, ou seja, meros acessórios aos homens. A solução seria mudar o foco da existência feminina da busca da beleza para a busca da razão, através de uma revolução educacional, uma vez que, em posse dos mesmos recursos, mulheres poderiam chegar aos mesmos lugares que homens⁴⁶. Mary foi uma filósofa inglesa, que nasceu em 1759 e morreu em 1797. Sua principal obra foi *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (1792).

Olympe de Gouges, por sua vez, foi uma filósofa que viveu no coração da Revolução Francesa. Viveu de 1748 a 1793. Em 1789, de autoria dos revolucionários, foi escrita a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (1789). Em resposta, ela escreve a *Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã* (1791). Nesse documento, opõe-se à desigualdade entre homens e mulheres, tanto no âmbito social quanto dentro dos relacionamentos. Dirige-se diretamente à mulher, convidando-a a ser agente na mudança da condição de seu sexo. Opõe-se abertamente à escravidão e à Robespierre. Acaba guilhotinada.

A Filosofia Contemporânea (que segue em curso até os dias atuais) tem um caráter fortemente político e científico. No final do século XIX, ocorrem descobertas científicas importantes, que revolucionam o modo de se pensar o mundo e o ser humano, destacando-se teorias de autores como Darwin, Freud e a revolução copernicana do conhecimento proposta por Kant. O homem moderno surge cheio de dúvidas e questionamentos. Em meados de 1960, com o ápice do movimento contracultural e da exigência dos direitos pelas minorias (mulheres, pobres, negros), configura-se mais enfaticamente o caráter político. Surge uma diversidade de autores(as) que falam sobre a condição social desigual da mulher, do negro, do operário e do pobre.

Uma filósofa importante que aborda a tecnologia e seu papel na sociedade de massas é Hannah Arendt. Foi uma filósofa alemã, nasceu em 1906 e faleceu em 1975. Em sua obra *A Condição Humana* (1958) argumenta que a mulher era delegada ao espaço privado (dentro do

⁴³ PIOVEZANI, 2016, *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*, p.65.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem, p. 68

⁴⁶ WOLLSTONECRAFT, 2017.

lar), enquanto o homem era livre também no espaço público. Para ela, a particularidade do ser humano era a ação⁴⁷. Esse agir era um agir político, centrado na ação e no discurso. O público era a esfera da existência humana na pólis grega, sendo o espaço de afirmação da individualidade. Na sociedade de massas, esse conceito ressignificou-se, delegando ao privado o espaço para expressão da individualidade.

Simone de Beauvoir, assim como Arendt, falava sobre o espaço restrito da mulher ao lar. Entretanto, o viés de sua teoria, exposto principalmente na obra *O Segundo Sexo* (1949), é entendido a partir do processo de socialização da mulher. Para a autora, a estrutura social – essencialmente masculina – delega à mulher o papel de outro. Como filósofa existencialista, acredita que compreendemos o mundo a partir de nossas experiências vividas. Sendo mulher, é necessário falar dessa condição em seus escritos, pois é a partir desta que ela entra em contato com o mundo. Teve acesso à educação de qualidade, devido à condição financeira de sua família, frequentando a *Sorbonne*. Viveu de 1908 a 1986.

Os escritos de Beauvoir foram fundamentais para influenciar o que viria a ser a Segunda Onda Feminista. Betty Friedan foi uma pensadora e importante ativista política norte-americana, que viveu de 1921 a 2006. Seu livro *A Mística Feminina* (1963) foi importante para fomentar a Segunda Onda Feminista. Nele, discute a crise de identidade da mulher dona-de-casa, reduzida ao papel de esposa e mãe. Esta mulher, que antes almejava uma carreira, agora deveria aspirar novamente ao casamento. Sendo assim, é corroída pela insatisfação, sensação de vazio e de “não existir”. O recorte desta obra consiste em donas-de-casa de classe média, brancas e casadas. A chamada “mística feminina” é tão criticada pela autora por endossar a tese de que as mulheres deveriam realizar-se como esposas e mães.

Contemporânea a Friedan, Angela Davis é uma filósofa norte-americana e militante política, que nasceu em 1944. Sendo mulher, negra e comunista, sua obra possui o olhar atento ao recorte de gênero, raça e classe. Sua obra *Mulheres, Raça e Classe* (1981) versa sobre os direitos dos negros, desmitificando alguns mitos racistas e defendendo o acesso do negro à educação.

⁴⁷ ARENDT, 1991.

3 ANÁLISE DO ESTÁGIO

3.1 IDENTIFICAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

O estágio foi realizado na E.E.E.M. República Argentina (Av. Bogotá, 789 – Porto Alegre/RS), conforme tabela abaixo:

Estágio (semestre)	Ano do Ensino Médio	Número aproximado de alunos
2017/2	3º (Turma A)	Média: 4 a 8 alunos Mínimo: 1 aluno
2017/2	3º (Turma B)	Média: 12 a 15 alunos Mínimo: 4 alunos
2018/1	1º	Média: 16 a 22 alunos Mínimo: 7 alunos
2018/2	3º	Média: 16 a 20 alunos Mínimo: 7 alunos

3.2 CONTEÚDO PRAGMÁTICO

3.2.1 Estágio I (2017/2)

Semana 1 – 09/11/2017

Tema: Origem da desigualdade de gênero e a luta feminista

Conceitos

Socialização feminina; desigualdade; mudança comportamental; direito; sufrágio; escolha; maternidade *versus* carreira; reivindicação; liberdade sexual

Objetivos

- Abordar a origem social da desigualdade de gênero e introduzir a perspectiva histórica das duas ondas feministas, caracterizando-as.
- Provocar a reflexão sobre a importância histórico-filosófica do movimento feminista e suas consequências para os direitos das mulheres.

Estratégias de ensino

- A partir da escolha profissional, introduzir conceito.

- Dialogar sobre profissões tipicamente femininas ou masculinas.
- Questionar viés dessa desigualdade entre homens e mulheres: física, psíquica ou social?
- Apresentar as reivindicações femininas nas duas ondas.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICES A e B); quadro; áudio (Música *Desconstruindo Amélia* – Pitty)

Semana 2 – 16 e 17/11/2017

Tema: O machismo afeta a todos

Conceitos

Machismo; homofobia; homossexualidade; bissexualidade; transexualidade

Objetivos

- Abordar diferentes padrões de relacionamento e diferentes sexualidades.

Estratégias de ensino

- A partir do vídeo, introduzir o debate acerca dos padrões esperados de masculinidade e feminilidade.
- Inserir dados para fomentar a discussão sobre o quão problemático é tudo que tangencia a este padrão.
- Abordar a diversidade: homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e diferentes padrões de relacionamento (outros além da monogamia).

Recursos didáticos

Documentário *The Mask You Live In* (2014)

Semana 3 – 22/11 e 24/11/2017

Tema: Violência de gênero

Conceitos

Direito; liberdade; desigualdade; violência; abuso; agressão; opressão

Objetivos

- Despertar a reflexão sobre a violência contra a mulher.

Estratégias de ensino

- A partir da música e infográfico, dialogar sobre a violência.
- Debater os diferentes tipos de violência.
- Executar atividade individual.

Recursos didáticos

Material impresso (ANEXO A) e material impresso autoral (APÊNDICE C); áudio (Música *Maria da Vila Matilde* – Elza Soares)

Semana 4 – 29/11 e 01/12/2017

Tema: Lógica e análise argumentativa

Conceitos

Lógica; proposição; argumento (solidez e validade); bom argumento; premissa; conclusão; valor de verdade; análise argumentativa

Objetivo

- Introduzir alguns conceitos de Lógica, através do material e aplicar os conhecimentos adquiridos.
- Analisar, criticamente, teses e argumentos contra e em defesa do Feminismo.
- Aplicar e fixar conceitos de Lógica.
- Refletir acerca das teses e argumentos reconstruídos.
- Avaliar, individualmente, a compreensão do aluno acerca dos temas trabalhados.

Recursos didáticos

Material impresso autoral

Semana 5 – 08/12/2017

Tema: Conclusão de atividades e encerramento do estágio

Conceitos

Lógica; proposição; argumento (solidez e validade); bom argumento; premissa; conclusão; valor de verdade; análise argumentativa.

Objetivo

- Dedicar período extra para conclusão das atividades e indagá-los acerca da experiência educacional.

Recursos didáticos

Quadro

3.2.2 Estágio II (2018/1)

Semana 1 – 02/04/2018

Tema: Introdução às filósofas/representação feminina nos mitos

Conceitos

Medusa; Hera; percepção do feminino; faces (raiva, dor, sensualidade)

Objetivos

- Contrapor as diferentes representações da mulher nos mitos gregos.
- Justificar e apresentar o projeto didático-filosófico.
- Desmitificar representações do feminino.

Estratégias de ensino

- Apresentar mito como alternativa de explicação à existência das coisas e abordar seu carácter moral.
- A partir do livro selecionado pelo professor⁴⁸ e do de Robles⁴⁹, utilizar imagens das personagens Hera e Medusa. Com essas imagens anexadas ao quadro, analisar, em conjunto com estudantes, sua fisionomia e o mito como era tradicionalmente representado.

Recursos didáticos

Livro *As mais belas histórias da antiguidade clássica*⁵⁰; livro *Mulheres, Mitos e Deusas: O feminino através dos tempos*⁵¹; imagens impressas; quadro

Semana 2 e 3 – 24/04 e 06/05/2018

Tema: O mito das amazonas

Conceitos

Representação; desigualdade; amazonas; Hipólita; Antíope; Diana; Doutora Veneno; percepção da mulher nos mitos, filme e HQ

Objetivos

- Contrapor as diferentes representações da mulher nos mitos gregos.
- Desmitificar representações do feminino.
- Apresentar as diferentes versões do mito grego.
- Problematizar a representação contida no livro utilizado pelo professor.

⁴⁸ SCHWAB, 1996.

⁴⁹ ROBLES, 2006.

⁵⁰ SCHWAB, 1996.

⁵¹ Ibidem.

Estratégias de ensino

- A partir da leitura do mito e slides, dialogar sobre as Amazonas.
- A partir de slides, apresentar alternativas ao mito contado no livro de Schwab.
- A partir dos trechos do filme, retomar desigualdade e história das amazonas, bem como sua representação na HQ.

Recursos didáticos

Livro *As mais belas histórias da antiguidade clássica*⁵²; slides; filme *Mulher-Maravilha* (2017).

Semana 4 – 11/05/2018

Tema: Filósofas na antiguidade

Conceitos

Enheaduana; Lopamudra; Temistocleia; Safo; Theano; Aspásia; Diótima; Axiothea de Filos; Hipárquia de Maroneia; Maria, a judia; Hipátia de Alexandria; Makrina

Objetivos

- Aproximar estudantes do texto filosófico.
- Iniciar contato com as filósofas.

Estratégias de ensino

- A partir do material fornecido, abordar existência e ideias de algumas filósofas antigas.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICE E); quadro

Semana 5 – 18/05/2018

Tema: Atividade avaliativa (antiguidade)

Conceitos

Representação e percepção do feminino; mito das amazonas

Objetivos

- Avaliar a compreensão dos alunos sobre as diversas representações do feminino, bem como seus estereótipos.

Estratégias de ensino

- A partir da atividade entregue, avaliar a compreensão acerca dos temas abordados.

⁵² Ibidem.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICE D)

Semanas 6 e 7 – 24/05 e 08/06/2018

Tema: Filósofas medievais

Conceitos

Proposição; argumento (solidez e validade); bom argumento; premissa; conclusão; valor de verdade; Hidelgard Von Bingen; Christine de Pizan

Objetivos

- Introduzir conceitos.
- Analisar argumentos filosóficos.

Estratégias de ensino

- A partir do material entregue, abordar as filósofas medievais.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICES F e G)

Semana 8 – 20 e 21/06/2018

Tema: Filósofas iluministas

Conceitos

Revolução Francesa; Iluminismo; Mary Astell; Marie de Gornay; Mary Wollstonecraft; Olympe de Gouges; educação feminina

Objetivos

- Introduzir a ideia de mulheres filósofas iluministas, bem como suas demandas e particularidades.
- Analisar argumentos filosóficos.
- Refletir acerca das teses e argumentos reconstruídos.

Estratégias de ensino

- A partir do material entregue e do quadro, abordar as filósofas.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICES H e I); Livro *O Grande Livro da Filosofia*⁵³; quadro

⁵³ BUCKINGHAM, 2011, p. 175.

Semana 9 – 27/06/2018

Tema: Filósofas contemporâneas

Conceitos

Público; privado; Hannah Arendt; direito; sufrágio; escolha

Objetivos

- Elucidar acerca do público e privado em Hannah Arendt e Primeira Onda Feminista.

Estratégias de ensino

- A partir do quadro, expor as ideias da autora e a perspectiva histórica da primeira onda feminista.

Recursos didáticos

Quadro

Semana 10 – 06/07/2018

Tema: Luta feminista e autoras contemporâneas

Conceitos

Mudança comportamental; direito; sufrágio; escolha; maternidade *versus* carreira; reivindicação; liberdade sexual; mística feminina; racismo; desigualdade social

Objetivos

- Abordar a origem social da desigualdade de gênero.
- Introduzir a perspectiva histórica das duas ondas feministas, caracterizando-as.
- Provocar a reflexão sobre a importância histórico-filosófica do movimento feminista e suas consequências para os direitos das mulheres.
- Refletir acerca de questões de raça, classe e situação feminina.
- Abordar Betty Friedan, Angela Davis e Simone de Beauvoir.

Estratégias de ensino

- Apresentar as reivindicações femininas nas duas ondas.
- Apresentar a ideia das autoras.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICES B e J); livro *O Grande Livro da Filosofia*⁵⁴; quadro

Semana 11 – 13/07/2018

Tema: Avaliação (medievais, iluministas e contemporâneas)

Conceitos

Hidalgard; Olympe de Gouges; Hannah Arendt; Angela Davis; Simone de Beauvoir

Objetivos

- Estimular o contato com o texto filosófico.
- Avaliar a compreensão do aluno acerca dos temas trabalhados.

Estratégias de ensino

- A partir da prova, avaliar os objetivos.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICE K)

3.2.3 Estágio III (2018/2)**Semana 1 – 06/09/2018**

Tema: Lógica e análise argumentativa

Conceitos

Lógica; proposição; argumento (solidez e validade); bom argumento; premissa; conclusão; valor de verdade; análise argumentativa

Objetivos

- Introduzir alguns conceitos de Lógica, bem como aplicar os conhecimentos adquiridos.
- Refletir acerca das teses e argumentos reconstruídos.

Recursos didáticos

Quadro

⁵⁴ BUCKINGHAM, 2011, p. 276-277.

Semanas 2 e 3 – 13/9 e 11/10/2018

Tema: Análise argumentativa

Conceitos

Premissa; conclusão; bom argumento; solidez; validade

Objetivos

- Apresentar os conceitos lógicos.
- Analisar, criticamente, os argumentos em diferentes fontes (livros, jornais, músicas e textos filosóficos).
- Aplicar e fixar de conceitos de Lógica.
- Refletir acerca das teses e argumentos reconstruídos.
- Aproximar alunos do texto filosófico.

Estratégias de ensino

- A partir do material, instigar a análise e reflexão.
- Apresentar a ideia das autoras.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICE L); quadro

Semana 4 – 18/10/2018

Tema: Lógica e análise argumentativa

Conceitos

Lógica; proposição; argumento (solidez e validade); bom argumento; premissa; conclusão; valor de verdade; análise argumentativa

Objetivo

- Análise argumentativa de teses e argumentos contra e em defesa do Feminismo.
- Aplicação e fixação de conceitos de Lógica.
- Reflexão acerca das teses e argumentos reconstruídos.
- Avaliação individual da compreensão do aluno acerca dos temas trabalhados.

Recursos didáticos

Material impresso autoral

Semana 5 – 25/10/2018

Tema: Atividade avaliativa de análise argumentativa

Conceitos

Premissa; conclusão; bom argumento; solidez; validade.

Objetivos

- Identificar premissas e conclusões.
- Analisar os argumentos de diferentes fontes (livros, jornais, músicas e textos filosóficos).
- Aplicar e fixar conceitos de Lógica.
- Refletir acerca das teses e argumentos reconstruídos.
- Aproximar alunos do texto filosófico

Estratégias de ensino

- Avaliar a compreensão do aluno acerca dos temas trabalhados.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICE M)

Semana 6 – 25 e 26/10/2018

Tema: Ondas Feministas

Conceitos

Socialização feminina; desigualdade; mudança comportamental; direito; sufrágio; escolha; maternidade *versus* carreira; reivindicação; liberdade sexual

Objetivos

- Abordar a origem social da desigualdade de gênero.
- Introduzir a perspectiva histórica das duas ondas feministas, caracterizando-as.
- Provocar a reflexão sobre a importância histórico-filosófica do movimento feminista e suas consequências para os direitos das mulheres.

Estratégias de ensino

- A partir do material e do documentário, apresentar as reivindicações femininas nas duas ondas.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICE B); documentário *She's Beautiful When She's Angry* (2014)

Semana 7 – 30/10/2018

Tema: Acesso feminino à educação

Conceitos

Revolução Francesa; Iluminismo; Idade Média; Christine de Pizan; Mary Wollstonecraft; educação feminina

Objetivos

- Introduzir a ideia de mulheres filósofas, bem como suas demandas e particularidades.
- Analisar argumentos filosóficos.
- Refletir acerca das teses e argumentos reconstruídos.
- Aproximar estudantes do texto filosófico.

Estratégias de ensino

- A partir do material entregue e do quadro, abordar as filósofas.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICE F); quadro

Semana 8 – 06/11/2018

Tema: Acesso feminino à educação

Conceitos

Revolução Francesa; Iluminismo; Idade Média; Christine de Pizan; Mary Wollstonecraft; educação feminina.

Objetivos

- Aproximar estudantes do texto filosófico.
- Instigar reflexão e sensibilização acerca da questão feminina.
- Avaliar, individualmente, a compreensão dos temas tratados.

Estratégias de ensino

- A partir do material entregue, avaliar a compreensão dos temas.

Recursos didáticos

Material impresso autoral (APÊNDICE N); quadro

3.3 ANÁLISE DOS OBJETIVOS

3.3.1 Objetivo: Sensibilização e reflexão acerca da condição feminina

De acordo com os passos expostos no referencial pedagógico do presente trabalho, a tentativa de alcançar esse objetivo deu-se através das aulas (momentos de sensibilização) e informações, culminando na atividade individual (consolidação), a qual valorizava a capacidade de elucidar de forma crítica e coesa as opiniões (exercício crítico). O estágio em si foi organizado com esse enfoque, buscando a identificação das meninas com suas vivências e a empatia por parte dos meninos. A estratégia mais utilizada foi a informação. O estágio durou quatro semanas, das quais três foram dedicadas ao processo de sensibilização. Para que a atividade fosse viável, tornar-se-ia indispensável o contato com os dados e debates fomentados. Desta maneira, embora analise a atividade final, o processo é bem mais abrangente do que isto.

Na primeira semana do estágio I, em 2017/2 (vide tabela acima), abordou-se a desigualdade através da perspectiva do mundo do trabalho e da desigualdade salarial. A partir de uma livre-associação de conceitos a ideias intuitivas, provoqueei-os para que pensassem profissões que eles associam tipicamente a homens ou mulheres. Como no referencial teórico do presente trabalho, retomo a importância da livre-associação. Com essa ferramenta aliada à experiência da aula, o discente pode trazer suas vivências, enriquecendo o debate e auxiliando na produtividade. Reescrevo a pergunta de Freire: “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”⁵⁵. Argumento que, na minha visão de regência de classe, a experiência vivida dos alunos apenas acrescentou e tornou a aula mais produtiva, em virtude do interesse despertado, contribuindo para a sensibilização e identificação com os tópicos e debates propostos.

Na sequência da indagação, anotei no quadro essas respostas, separando em dois grandes grupos: homens *versus* mulheres. Provoqueei-lhes, questionando sobre a origem dessa diferença: razões de ordem física? Psíquica? Posteriormente, apresentei o material constando o trecho de Beauvoir para embasar a teoria de que o viés dessa desigualdade é social/cultural (abaixo).

⁵⁵ FREIRE, 2002, p. 34.

A ORIGEM DA DESIGUALDADE DE GÊNERO⁵⁶

"Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário[...]. Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher 'feminina' é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade."

(extraído de *O Segundo Sexo* (1949) - Simone de Beauvoir)



⁵⁶ Material no APÊNDICE A.

A partir da música *Desconstruindo Amélia*, empenhei-me em destacar a questão da socialização feminina e resgatar a alusão à Simone de Beauvoir. Analisei um trecho da música, no qual a cantora Pitty retoma a autora ao dizer “Nem serva, nem objeto/ Já não quer ser o Outro/ Hoje ela é Um também”⁵⁷. Abordei a ideia da mudança comportamental feminina diante da insatisfação, bem como o tema da desigualdade salarial. Retomei a ideia de que as mulheres são costumeiramente relacionadas a profissões maternas e de que homens são relacionados a profissões do raciocínio lógico. Além disso, através do material impresso (APÊNDICE B), abordei duas ondas feministas (suas conquistas e demandas).

Através das diferentes fontes (históricas, filosóficas, músicas e charges), procurei endossar a crítica da situação desigual na qual a mulher ainda se encontra. Retomo também a importância da diversidade de fontes nesse processo empático de reconhecimento de si no conteúdo, sugerido por Gallo e exposto no referencial pedagógico. Foram dois períodos com cada uma das turmas, cujas reações instantâneas foram de resistência, devido à temática sensível. Por estar iniciando e ser a primeira aula, creio que também estavam se adaptando e testando a minha autoridade.

Embora a relutância tenha ocorrido em ambas, a turma B foi um pouco mais difícil, devido à presença de dois alunos, os quais insistiam em piadas de caráter machista e um deles esforçou-se para competir com o meu tom de voz, obrigando-me a falar mais alto. Desconsidere a situação e segui, sempre impondo a minha presença e reforçando minha posição. No segundo período, as piadas cessaram e prestaram atenção aos conteúdos, demonstrando interesse.

Na semana seguinte, trouxe o documentário *The Mask You Live In* (2014), que retratava a perspectiva do dano causado aos homens pela estrutura machista e patriarcal, na qual a sociedade está baseada. A partir do documentário, dialoguei sobre as necessidades e padrões que a sociedade impunha – a ambos os sexos – e suas consequências desastrosas no viés pessoal e social. A ideia seria a reflexão sobre a violência gerada a partir dessa rigidez imposta (estereótipos de masculinidade e feminilidade, além da heterossexualidade compulsória e inquestionável).

Quando estereótipos são tão rigidamente construídos, a reação direcionada a quaisquer indivíduos que tangenciam o padrão se torna extremamente violenta. Esse seria um dos passos para possibilitar a reflexão crítica acerca da questão da situação feminina, a ser analisada em outra atividade.

⁵⁷ PITY. *Desconstruindo Amélia*.

O vídeo teve êxito em turmas além das que eu era responsável. Tanto na turma B quanto na A, particularmente, acabou não sendo tão produtivo. O debate não foi fomentado da maneira que eu havia planejado, acabando como uma aula expositiva. Entretanto, o professor titular interessou-se no material, solicitando que eu passasse para as suas turmas de 2º ano. Com estas, o debate foi extremamente produtivo, surgindo uma série de reflexões e conversas acerca da situação (tanto feminina quanto masculina).

Após a sensibilização com os nefastos resultados que a estrutura social causa a todas as pessoas, retomei o tema com o recorte de gênero. Na terceira semana – já pensando na atividade a ser proposta na aula seguinte – propus o tema da violência contra a mulher. O objetivo era instigar a reflexão sobre a equidade de direitos e a diferença da existência da lei e sua prática na realidade, assim como debater a necessidade das leis. Destaquei as datas de criação das leis, visando o elemento de “choque”, utilizando da informação para a contribuição do processo de sensibilização. Os alunos imaginam que a situação da mulher é complicada, mas a esmagadora maioria não tem conhecimento do quão recente é a conquista de alguns direitos muitíssimo básicos. Para tal aula, usufruí de material impresso (ANEXO A) e música.

A aula expositiva-dialogada, que precedia a atividade foi realizada com as duas turmas unificadas, no terceiro período de 22/11/2017, em virtude da falta de professores. Alguns alunos apresentaram resistência e recusaram-se a ir para a sala da outra turma. Deixei-os livres, tentando convencê-los a ir para a outra sala, de maneira não autoritária. Alguns foram, outros não. A aula contou com uma média de quinze a vinte estudantes.

Um dos alunos, que costumava dormir e ser resistente às minhas aulas, demonstrou incômodo com o assunto. Ele argumentou que, por não ser machista, não devia estar assistindo à exposição. Aproveitei o ensejo para conversar com a turma sobre essa questão. Ponderei que meu objetivo não era, em nenhum momento, acusar e sim propor uma reflexão conjunta, instigando o exercício crítico. Mesmo assim, ele saiu da sala. Respeitei e segui com os demais colegas. Apesar de não ter ocorrido exatamente como planejei, foi produtiva. Percebi que eles tinham muitas vivências reais e contato (muito maior que o meu) com o tópico.

Alguns alunos fizeram colocações sobre o infográfico, questionando os motivos das mulheres negras morrerem mais em comparação às brancas. O objetivo do infográfico era partir da informação para a sensibilização. Aproveitei a oportunidade para trazer a questão racial ao diálogo. Uma das alunas espantou-se com um dos dados: apenas 1% das mulheres

são assassinadas por armas de fogo. Para eles, essa realidade parece mais afastada, uma vez que as armas de fogo podem ser presentes no cotidiano de alguns.

Para a realização da atividade (APÊNDICE C), com vistas ao fim de consolidação, disponibilizei o quinto período de 22/11/2017 para a turma B. Em virtude do número muito reduzido de alunos (em torno de quatro), estendi a atividade em mais um período no dia 24/11/2017, no segundo. Na turma A, disponibilizei o primeiro de 24/11/2017. Todos os alunos presentes na A entregaram, apenas um aluno da B não entregou. Cobrei um mínimo de dez linhas. Várias duplas escreveram em torno de uma página. A maioria deles ignorou as leis, apenas respondendo à pergunta. Observei que as conexões entre as aulas e as redações foram bem fortes, realizando o processo de transformar a informação em sensibilização e consolidar o conteúdo através do exercício crítico. As habilidades exigidas nessas atividades foram capacidade de elucidar opiniões, de relacioná-las com a legislação, com os assuntos abordados em aula e com o texto filosófico, assim como expressar-se de maneira clara e coesa.

Esse exercício foi escolhido como ferramenta para análise do objetivo proposto, uma vez que as outras aulas serviram como um espaço para fornecer instrumentos necessários à argumentação, além da resposta intuitiva. Organizei as respostas dos alunos por temáticas abordadas, destacando trechos.

3.3.1.1 Situação feminina

Com relação à socialização feminina, empenhei-me em demonstrar através das mais diversificadas fontes de informação (exemplos, dados, infográficos, números, entre outras) que o papel delegado à mulher é desproporcional ao delegado ao homem, principalmente no que tange às escolhas. A partir da redução de seu leque de opções, parte de uma condição desigual, a qual influencia em diversos aspectos da sua realidade. As respostas abaixo retrataram a socialização feminina e como o condicionamento que surge desde seu nascimento repercute na vida como um todo.

"As possibilidades de escolha das mulheres muitas vezes são *repreendidas por seus pais* que receberam esse tipo de ensinamento e acham que devem repassá-lo, pois *ninguém os ensinou*

que mulheres tem direitos de terem o mesmo salário e/ou empregos do que os homens."
(ANEXO B – Dupla 1)

"[...] impossibilitando em muitas escolhas na sua vida. Essas escolhas podem variar em várias questões, até mesmo no quesito de 'quem se relacionar', 'com quem vai se casar' ou se 'vai se separar'. *Desde seu nascimento*, é imposta a ela através de seus pais para que *seja uma boa mulher* para seu futuro marido e, quando se casa, acaba se tornando submissa ao homem, assim, se tornando '*propriedade*' e *sofrendo diversos tipos de violência doméstica.*" (ANEXO B – Dupla 2)

"A situação da mulher na sociedade é diferente dos homens e isso é uma *condição cultural muito forte*. Sabemos que acontecem *injustiça e violência* e nesse sentido é óbvio que precisamos modificar a sociedade." (ANEXO B – Dupla 4)

“As mulheres, em teoria, elas tem os mesmos direitos, deveres e possibilidades. Na prática não é bem assim que acontece.[...] *A mulher sempre foi colocada como uma pessoa que só servia para procriar, cuidar dos filhos e da casa*. O leque de escolhas delas é muitas vezes diminuído pelos *homens que tentam controlar o que ela deve ou não fazer.*" (ANEXO B – Dupla 5)

"Até mesmo *mulheres costumam julgar as outras* e, desde pequenas, as mulheres são ensinadas '*boas maneiras*', como se fossem normas a serem seguidas, impostas pela sociedade. *Para os homens, tudo muda*. As '*boas maneiras*' que são ditas a eles desempenham um papel totalmente diferente na sua criação em geral, levada para a vida adulta. As mulheres já estão '*prédestinadas*' a se posicionar em um lugar '*feminino*', o que, ao meu ver, são cargos baixos, diferentes dos homens, que possuem diversas opções de escolhas, de altos cargos. As escolhas femininas são baseadas no que lhe é imposto." (ANEXO B – Dupla 6)

Os trechos em destaque mostram de que maneira a socialização condiciona a mulher a um papel de esposa-mãe. Nas respostas das duplas 2 e 4 surge a questão da violência doméstica, trazida no período que precedeu a realização da atividade.

Para a dupla 5, destaca-se a violência doméstica no viés psicológico, mas em uma perspectiva mais sutil, a partir do controle da vida da mulher. Uma vez que o homem tenta

manter esse controle, quando a mulher não permite, a tensão pode tornar-se agressão física.

A dupla 6 trata de questão que não foi tão exposta em sala: a rivalidade feminina. Eles discutem sobre as mulheres que julgam umas às outras e como esta é uma condição que está enraizada no processo de socialização, com relação à como elas são criadas.

3.3.1.2 Desigualdade trabalhista

"A situação da mulher não pode nem ser comparada a do homem, pois elas tem *desigualdade salarial*, sendo que na maioria das vezes ela *trabalha igualmente ou até mesmo mais* do que os homens." (ANEXO B – Dupla 1)

"Em questão de serviço, *muitas das áreas são especializadas por homens e outras por mulheres*. [...] Hoje em dia é normal ver mulheres motoristas de ônibus e na função que é mais para o lado das mulheres, como na estética também tem homens. A semelhança entre um homem que trabalha em um salão e entre um homem que trabalha em obra não é a mesma, *assim como a mulher que trabalha em obra é mais bruta*." (ANEXO B – Dupla 7)

"Em pleno século XXI *ainda existe muito preconceito por parte dos homens em relação às mulheres exercerem as mesmas funções/profissões* que eles. No pensamento dos homens, a mulher é um ser frágil e incapacitado de fazer os mesmos afazeres que ele." (ANEXO B – Dupla 8)

"Muitas das vagas de emprego, principalmente *as mais importantes, são sempre destinadas aos homens*, que também obtém *maior salário*. Isso porque são colocadas como incapazes de exercer certa função e esse tipo de *comportamento está muito enraizado na sociedade*." (ANEXO B – Dupla 5)

A partir da primeira semana de aula e do material, citei a desigualdade no mundo do trabalho, a qual ficou evidente em algumas redações. Com a dinâmica inicial relacionando as profissões e gêneros, eles debateram a condição feminina e mostraram-se mais cientes desta realidade, através do exercício crítico. Essa percepção refletiu-se em alguns trechos dos textos.

A dupla 1 aborda a jornada excessiva de trabalho à qual a mulher é habitualmente submetida. Ao dizer que ela trabalha “até mesmo mais” que o homem, mostraram compreensão acerca da situação da mulher, apontando o cenário no qual, além da jornada de trabalho formal, é muitas vezes designada como única responsável no cuidado com os filhos e na manutenção do lar.

A dupla 7 demonstrou uma sensibilidade com relação à percepção da capacidade da mulher na realização de tarefas tipicamente masculinas, embora demonstre uma ideia preconcebida, ao dizer que “a mulher que trabalha em obra é mais bruta”.

As duplas 5 e 8 apresentam o tópico da recepção masculina às colegas mulheres. Nem sempre os homens, que estão acostumados a ocupar certas posições com mais facilidade, aceitam de forma natural que suas colegas mulheres estejam ocupando as mesmas. Ambas as duplas retomam a socialização feminina e sua repercussão no mundo do trabalho. A segunda traz outro apontamento com relação à hierarquização. Eles referem à ideia de que além da desigualdade salarial, as mulheres costumam ser destinadas a cargos menores, mais comumente longe dos cargos de chefia.

3.3.1.3 Mudanças e possibilidades

"Não podemos dizer que nada mudou, pois cada vez mais este assunto está divulgado, porém muitas vezes *não é levado a sério.*" (ANEXO B – Dupla 9)

"As possibilidades de escolha da mulher são menores em relação aos homens, mas isso tá perto de mudar por causa que *as mulheres estão mostrando sua força* e reação fazendo manifestações, impondo seu modo de pensar, assim querendo colocar a igualdade de possibilidades e direitos entre mulheres e homens." (ANEXO B – Dupla 3)

"Temos de pensar que existem coisas que *alguns não querem mudança, hábitos comuns* como o homem pagar a conta ou outros gestos de 'cavalheirismo'. Acho essencial tocar nesse ponto porque são *estereótipos que reforçam a desigualdade e é delicado pensar em mudar esses hábitos.*" (ANEXO B – Dupla 4)

“É incrível como passou o tempo e o *pensamento dos homens não evoluiu, continuam cada vez mais machistas*, falando que lugar de mulher é na cozinha, cuidando dos filhos e da casa.

Mas esse pensamento é antigo, *cada vez mais as mulheres estão mais fortes e lutando para ter os seus direitos.*[...] Não devemos dar ouvidos a opiniões machistas, devemos *continuar lutando para quebrar esse tabu* que mulheres são seres incapazes de fazer as mesmas funções do que os homens.” (ANEXO B – Dupla 8)

"Na sociedade atual, a única forma que existe para mudar isso é *mudar o ideal dos jovens*, pois como diz o ditado 'cachorro velho não aprende truque novo'." (ANEXO B – Dupla 1)

"Devemos lembrar que *não apenas mulheres devem lutar por essa causa*, é um dever de todos nós exigirmos a igualdade para todos, não por serem mulheres LGBTs, negros ou quaisquer outros e sim por serem pessoas que merecem respeito e *mesmas oportunidades na vida.*” (ANEXO B – Dupla 9)

"Agora falando das possibilidades na sociedade, bom, as possibilidades a meu ver são as mesmas. Porém, as pessoas tem que enfrentar o preconceito, porque *vivemos numa sociedade opressora, onde a mulher nasce para cuidar da casa e o homem para trabalhar.* Infelizmente, as pessoas vivem no século passado, onde tudo isso era normal. Mas *agora, no século XXI, a mulher faz o que ela bem entender, o que for fazer ela feliz. Se a mulher quiser ser piloto, manicure ou chef de cozinha, ela pode!*” (ANEXO B – Dupla 10)

"Apesar de todos os meios de comunicação e divulgação ainda presentes e por mais clichê que se possa parecer, em meio do século XXI ainda pertinente uma *base extremamente forte em relação ao machismo que é ignorado de forma repugnante.* [...] Ao invés de haver uma conscientização em massa através de jornais, propagandas, filmes, escolas, entre outros, tudo que vemos é conteúdo banal que apresenta cada vez mais *desvalorização e projeção da mulher como objeto.* Só não é mais crítico pois possuímos a tecnologia como fonte de informação, aquela a qual também critico severamente, que nos limitam às mínimas formações que nos aprisionam em nossas 'bolhas sociais', vendo aquilo que sempre vemos. Por assim dizer, essa livre informação fazem machistas mais machistas e feministas mais feministas. Sem nem citar a sociedade que possui discernimento sobre tudo, mas prefere ignorar do que realmente lutar pela liberdade das mulheres. E sem nem citar dados, pois os mesmos são nítidos a qualquer um e talvez a nossa representação artística da lei nos represente perfeitamente, pois *estamos todos vendados diante do caos.*" (ANEXO B – Dupla

11)

Outro passo importante no processo de sensibilização e reflexão acerca da situação feminina seria sobre as possibilidades de mudança. A partir do entendimento da condição desigual delegada à mulher, é essencial pensar em como as transformações estão acontecendo e como podem acontecer, através da consolidação da sensibilização por meio do exercício crítico. Sendo assim, os estudantes demonstraram uma compreensão não só a da dimensão do problema como também das possíveis soluções.

As duplas 3 e 9 trazem a ideia da mudança emergente, mas percorrem direções opostas. A primeira aponta sobre a divulgação do assunto e como esta situação não tem sido abordada com a seriedade que lhe compete. A segunda aponta como solução a demonstração de força da mulher, a qual está causando uma mudança real. A partir de manifestações e reações mais enérgicas, ela consegue impor suas demandas. A dupla 8 também vai de encontro à postura da dupla 3, percebendo a possibilidade de solução do conflito da situação feminina na agência e imposição frente às situações injustas.

A dupla 10, por sua vez, já defende um ponto de vista diferente e sua resposta pareceu confusa. Eles afirmam que as possibilidades são as mesmas, mas a mulher acaba tendo que esforçar-se mais para enfrentar o retrocesso dos demais e conseguir usufruir dessa oportunidade. Porém, se ela se esforça mais, conclui-se que não parte do mesmo lugar que o homem. Mas, ainda segundo os estudantes, essas possibilidades referem-se ao acesso. Eles discorrem sobre a ideia de que a mulher pode ocupar o cargo que quiser.

A dupla 11 aponta sobre as raízes do problema. Eles abordam de forma mais crítica a mídia e seu papel essencial de responsabilidade na perpetuação da condição desigual da mulher na sociedade. Eles trazem a questão importantíssima da mulher como objeto. O papel da mídia foi fortemente tratado no documentário *The Mask You Live In* (2014) e um dos integrantes desta dupla foi o aluno que permaneceu em aula para finalizar o documentário e discuti-lo. Um apontamento relevante, proveniente da redação deles, foi sobre as ‘bolhas sociais’. Estas costumemente abarcam trocas de informação e conhecimento entre semelhantes, o que afasta a ideia da mudança real. Não há diálogo e troca com os opositores, restringindo assim o alcance das ideias. Além da sociedade refletida na mídia, versam sobre a importância do governo e seu descaso com relação a situações de desigualdade e violência.

3.3.2 Objetivo: Sensibilização e reflexão acerca da representação feminina

O início do segundo estágio, em 2018/1, teve como foco a sensibilização acerca da representação feminina e suas implicações, através da interpretação de mitos, filme e HQ (fontes de informação). As atividades em aula foram pensadas para que culminassem na reflexão na avaliação (consolidação), fornecendo as ferramentas para que transcendessem a pura intuição, através do exercício crítico.

A primeira aula foi ministrada no dia 02/4/2018, contando com um quórum de 18 a 20 alunos, nos 4º e 6º períodos. Perguntei-lhes, instintivamente, nomes de filósofos. Novamente, destaco a utilização da livre-associação como instrumento de enriquecimento das aulas. A ideia foi provocá-los, sem prévio contato com o material, para entender o que eles realmente pensavam sobre o tema. Na sequência, anotei no quadro essas respostas. Surgiram mais de 10 nomes. Indaguei-lhes sobre filósofas. Como esperado, ninguém sabia nenhuma. O objetivo dessa dinâmica era justificar empiricamente a necessidade de todo o projeto didático-filosófico, para o resgate e valorização dessas mulheres.

O professor já havia falado de mitos gregos nas aulas que observei. Desta maneira, decidi começar meu projeto seguindo com os mitos gregos, a partir do livro⁵⁸ que ele próprio estava trabalhando. Selecionei três mitos (dois relacionados à Hera e um à Medusa). Baseado no livro selecionado por ele e no de Robles⁵⁹, escolhi algumas imagens das personagens Hera e Medusa. Com essas imagens anexadas ao quadro, analisei, junto com estudantes, suas fisionomias e a maneira que os mitos eram tradicionalmente contados, bem como versões alternativas das mesmas histórias. A pretensão era repensar criticamente a informação tradicionalmente apresentada, bem como suas possibilidades de interpretação.

Hera era retratada nos mitos como alguém má, terrível. Entretanto, atentando-se à sua representação e ao mito em si, podemos entender sua história como a de uma mulher submissa ao marido, que fazia dele seu mundo. Tornando-se, assim, ciumenta, vingativa e possessiva (também em virtude do comportamento inconsequente e desrespeitoso de Zeus).

Quanto à Medusa, apresentei as diferentes “feições”. Nas esculturas datadas da época, costuma transparecer melancolia e tristeza. Atualmente, ela tende a ser representada como sensual ou furiosa.

No dia 24/4/2017, devido a problemas técnicos e de origem da organização da escola, a exposição não foi tão produtiva. Optei por, na semana seguinte, em 06/5, refazer essa aula,

⁵⁸ SCHWAB, 1996.

⁵⁹ ROBLES, 2006.

complementando-a com os recursos. A aula foi ministrada nos 4º e 6º períodos, contando com um total de 7 alunos. Mesmo assim, foi bem produtiva. Pedi para que uma das alunas iniciasse a aula lendo o texto do livro para os colegas, para instigá-los a perceber algo “estranho”. A própria aluna que leu apontou para o tratamento dado às amazonas pelo autor. Ele as chamava de “mulheres-homens” e as caracterizava como abrindo mão de sua condição feminina em detrimento da autossuficiência. Novamente, forneci-lhes a fonte e instiguei o exercício crítico das mesmas, de forma a prezar pela autonomia de suas percepções, usufruindo da livre-associação.

A partir disso, contrapus a visão proposta no filme *Mulher-Maravilha* (2017) e retomei as versões diferentes do mito, contadas ao longo da história, diversificando as referências. A finalidade da inserção do filme foi a aproximação com o elemento cultural acessível presente em suas realidades. Sabia que vários deles teriam visto o filme ou interessar-se-iam por ele.

O trabalho com este recurso deu-se em dois momentos. O primeiro deles, foi posterior à exposição das divergências e diversidade de versões do mito das amazonas. O mito das amazonas é contado, através de uma narrativa utilizando a memória histórica desse povo. Embora hajam particularidades reservadas ao filme e HQ, pode-se entender essa narrativa em termos de mais uma versão do mesmo mito, semelhantes às clássicas.

Além disso, trouxe trechos do filme para abordar a desigualdade. Esse segundo momento foi executado através de cortes de trechos e cenas. Em virtude de a protagonista do filme ter crescido isolada da civilização ocidental, numa ilha só formada por mulheres, não conhece o papel que é delegado à mulher em nossa cultura. Ela está acostumada com uma sociedade à parte, na qual mulheres são autossuficientes, lutam, governam e realizam todas as tarefas. Ao deparar-se com a Europa na Primeira Guerra Mundial, não compreende seu lugar enquanto mulher. Dá-se, dessa maneira, um choque cultural que gera diálogos muito ricos. Ela estranha-se, por exemplo, com a função de secretária e suas atribuições ou com a ideia de não ser permitido a ela falar em certos ambientes públicos.

O foco da primeira atividade (APÊNDICE D), realizada em duplas, era a reflexão e questionamento acerca da representação feminina, com o objetivo de consolidação. Quanto à dupla 12 (ANEXO C), no que tange à primeira questão, apesar de terem atingido a nota máxima, deixaram um pouco a desejar com relação à interpretação, uma vez que houve pouca conexão com a personagem da Medusa. As alunas não compararam as "faces" de feminino à luz da Medusa e sim fizeram um comentário mais abrangente, embora adequado. Elas fazem

referência à Medusa ao compararem mulheres fora do padrão com "monstros".

No que tange à segunda questão, ao comparar as diferentes visões das amazonas, a dupla analisou corretamente as oposições de leitura de Bocaccio e Pizan. Entretanto, essa análise foi feita de uma forma mais superficial. Para a estudante 3 (ANEXO C), embora estivesse presente a conexão com a Medusa na primeira questão, não houve tanta reflexão. Ela apenas expôs os "tipos" de mulheres e suas particularidades. Reflete que as mulheres são diferentes umas das outras. Quanto à segunda questão, contrapõe corretamente Bocaccio e Pizan, criticando a concepção machista que cercava a interpretação do autor e enaltecendo a visão da autora para retratar as mulheres como fortes e independentes.

3.3.3 Objetivo: Demonstrar a importância das mulheres na História da Filosofia

Além da sensibilização e reflexão acerca do feminino, o outro foco do segundo estágio era demonstrar a importância e relevância das filósofas (suas histórias e ideias). Para Rosa:

Se faz necessário um aprofundamento no tema, pois não basta citarmos os nomes de filósofas, e/ou falar que elas existiram e existem, se faz necessário também conhecer suas ideias e analisar a contribuição das mesmas para as diferentes áreas do conhecimento nas quais se debruçaram, como a educação e a Filosofia.⁶⁰

O objetivo era apresentar aos alunos os conceitos filosóficos das mulheres, demonstrando que é viável executar uma avaliação em termos de conteúdo, assim como costumeiramente fazemos com os filósofos. Para tal, propus o resgate desde a antiguidade até as contemporâneas. O processo deu-se, em um primeiro momento, através da compreensão da representação do feminino, que culminou em uma atividade de consolidação.

Uma segunda etapa foi a apresentação das filósofas propriamente ditas, valorizando o contato com seus escritos. A partir do processo de sensibilização realizado na primeira etapa e dos materiais e discussões em aula, o segundo objetivo era realizar uma prova (APÊNDICE K), exclusivamente com filósofas, analisada abaixo.

3.3.3.1 Análise do desempenho dos alunos (Estágio II)

No que tange à primeira parte – questões objetivas – as estudantes 1 e 3 acertaram todas (ANEXO D). A estudante 2 (ANEXO D) acerta duas das quatro questões. A parte 1

⁶⁰ ROSA, 2014, p.77.

analisava a capacidade interpretativa e a compreensão dos conceitos.

Concernente à segunda parte, a questão 5 tinha como tema a filósofa Hannah Arendt. Visto que a aula desta autora foi concentrada no quadro e na exposição, beneficiou os alunos que estavam atentos. As três alunas estavam presentes nesta aula. Observei que a estudante 1 estava prestando atenção, mas não anotou nada. A estudante 2 não prestou atenção ou anotou. A estudante 3, embora prestasse atenção, parecia preocupada em copiar. A análise conceitual foi feita corretamente tanto pela estudante 1 quanto pela estudante 3 (ANEXO D). A estudante 2 optou por não responder à questão.

Na resposta da estudante 3 (ANEXO D), é perceptível a utilização de conceitos-chave expostos no quadro, bem como sua conexão sendo bem executada. Contudo, a estudante 1 pareceu responder com suas próprias palavras, baseada na aula, mas sem recorrer a termos-chaves, transparecendo uma capacidade de síntese e entendimento mais aguçada e uma maior consolidação de seu conhecimento.

No que tange à questão 6, foi solicitado que as alunas contrapusessem Wollstonecraft e Pizan, na trajetória feita por elas para chegar à mesma tese. Era uma questão mais complexa, contando com três excertos das autoras (dois de Wollstonecraft e um de Pizan), que cobrava uma habilidade de análise argumentativa. As estudantes 1 e 3 conseguiram extrair dos trechos e das aulas as razões que apontam para a desigualdade intelectual entre homens e mulheres, comparando as autoras. Elas expuseram a ideia das filósofas com as próprias palavras, recorrendo pouco ao texto, demonstrando a consolidação de seu conhecimento. A estudante 2, no entanto, mostrou-se mais presa ao texto, expondo nas palavras das autoras.

As alunas pareceram ter desenvolvido mais enfaticamente a capacidade de elucidar argumentos, bem como a análise dos mesmos. Da primeira para a segunda atividade elas aparentavam mais segurança do uso dos conceitos e das capacidades interpretativas. Nessa atividade foi possível observar sua evolução com relação à profundidade das análises e comparações, estando mais embasadas.

3.3.3.1.2 Habilidades

As habilidades que busquei desenvolver foram das seguintes ordens: conceituais (uso correto de conceitos), interpretativas e argumentativas. Observei que as alunas escolhidas pareceram evoluir em todos os âmbitos.

Com relação à apreciação de conceitos e interpretação, as estudantes 1 e 3 apresentaram significativa melhora na segunda atividade. Contrapuseram Pizan e Wollstonecraft, mostrando domínio da análise argumentativa. Demonstraram domínio conceitual de Hannah Arendt, embora a estudante 3 estivesse um pouco presa à termos-chave. Com relação à estudante 2, como não respondeu a quinta questão, só resta interpretar sua evolução a partir da sexta. Ela esteve muito presa aos trechos, mas demonstrou capacidade de analisá-los, bem como selecionar as partes mais relevantes.

A capacidade interpretativa foi bem superior nessa segunda atividade, tanto das alunas escolhidas quanto dos demais colegas. Considero importante destacar que tomei o cuidado de, nesta prova, tornar os enunciados menos confusos e abrangentes. Sendo assim, pareceram conseguir interpretar melhor.

Outro fator importante que contribuiu para dificultar o desenvolvimento das habilidades foi a organização da escola. Em virtude de uma sucessão de mudanças de horário, desorganizações e cancelamentos de aula, várias semanas foram “cortadas” do plano de aula. A consequência é que os discentes ficaram um tempo considerável sem aula, dificultando a continuidade e execução do plano de aula.

3.3.3.2 Acesso à educação

No terceiro estágio foi proposta uma redação. Nas aulas anteriores à sua execução, foram abordadas ideias das filósofas que pensavam sobre esse tema. Em 25/10/2018, no último período, iniciei uma breve exposição da Primeira Onda Feminista, a partir dos conceitos de público e privado. Em 26/10, com base no material entregue (APÊNDICE B), a Primeira Onda foi retomada, bem como foram introduzidas as demandas e contextualização histórica da Segunda Onda. Na sequência, foram executados trechos do documentário *She's Beautiful When She's Angry* (2014), fomentando a discussão do acesso feminino à educação.

Durante o decorrer do estágio, busquei enfatizar o quão fundamental esse acesso era para a libertação da mulher, bem como o quão era considerado perigoso pela sociedade, que não se interessava por essa emancipação. Para tal, no dia 30/10/2018, trouxe as filósofas Christine de Pizan (APÊNDICE F) e Mary Wollstonecraft, reservando um período para cada uma. A primeira, uma pensadora do medievo, traz em *Cidade das Damas* (1405) a tese da defesa do ingresso feminino na educação. A partir de exemplos de mulheres notáveis,

argumenta que estas não são acidente. Desta forma, para que mais mulheres pudessem ascender a posições mais altas, era necessária a garantia da educação.

Wollstonecraft, por sua vez, concorda com a perspectiva social ao admitir que a mulher se encontra em posição de inferioridade. Seu movimento de defesa da educação feminina dá-se justamente em admitir isso, mas alertando para os motivos. Segundo ela, em *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (1792), em virtude de um sistema educacional falho e vicioso – baseado em livros escritos por homens – a mulher é ensinada a constituir-se da maneira esperada pela sociedade. Sua condição de inferioridade não advém de condições físicas ou psíquicas que a inferiorizem, mas de sua educação. Sendo assim, para que pudessem ocupar lugares equivalentes ao dos homens era imprescindível garantir a formação igualitária a ambos dos sexos.

Integrando as duas autoras, propus uma redação (APÊNDICE N). O objetivo era, partindo da questão “Qual a importância do acesso à educação no processo de emancipação da mulher?”, instigar os alunos a apresentarem argumentações e respostas, conectando elementos de todo o estágio. Nas aulas de lógica foram abordados argumentos que desconstruíam a ideia de submissão e inferioridade feminina, bem como foram desconstruídos no quadro argumentos que a endossavam. Novamente, uma redação, que solicitava aos alunos exercitarem sua consciência crítica, consolidando elementos das aulas, bem como demonstrando sensibilização e capacidade de interpretar informações. Esperava, portanto uma conexão entre as aulas, especialmente aludindo às autoras citadas no corpo da atividade: Pizan e Wollstonecraft. Embora fosse possível perceber ideias presentes nas redações, nenhum estudante referiu-se diretamente aos fragmentos contidos no enunciado. Na sequência, transcreverei excertos dos trabalhos dos alunos, bem como os comentarei.

3.3.3.2.1 Acesso à educação (Respostas dos estudantes)

"As mulheres dentro do papel da sociedade sempre foram rebaixadas como seres que não precisam do conhecimento. Contudo, com o passar dos tempos, as mulheres foram percebendo que a educação é de direito delas, pois *entre os homens e as mulheres as diferenças físicas não importam em comparação às condições mentais*. Então, nota-se que *basear-se em questões biológicas não é um argumento sólido*, pois não é com as partes íntimas que se pensa, mas sim o com cérebro. Logo, *proibir mulheres de ter acesso a*

educação é privar um ser humano de evoluir, o que na visão da ciência, filosofia e religião é inaceitável, e isso gera o melhor desenvolvimento da mulher em outras áreas.” (Estudante 4 – ANEXO E)

“Nos dias de hoje, a organização das mulheres pelos seus direitos não é um processo linear. *Existe manifestações desde o século XIX e também no século XX.* Após a grande mobilização das primeiras décadas, mostra um período de refluxo vinculado às ditaduras e uma segunda onda feminista que teve início nos anos 1970 e não para até os dias de hoje. [...] Apesar de todo o esforço pela emancipação no começo do século, a existência de um movimento feminista organizado como conhecemos hoje, com grande capacitação de mobilização, participação política, articulação e formação de parceiras, mesmo assim, manifestações e atitudes feministas estão aumentando em toda parte do mundo, buscando cada vez mais os direitos das mulheres na sociedade.” (Estudante 5 – ANEXO E)

“E, assim, com a sociedade refletindo mais sobre igualdade e respeito, *ouvindo mais sobre ideais iluministas,* nós conseguimos evoluir hoje temos uma sociedade mais justa, mais clara graças à *educação* e aos ensinamentos ao longo da história.” (Estudante 6 – ANEXO E)

“A proibição de mulheres terem acesso ao ensino era *uma forma de lhes impor controle,* uma vez que a falta de acesso ao conhecimento lhes fazia aceitar ordens sem questionar por acreditarem que este era seu dever. Com o passar dos anos, mais mulheres começaram a se atentar para o fato de que eram *reconhecidas pela sociedade machista muito mais como fêmeas,* cuja *obrigação era procriar e obedecer ao marido,* do que como mulheres, seres humanos que como outro qualquer tinham direito a educação. Em resposta a essa imposição sexista *mulheres escreveram obras* e se posicionaram defendendo a importância do acesso a educação no processo de emancipação da mulher, chegando a conclusão que ao serem privadas do conhecimento elas passavam a *desconhecer* não somente aquilo que lhes era negado, mas também *sobre a própria natureza* tendo questionamentos *relacionados ao próprio corpo e o seu real papel enquanto indivíduo.* Portanto, a importância da educação no processo de emancipação é de que sem o ensino as mulheres ficavam a mercê de uma submissão gerada não pelo fato de serem mulheres, mas por serem privadas de direitos básicos, como o *direito a fala e o direito ao autoconhecimento.”* (Estudante 7 – ANEXO E)

Na resposta da estudante 4, nota-se um viés lógico-argumentativo. Esta aluna esteve presente em todas as aulas de lógica, realizou todos os trabalhos. Demonstrou interesse e concentração nas aulas (principalmente de Lógica), cujo resultado refletiu-se na redação. Ao objetar que o argumento não é sólido, traz um recurso importante para embasar suas ideias e demonstra a consolidação dos conceitos expostos em sala.

As autoras (Pizan e Wollstonecraft) não negam a existência de diferenças físicas entre homens e mulheres. Inclusive, admitem certa superioridade masculina neste campo. Entretanto, para elas, não há, necessariamente, relação entre essa superioridade e o campo intelectual. Embora a estudante não cite as autoras, é possível observar em suas linhas a presença de ambas.

As estudantes 5 e 6, por sua vez, apresentaram uma compreensão histórica do processo. Em virtude do documentário e da aula sobre as ondas feministas, é possível perceber alguns elementos consolidados. No texto da estudante 6, ao citar o Iluminismo, relembra a exposição sobre Wollstonecraft. Antes de introduzir a autora, contextualizei historicamente o período, de forma breve. Em ambos excertos, é recorrente também a ideia de transformações sociais em andamento, bem como a importância do processo histórico para que sociedade se modifique.

Na resposta da aluna 7, observam-se diversos elementos discutidos. Embora estivesse ausente em diversas datas, demonstrou uma grande compreensão, bem como um ótimo poder de síntese. Ao afirmar que as mulheres eram percebidas mais como fêmeas do que como mulheres, alude à Simone de Beauvoir, cujo argumento foi reconstruído no quadro. Percebe-se aqui os quatro passos sugeridos no início deste trabalho para a aprendizagem. Em aula, ela mostrou-se sensibilizada com o assunto, identificando-se pessoalmente com o tema e, a partir de informações, utilizou criticamente a fonte, consolidando seu entendimento.

Ao descrever o quão fundamental era o estudo enquanto ferramenta de controle da população feminina, ela faz menção à Wollstonecraft e Pizan. Ao citar a falta de autoconhecimento (acerca da natureza, corpo e papel social), relembra o documentário *She's Beautiful When She's Angry* (2014), bem como a exposição que o sucedeu. Desta maneira, mostrou um domínio dos conceitos e da temática discutida, refletidos em suas linhas. Ao entender que o ensino é fundamental para que as mulheres se percebam como cidadãs e indivíduos – e, portanto, exijam direitos que outrora lhe foram negados – alcançou o objetivo da atividade proposta.

3.3.4 Objetivo: Aproximação com o texto filosófico

O propósito de aproximação com o texto filosófico foi o fio condutor de toda a experiência educacional, presente nos objetivos da maioria das aulas, descritos no conteúdo pragmático (seção 3.2). Desde a primeira aula, prezei pela apresentação do escrito original, sem alterações. Fiz recortes, para fins de organização, em virtude da diagramação do material didático e da intenção da aula. Entretanto, além da seleção de trechos e recortes, não alterei o texto original. Desde a primeira classe, em 2017/1 (APÊNDICE A), priorizei o contato direto dos discentes com o mesmo. Nesta, abordei Simone de Beauvoir, para introduzir a ideia da origem da desigualdade de gênero.

Sempre que possível, durante os três estágios, cobrei o entendimento e análise textual de forma direta. No segundo estágio (2018/1), uma vez que abordei a história da Filosofia contada a partir das mulheres, em quase todas as exposições, houve contato direto com seus escritos. Em momento que este não ocorreu, houve uma aproximação com suas teorias. No último estágio (2018/2), o foco foi a área de lógica e análise argumentativa. Para tal, escolhi diversas fontes (literatura, músicas, jornais, etc). Nas aulas executadas em 13/9 e 11/10/2018, organizei um material com trechos para uma investigação conjunta. Nessa ferramenta, (APÊNDICE L) o objetivo era a fixação dos conceitos lógicos, bem como o contato com os originais, para que aplicassem os conhecimentos, consolidando-os. Os alunos apresentaram certa dificuldade no que tange ao texto literário e musical devido à sua subjetividade, mas uma maior facilidade no texto puramente filosófico.

Na avaliação (APÊNDICE M), demonstraram uma evolução com relação à atividade anterior. Não apresentaram grandes dificuldades ao analisar o texto filosófico em si. Nenhum aluno atingiu a nota máxima, mas demonstraram mais dificuldade na análise das músicas em si do que do conteúdo filosófico. O total de estudantes que realizou a avaliação foi de 22. As questões 2 e 3, que foram objetivas, permitem uma análise melhor da turma. Do total, 13 acertaram a primeira e 16, a segunda. Destes, 10 acertaram as duas.

Esta prova, assim como a realizada no segundo estágio, contava com o máximo de textos filosóficos que pude abarcar, de acordo com os recursos oferecidos. Abaixo, organizei uma tabela com os apêndices e as(os) respectivas(os) autores que foram utilizados trechos dos escritos originais. Optei por essa lista para que seja possível visualizar, de maneira prática, o quão os discentes foram, de fato, expostos às obras.

APÊNDICE	AUTOR(A)	OBRA
A	Simone de Beauvoir	<i>O Segundo Sexo</i> (1949)
B	Betty Friedan	<i>A Mística Feminina</i> (1963)
C	Simone de Beauvoir	<i>O Segundo Sexo</i> (1949)
D	Christine de Pizan	<i>A Cidade das Damas</i> (1405)
E	Enheaduana Hipárquia de Maronéia Platão Diotima Safo de Lesbos Theano	<i>Innana e An</i> (séc. XXIII A.C.) Desconhecida <i>Menexêno</i> <i>O Banquete</i> (séc IV a.C.) – Platão <i>A uma mulher amada</i> (séc. VII-VI a.C.) Desconhecida
F	Christine de Pizan	<i>A Cidade das Damas</i> (1405)
G	Hideldgard Von Bingen	Desconhecida
H	Olympe de Gouges	<i>Declaração de direitos da mulher e cidadã</i> (1791)
J	Angela Davis Betty Friedan	<i>Mulheres, Raça e Classe</i> (1981) <i>A Mística Feminina</i> (1963)
K	Angela Davis Christine de Pizan Hannah Arendt Mary Wollstonecraft Olympe de Gouges Simone de Beauvoir	<i>Mulheres, Raça e Classe</i> (1981) <i>A Cidade das Damas</i> (1405) <i>A Condição Humana</i> (1958) <i>Reivindicação dos Direitos da Mulher</i> (1792) <i>Declaração de direitos da mulher e cidadã</i> (1791) <i>O Segundo Sexo</i> (1949)
L	Angela Davis Christine de Pizan Martin Luther King Jr. Simone de Beauvoir	<i>Mulheres, Raça e Classe</i> (1981) <i>A Cidade das Damas</i> (1405) Desconhecida <i>O Segundo Sexo</i> (1949)
M	Angela Davis Betty Friedan Christine de Pizan Simone de Beauvoir	<i>Mulheres, Raça e Classe</i> (1981) <i>A Mística Feminina</i> (1963) <i>A Cidade das Damas</i> (1405) <i>O Segundo Sexo</i> (1949)
N	Christine de Pizan Mary Wollstonecraft	<i>A Cidade das Damas</i> (1405) <i>Reivindicação dos Direitos da Mulher</i> (1792)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um primeiro movimento, pretendo de refletir sobre a experiência em termos da permanência de um ano e meio na mesma instituição. Durante esse tempo, presenciei mudanças de professores, momentos nos quais a falta de professores era preocupante, entre outras vivências. Questionei, em diversas situações, o quão seria produtivo permanecer apenas na mesma escola, se não seria uma medida de conforto e comodismo. Entretanto, poder aplicar exatamente o mesmo plano em duas turmas de 3º ano (2017/1) e repetir algumas aulas com outro 3º, no ano seguinte (2018/2), por exemplo, traz uma experiência enriquecedora para análise.

Pude realizar um estudo de caso, comparativo, adaptando o plano para cada turma. Assim, entendi a importância de não apenas repetir a mesma estratégia, de forma sucessiva, ano após ano. Aprendi que o que pode funcionar para uma turma, com determinado perfil, pode fracassar para outra. Comparativamente, no estágio I, interpretei as diversidades e contrapus as experiências e vivências em classe. Uma das turmas trazia um caráter mais imaturo, por vezes até infantil. A outra, formada em sua maioria por trabalhadores, mostrava-se mais madura. Desta forma, era inviável manter as aulas exatamente iguais, variando, pelo menos no que tange à abordagem.

De maneira semelhante, pude observar os mesmos recursos em diversas turmas e anos, ao trazer o documentário *She's Beautiful When She's Angry* (2014) em duas turmas de 3º ano e duas de 2º. Nas de 3º, particularmente, não foi produtivo. Todavia, com o 2º ano, foi extremamente produtivo. Sendo assim, percebi a variedade de recursos e sua utilização, aprendendo a adaptar, quando necessário. Essas vivências só foram possíveis devido à permanência na mesma escola, uma vez que a estrutura era a mesma e os recursos eram comuns. Assim, foi possível entender, em termos práticos, a importância dessa sensibilidade por parte do professor.

Outro ponto importante foram as mudanças na própria infraestrutura e organização da escola. Ao chegar, os recursos eram mais limitados. As salas de vídeo não contavam com internet em funcionamento sempre, o que foi viável no semestre seguinte. Percebi uma mudança fundamental para a dinamização das aulas, viabilizando a exibição de vídeos do *Youtube*, por exemplo. Nas aulas que observei, em 2018/1, o professor titular utilizou esse artifício, o que era impossível no semestre anterior.

Presenciei também, momentos nos quais a desorganização da escola dificultou minha

prática. Em 2017/2 foram poucas situações ocorridas. Em 2018/1, esse cenário começou a modificar-se. Em virtude da falta de professores sem aviso prévio, os períodos modificavam-se, ocorrendo antes que eu tivesse organizada, ou mesmo presente. Em 2018/2 essa situação agravou-se, alcançando mais de um mês de aulas canceladas ou que foram adiantadas antes que eu conseguisse estar em sala, prejudicando o andamento.

Um último aspecto que pude observar a mudança e senti-la em minha regência de classe foi a troca de professor. No decorrer de 2018/2, durante a prática, o professor titular mudou. Durante os dois primeiros semestres (mais enfaticamente o primeiro), contei com o apoio e disponibilidade do docente para o melhor andamento da experiência em classe. Houve, de sua parte, um movimento constante de preocupação e contribuição, colocando-se disponível, quando solicitei. Recebi total liberdade criativa para a execução e criação de meu plano de aula, como uma demonstração de plena confiança. Com a troca, em 2018/2, a situação mudou. Todavia, trouxe um novo aprendizado, no qual lidei com as adversidades.

Na perspectiva didático-pedagógica, empenhei-me em possibilitar um espaço seguro para o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos. Ênfase, novamente, o termo *desenvolvimento*. Concebo o interesse crítico como advindo da curiosidade, natural ao ser humano. Tentei tangenciar a doutrinação para a resposta certa, preocupando-me mais com a formação. Retomo, neste ponto, a importância de compreender que “*formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas*”⁶¹. Nessa tentativa, criei enunciados mais abrangentes possíveis, visando a liberdade criativa do indivíduo.

Porém, identifiquei, empiricamente, que essa liberdade pode transmutar-se em uma dificuldade. Em 2018/2, com os estudantes de 1º ano, propus a seguinte questão: “a partir do enunciado, das aulas e das imagens abaixo, *reflita* sobre a imagem das mulheres a partir da medusa (as diferentes faces)”⁶². Emergiu uma dificuldade generalizada, ao ponto de fazer-se necessário elaborar uma pergunta para que pudessem realizar a atividade. Aprendi, portanto, que enunciados abrangentes não são necessariamente livres. A proposta é uma ferramenta para que possam usufruir dessa autonomia, mas caso não sejam acostumados gradualmente a esta espécie de problema, pode gerar obstáculos sérios. Devido ao pouco tempo que o estágio possibilita de aprendizado conjunto com alunos, estive mais atenta em enunciados futuros, para evitar adversidades.

Para nortear a prática e auxiliar a atingir os objetivos, um dos pilares foi a supracitada liberdade, com vistas à formação crítica. Para tal, os métodos mais presentes foram a livre-

⁶¹ FREIRE, 2002, p. 15.

⁶² Material completo no APÊNDICE D.

associação, os quatro passos didático-pedagógicos (sensibilização, informação, exercício crítico e consolidação) e o contato direto com a fonte filosófica.

Com relação à livre-associação de ideias e conceitos com suas vivências, esta foi utilizada em diversos momentos, principalmente para fomentar a identificação com o tema, culminando na sensibilização. A sensibilização era a meta de toda a experiência. Embora pretendesse que os quatro passos fossem concluídos, considerei que com este sendo executado o saldo já era positivo. Visto que os estudantes presentes em sala variavam bastante de uma aula para outra – sendo raros os que estiveram presentes em todos os momentos – dificultava a pretensão aos quatro passos.

Fundamentados em informações e nos resultados das dinâmicas de livre-associação, o processo de identificação com o tema e de empatia, tornaram-se mais fáceis. Com base em diversas fontes – filmes/documentários, materiais didáticos, músicas, charges, slides, livros, jornais, etc. – o reconhecimento das adversidades de si e do outro aconteceram. Foram três as atividades que analisaram o quão empáticos e cientes da situação feminina eles estavam. O tipo de exame escolhido foi a redação. Nas três propostas coloquei excertos de fontes diversas, sempre solicitando a conexão tanto com os mesmos quanto com as aulas e debates fomentados.

Em 2017/1, indaguei-lhes, em duplas: “você(s) considera(m) que a situação da mulher na sociedade é equivalente a dos homens? Que possuem as mesmas possibilidades de escolha?”⁶³ Obtive um retorno bem satisfatório, uma vez que quase todos entregaram. Suas reflexões demonstraram um entendimento e familiarização com a realidade, tendo em mente as mazelas da socialização feminina e suas condições culturais. Atentaram também para as condições desiguais no mundo trabalho, expostas e debatidas em aula. Demonstraram a compreensão do problema, transformando a informação e sensibilizando-se com ela. Contudo, além do entendimento dos obstáculos ao êxito feminino, consolidaram seu aprendizado, através do exercício crítico ao propor soluções e perspectivas de mudanças. Realizando, dessa maneira, o processo de aprendizagem em sua completude.

Em 2018/2, como dito anteriormente, propus a reflexão, numa proposta mais livre e subjetiva, também em duplas. Embora tenha surgido a dificuldade em razão da formulação do enunciado, conseguiram expor suas ideias. Com essa atividade, aprendi que, no que tange às habilidades interpretativas, enunciados menos abrangentes e mais diretos (preferencialmente em forma de pergunta) funcionam melhor. Devido à diversidade de fontes de representação

⁶³ Material completo no APÊNDICE C.

do feminino (livros, filme, mitos, etc), a sensibilização deu-se em termos de perceber o lugar delegado à mulher. Esse espaço definido ficou mais nítido ao contato com as histórias.

Contrapôs a percepção mais distante de sua realidade (presente nos mitos) à do filme *Mulher-Maravilha* (2017). No filme, o mito das amazonas é recontado em uma perspectiva feminina, diferente da tradicional, com algumas alterações próprias da narrativa. Apoiados nessas fontes de informação, puderam fomentar sua percepção crítica em relação à representação do feminino, consolidando seu aprendizado.

Os fios condutores dessa experiência didático-filosófica foram tanto a atenção à condição feminina quanto a utilização de trechos originais, bem como a demonstração da importância das mulheres na História da Filosofia. A condição feminina foi tema de todo o processo de sensibilização, através da seleção de materiais com este fim, bem como com a aplicação das exposições em sala.

A utilização de textos de cunho filosófico foi pensada como uma ramificação da atenção à condição feminina e ao papel feminino na Filosofia. Uma vez que essas autoras não são comumente consideradas nos planejamentos de aula ou livros didáticos, são delegadas a cair no esquecimento. Logo, o contato direto com seus escritos propõe um resgate importantíssimo, ao admitirmos que sua contribuição existiu. Márcia Tiburi, sobre tal tema, afirma que “as mulheres, é certo, participaram da filosofia, mas pela porta dos fundos, assim como de todos os setores da vida produtiva e ativa das sociedades”⁶⁴. Lembrá-las e apresentar seus escritos aos estudantes configura fazer justiça às suas contribuições.

Enquanto a Filosofia seguir estagnada e refém das tradições, caberá a nós, professores e professoras lembrar temas e autores(a) marginalizados(as), bem como a importância e contribuição das minorias que foram marginalizadas na área. Desta maneira, o resgate é uma forma de retomar e reescrever sob uma nova perspectiva a linha do tempo filosófica. Embora essa reescrita gere incômodos e reações inflamadas, é imprescindível que ela seja feita. Estamos em um momento histórico no qual as transformações estão em andamento e, felizmente, não há mais retorno, embora haja muito a ser feito ainda. Há uma famosa frase escrita pela cantora baiana Pitty em sua rede social *Twitter*, que sintetiza bem essa ideia: “eu [a mulher] não volto pra cozinha, nem o negro pra senzala, nem o gay pro armário. o choro é livre (e nós também)”⁶⁵.

As mudanças são indispensáveis e inevitáveis, tendo em vista o caráter volátil da Filosofia. Não há mais coerência em examinar a história da disciplina apenas à luz da

⁶⁴ TIBURI *apud* FARHERR, 2018, p. 8.

⁶⁵ PITY, 2015.

tradição (masculina, branca e europeia). Entretanto, não há muito material de fácil acesso para repensar essa visão, no que tange às filósofas. Sendo assim, uma das finalidades do presente trabalho é demonstrar, de forma empírica, a importância e viabilidade de abordar mulheres na Filosofia no Ensino Médio. Escolhi temas sensíveis não apenas à condição feminina, mas também à problemas clássicos. As autoras, embora tenham o diferencial de serem submetidas ao processo de socialização, questionam-se sobre questões fundamentais tanto quanto seus contemporâneos. Temas tradicionais como dúvidas acerca da vida, morte, (i)mortalidade da alma, natureza humana, ética, o melhor modo de viver a vida, entre outros, também foram pensados por elas.

Além de indagações comuns ao longo da história, elas deixam um legado diferente, expondo sua perspectiva particular. Trazem, consigo, sua bagagem cultural e o processo de socialização envolvido ao pensarem a condição feminina. Segundo Simone de Beauvoir, “entre meninas e meninos, o corpo é, principalmente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo”⁶⁶.

Para ela, entendemos o mundo a partir de nossos sentidos e da compreensão de nosso lugar nessa realidade. Embora o instrumento para que possamos acessar o mundo seja comum a ambos os sexos, só podemos entender a realidade em termos de nossas experiências enquanto indivíduos. Desta maneira, é inviável que uma mulher não compreenda o mundo enquanto tal, enquanto vítima do processo social que transforma a fêmea em mulher⁶⁷.

Sendo assim, para possibilitar a demonstração da importância e viabilidade de abordar filósofas, utilizei dois instrumentos avaliativos. A prova realizada no estágio de 2018/1 e a redação realizada em 2018/2 possuem esse fim. As duas fundamentam-se, fortemente, nos textos originais. A primeira, contando com questões objetivas e dissertativas, não busca a elucidação das opiniões dos alunos sobre o tema, mas a consolidação dos conteúdos e das ideias destas mulheres. A segunda, por sua vez, busca, a partir da introdução de Wollstonecraft e Pizan, a reflexão crítica acerca do acesso feminino à educação.

Com toda essa experiência, de cerca de dois anos nessa área de estudo (entre

⁶⁶ BEAUVOIR, 2016, p. 11.

⁶⁷ “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário[...]. Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher ‘feminina’ é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.” (BEAUVOIR, 2016, p.11)

preparações, pesquisa, planejamento, execução e análise), empenhei-me em demonstrar que a negação e apagamento das mulheres na história filosófica é uma postura, no mínimo, incoerente. A reinvenção e o questionamento são o cerne da dúvida, que é o coração da prática docente da supracitada disciplina. Demonstrei, através da criação de uma diversa gama de materiais didáticos, bem como sua aplicação e interpretação das reações dos alunos, que essas mulheres existem e suas teorias podem ser acessíveis e compreensíveis aos estudantes.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **A condição Humana**. 7ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 2016.

BEDIN, G. A.; CITTADINO, G. G.; ARAÚJO, F. D. de. As Três Ondas do Movimento Feminista e Suas Repercussões no Direito Brasileiro. In: **XXIV Congresso Nacional do CONPEDI – UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara**. Florianópolis: CONPEDI, 2015, p. 328-354. Disponível em <<https://www.conpedi.org.br/publicacoes/66fsl345/w8299187/ARu8H4M8AmpZnw1Z.pdf>>. Acesso em 24/05/2017.

BRASIL. **Lei No. 4.121, de 27 de agosto de 1962**. Brasília: DF. 1962. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm>. Acesso em: 25/06/2017.

_____. **Lei No. 13. 104, de 09 de março de 2015**. Brasília: DF. 2015. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acesso em: 25/06/2017.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). **Censo da Educação Superior 2011: Resumo Técnico**. Brasília, DF: MEC, INEP, 2011. Disponível em <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2011/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2011.pdf> Acesso em 03/07/2017.

BUCKINGHAM, W. et al. **O Livro da Filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

CACHOEIRA, L. A. **Hildegarda de Bingen: um estudo sobre filosofia e música na Baixa Idade Média**. Trabalho de Conclusão de Curso. (História – Bacharelado) ULBRA, Canoas, 2016.

CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. Identidade feminina: um conceito complexo. In: **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 211-220, maio/ago 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200010>>. Acesso em 30/5/2017.

COSTA, F; ANTONIAZZI, A. S. A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: percepções dos pais. In: **Paideia**. Ribeirão Preto, v. 9, n. 19, p. 67-75, jun./1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X1999000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 23/05/2017.

COSTA, N. L.; PIVA, T. C. de C.; SANTOS, N. P. **Maria, a Judia e a arte hermético mosaica**. Rio de Janeiro, UFRJ. Disponível em <<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Nelson%20Lage%20MARIA.pdf>>

Acesso em 20/04/2018.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EL PAÍS. **A ciência perdida no incêndio do Museu Nacional**. 6 de set. de 2018. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/05/politica/1536160858_009887.html>. Acesso em 11/09/2018.

_____. **Papa: “Em outros tempos, os abusos nas casas também eram encobertos”**. 26 de set. de 2018. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/25/internacional/1537905860_479482.html>. Acesso em 03/10/2018.

ENHEADUANA. **A saga de Inanna (antologia de poemas)**. Trad. Helena Barbas, 2004.. Disponível em <http://helenabarbas.net/traducoes/2004_Inanna_H_Barbas.pdf> Acesso em 10/04/2018.

_____. **A exaltação de Enheduana para Inanna**. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/6143117>. Acesso em 01/04/2018.

FAJARDO, G. A. G. O Mito das Amazonas. In: **Revista Hispanista**, v. 15, n. 60, jan./2015.

FARHERR, J. As mulheres na filosofia, o feminismo e a ética. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2016**. Curitiba: SEED/PR., 2018, v.2. (Cadernos PDE). Disponível em < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_filo_unioeste_jaimefarherr.pdf> . Acesso em: 20/11/2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRIEDAN, B. **A Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

GABOARDI, E. A. Um caminho para a diversidade de gênero no ensino de filosofia. In: DANNER, F.; DANNER, L.F. (Org.). **Ensino de Filosofia, Gênero e Diversidade: Pensando o Ensino de Filosofia na Escola**. Porto Alegre: Editora Fi, 2014, p. 14-29.

GALEANO, E. **As Veias Abertas da América Latina**. 8ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GALLO, S. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: **Revista Ethica**. Rio de Janeiro, v. 13, nº 1, p. 17-35, 2006.

GOMES, E. V. S.; SOUZA, S. D. F. de. “A condição feminina na sociedade contemporânea: um diálogo com Simone de Beauvoir”. In: **Anais II CONEDU**, v.1, 2015. Disponível em < http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SAI1_ID344_09092015121208.pdf>. Acesso em 23/05/2017.

GOUGES, O. **Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã**, 1791. Disponível em

<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>. Acesso em 10/05/2018.

JÚNIOR, J. B. F. (Org.). **Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

KARAWEJCZYK, M. As 'suffragettes' e a luta pelo voto feminino. In: **História, Imagem e Narrativas**, out/2013, n. 17, v. 2, p. 1-24. Disponível em <<http://docplayer.com.br/4887448-As-suffragettes-e-a-luta-pelo-voto-feminino.html>>. Acesso em 16/05/2017.

_____. Christine de Pisan: uma filósofa no medievo?!. In: PACHECO, J. (Org.). **Filósofas: a presença das mulheres na Filosofia**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016, p. 104-122.

KOMETANI, P. **Mulheres ganham menos do que os homens em todos os cargos, diz pesquisa**. 2017. Disponível em <http://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml> Acesso em 17/06/2017.

LAUX, M.; NUNES, R. Slides para o Grupo de Estudos **Feminismo Sob uma Perspectiva Filosófica**, oferecido no Colégio Padre Réus.

LINDEMANN, K.. **Lopamudar(also known as Kaushitaki,Varaprada)**. Dez/2014. Disponível em <<http://www.societyforthestudyofwomenphilosophers.org/Lopamudar.html>>. Acesso em 05/04/2018.

MELO, H. P. de; SCHUMAHER, S. **A segunda onda feminista no Brasil**. Disponível em <http://www.mulher500.org.br/uploads/conteudo/3_A-segunda-onda-feminista-no-Brasil.pdf>. Acesso em 16/05/2017.

MÉNAGE, G. **Historia de las mujeres filósofas**. Barcelona: Herder, 2009.

OIT – Organização Internacional do Trabalho. **OIT: desigualdades de gênero continuam grandes no mercado de trabalho global**. Brasília, 2016. Disponível em <http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_458115/lang--pt/index.htm> Acesso em 30/06/2017.

PACHECO, J. (Org.). **Filósofas: a presença das mulheres na Filosofia**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

PEDRO, J. M. Corpo, Prazer e Trabalho. In: **Nova História das Mulheres no Brasil**. PINSKY, C. B.; PEDRO J. M. (org.) São Paulo: Contexto, 2012.

PIOVEZANI, H.V. **As Mulheres na Filosofia: A Antiguidade**. São Paulo: Nova Acrópole, v.1, 2016.

_____. **As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença**. São Paulo: Nova Acrópole, v.2, 2016.

PITTY. 16 mar. 2015. Twitter: @pittyleone. Disponível em <<https://twitter.com/Pitty/status/577481235565568000>>. Acesso em 02/12/2018.

POSTMAN, N.; WEINGARTNER, C. **Contestação**: nova fórmula de ensino. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.

PUGLIESE, N. **Apostila da Oficina de Lógica e Argumentação**, realizada no II Workshop de Filosofia e Ensino da UFRGS, ocorrido de 20 a 24 de julho de 2015. Disponível em <https://wfeufrgs.files.wordpress.com/2015/07/apostila_iiwfe.pdf> . Acesso em 10/07/2017.

ROBLES, M. **Mulheres, Mitos e Deusas**: O feminino através dos tempos. São Paulo: Aleph, 2006

ROCHA, R. P. da. **Ensino de filosofia e currículo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

ROSA, G. R. da. As Relações de gênero, diversidade e o “segundo sexo” na Filosofia. In: In: DANNER, F.; DANNER, L.F. (Org.). **Ensino de Filosofia, Gênero e Diversidade**: Pensando o Ensino de Filosofia na Escola. Porto Alegre: Editora Fi, 2014, p. 73-101.

SCHMIDT, A.R. Christine de Pizan contra os Filósofos. In: SCHMIDT, A. R.; ZANUZZI, I.; SECCO, G. (Org.). **Vozes Femininas na Filosofia**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2018, p. 15-38.

SCHWAB, G. **As mais belas histórias da antiguidade clássica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SILVA, C. A. Uma filósofa chamada Hiparquia. In: **La Salle – Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v.13, n.2, jul./dez. 2008, p. 57-65.

SITE **Homofobia Mata**. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/>> . Acesso em 16/11/2017.

SITE **Toda Matéria**. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/filosofia-antiga/>> . Acesso em 02/03/2018.

SOUZA, S. D. Educação, trabalho e socialização de gênero: quando ser mulher pesa mais na balança da desigualdade social. In: **Educação e Linguagem**. São Bernardo de Campos, ano 11, n. 18, jul./dez. 2008, p. 170-220. Disponível em <<http://www.bibliotekevvirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/2014-07-19-06-15-59/469-el/v11n18/3826-educacao-trabalho-e-socializacao-de-genero-quando-ser-mulher-pesa-mais-na-balanca-da-desigualdade-social.html>>.

WAITHE, M. E. (Org.). **A History of Women Philosophers**: Ancient Women Philosophers, 600 B.C.-500 A.D. Minnesota: Kluwer Academic Publishers, v.1, 1987.

_____. **A History of Women Philosophers**: Medieval, Renaissance and Enlightenment Women Philosophers, A.D. 500-1600. Minnesota: Kluwer Academic Publishers, v.2, 1989.

_____. **A History of Women Philosophers: Modern Women Philosophers, 1600-1900.** Minnesota: Kluwer Academic Publishers, v.3, 1991.

_____. **A History of Women Philosophers: Contemporary Women Philosophers, 1900-today.** Minnesota: Kluwer Academic Publishers, v.4, 1995.

WILDE, O. **O Retrato de Dorian Gray.** Rio de Janeiro. Abril, 1981.

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos Direitos da Mulher.** São Paulo: Boitempo, 2017.

ZARELLI, B. **Enheduana: a primeira escritora na história a assinar a autoria de suas obras.** Agosto/2017. Disponível em < <https://aindahatempsite.wordpress.com/2017/08/04/enheduana-a-primeira-escritora-na-historia-a-assinar-a-autoria-de-suas-obras/> > Acesso em 17/04/2018.

5.2 AUDIOVISUAIS

Mulher-Maravilha. Direção: Patty Jenkins. Produção: Charles Roven, Deborah Snyder, Zack Snyder e Richard Suckle. 2017. Warnes Bros. Pictures.

She's Beautiful When She's Angry. Direção: Mary Dore. Produção: Mary Dore e Nancy Kennedy. 2014. Estados Unidos. Disponível em Netflix.

The Mask You Live In. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Produção: Jennifer Siebel Newsom e Jessica Congdon. 2014. Estados Unidos. Disponível em Netflix.

5.3 MUSICAIS

BELCHIOR. **Como Nossos Pais.** In: Alucinação. Gravadora PolyGram, 1976.

DI MELO. **A Vida em Seus Métodos Diz Calma.** In: Di Melo. Gravadora EMI-Odeon, 1975.

PITTY. **Desconstruindo Amélia.** In: Chiaroscuro. Gravadora Deckdisc, 2009.

RACIONAIS MC'S. **A Vida é Desafio.** In: Nada Como Um Dia Após o Outro Dia. Gravadora Cosa Nostra, 2002.

ELZA SOARES. **Maria da Vila Matilde.** In: A Mulher do Fim do Mundo. Gravadora Deckdisc, 2015.

APÊNDICE A – Material didático sobre desigualdade de gênero

Estágio em Filosofia I – 2017/2 – Bruna Diedrich

A ORIGEM DA DESIGUALDADE DE GÊNERO

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário[...]. Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher 'feminina' é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.”

(extraído de *O Segundo Sexo* (1949) - Simone de Beauvoir)



APÊNDICE B – Material didático sobre as Duas Ondas Feministas

Estágio em Filosofia I – 2017/2 – Bruna Diedrich

A PRIMEIRA ONDA FEMINISTA (FINAL DO SÉCULO XIX – INÍCIO DO SÉCULO XX)

- **Países** mais presentes: França, Reino Unido, Canadá, Países Baixos e Estados Unidos
- **Contexto:** Segunda Revolução Industrial (final do século XIX – início do século XX) e Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

- **1832 – A Mulher como o Outro:**

Entra em vigor a separação **política** entre homens e mulheres na Inglaterra. A lei eleitoral prevê o direito ao voto aos eleitores do **sexo masculino da classe média**.

- Luta pelos **direitos políticos**: sufrágio (voto), trabalho, educação, propriedade e herança.

1893 – Nova Zelândia
1902 – Austrália
1913 – Noruega
1917 – Rússia
1918 – Alemanha, Áustria e Inglaterra
1920 – Estados Unidos
1931 – Portugal e Espanha
1934 – Brasil
1944 – França
1945 – Itália
1949 – China e Índia
1953 – México
1976 – Nigéria
1980 – Iraque
1994 – África do Sul
2015 – Arábia Saudita



A SEGUNDA ONDA FEMINISTA (DÉCADAS DE 1960-1980)

- **Contexto mundial:** Contracultura, lutas pelos direitos sociais, Guerra do Vietnã (décadas de 1960-70), Guerra Fria (1945-89) e ditaduras latinoamericanas (Argentina (1976-83), Uruguai (1973-85) e Chile (1973-90))
- **Contexto brasileiro:** ditadura militar (1964-1985), Tropicalismo (1967-69)
- **Década de 1960:** surgimento da pílula anticoncepcional no mercado
- **Década de 1970 (Brasil):** Slogan *Quem ama, não mata*.
 - Controle sobre o próprio corpo
 - Opção: maternidade versus carreira
 - Liberdade sexual
 - Reivindicação do direito ao prazer
 - Preocupação com a saúde da mulher (autoconhecimento, acesso a informações, direito ao aborto seguro)
 - Preocupação com a violência doméstica (Questionamento do ditado popular: “em briga de marido e mulher não se mete a colher”)
 - Questionamento do papel da mulher como esposa-mãe



Revolution was always her way of life: On the march in 1970

“O mito de que as feministas eram ‘monstros antinaturais’ baseava-se na crença de que destruir a submissão da mulher, ordenada por Deus, seria destruir o lar e escravizar os homens. Tais mitos surgem em todas as revoluções que fazem progredir uma parcela da família humana no sentido da igualdade. Sejam as feministas representadas como seres desumanos, furiosas devoradoras de homens, ofensoras de Deus ou nos termos modernos como pervertidas sexuais, não diferem disso no estereótipo do membro de sindicato anarquista ou do negro encarado como animal primitivo. O que a terminologia sexual oculta é o fato de que o movimento feminista era uma revolução. Havia excessos, naturalmente, como em qualquer situação semelhante, mas os das feministas eram por si mesmos uma prova da necessidade da revolução.”

(extraído de *A Mística Feminina* (1963) – Betty Friedan)



APÊNDICE C – Atividade acerca da compreensão da situação feminina⁶⁸

Com a ajuda do texto de Beauvoir, os demais temas já vistos em aula e com os recortes de leis a seguir, responda(m) as seguintes perguntas:

Você(s) considera(m) que a situação da mulher na sociedade é equivalente a dos homens? Que possuem as mesmas possibilidades de escolha?

Trecho 1

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário.”

(extraído de *O Segundo Sexo* - Simone de Beauvoir)

Trecho 2

Artigo 242 – Código Civil (1916)

A mulher não pode, sem o consentimento do marido:

IV- Aceitar ou repudiar herança ou legado;

V – Aceitar tutela, curatela ou outros múnus públicos;

VII – Exercer profissão;

IX – Aceitar mandado;

Trecho 3

Estatuto da Mulher Casada (1962)

Artigo 246 – A mulher que exercer profissão lucrativa, distinta da do marido terá direito de praticar todos os atos inerentes ao seu exercício e a sua defesa.

Trecho 2

Lei 10.224 (2003)

Entender-se-á que a violência contra a mulher inclui violência física, sexual e psicológica e que[...]

II – tenha ocorrido na comunidade e seja perpetrada por qualquer pessoa e que compreende, ente outros, violação, abuso sexual, tortura, maus-tratos de pessoas, tráfico de mulheres, prostituição forçada, sequestro e assédio sexual no lugar de trabalho, bem como em instituições educacionais, estabelecimento de saúde ou qualquer outro lugar.

Trecho 3

Lei do Femicídio (2015)

VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino:

§2º- Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve:

I - violência doméstica e familiar;

II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

⁶⁸ Enunciado e trecho 1 comum a todos. Trechos 2 e 3 foram distribuídos de maneira variada.

Trecho 2

Lei Maria da Penha (2006)

Artigo 5º - Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II- no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único: As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.

Trecho 3

Quem foi Maria da Penha?

Ela sofreu duas tentativas de homicídio realizadas pelo marido e a justiça brasileira tratava o caso de forma lenta e sem perspectivas de resolução. A OEA (Organização dos Estados Americanos) aceitou, pela primeira vez, um caso de violência doméstica. Foi decidido que, em virtude da demora na solução do caso, o Brasil seria obrigado a elaborar uma lei cujo fim específico fosse proteger a mulher da violência doméstica.

APÊNDICE D – Atividade avaliativa sobre a representação feminina

Estágio em Filosofia II – 2018/1 – Bruna Diedrich

Atividade avaliativa

1. Simbolicamente, a representação da Medusa era trágica, solitária e retrata uma mulher incapaz de amar e ser amada. Ela odeia tanto os homens quanto as mulheres. Os homens são objeto de sua ira por ter sido seduzida e as mulheres, por não se conformar em ser um monstro, conforme Atena lhe transformara. Ela era sacerdotisa no templo de Atenas e foi seduzida por Poseidon, o deus dos mares. Deitou-se com ele no templo da deusa. Ela, então, transformou Medusa em um:

monstro alado de olhos deslumbrantes, com a língua permanentemente pendurada por entre presas de fera. Armou-a com garras afiadas e ornamentou-lhe a cabeça com serpentes em vez de cabelos. Depois a condenou a converter em pedra todos os homens nos quais pousasse seu olhar, de tal modo que a simples evocação de seu nome já era suficiente para causar horror. (ROBLES, Martha)

Durante a história, ao recontar esse mito, temos muitas versões. Alguns dizem que Medusa era apenas uma mulher trágica e infeliz. Outros, a retratam como uma mulher cruel e disposta a derrubar sua ira por quem cruzar seu caminho. Ainda, outros a representam como uma mulher sedutora, cujo objetivo é transformar os homens em estátuas como forma de vingança. Talvez Medusa possa ser uma dessas representações ou uma mistura de todas elas.

A partir do enunciado, das aulas e das imagens abaixo, reflita sobre a imagem das mulheres a partir da medusa (as diferentes faces).



2. Considere os trechos abaixo:

Em *De claris mulieribus*, Boccacio diz que as Amazonas:

I - “se uniam aos vizinhos para conseguir descendência e quando concebiam regressavam rapidamente à sua terra. Matavam no ato os que nasciam varões e educavam com cuidado as mulheres para milícia” (BOCCACIO)

II - “Há quem admirem as mulheres que, armadas, se atrevem a lutar com homens, mas a admiração diminui se pensarmos que o hábito muda a natureza fazendo as amazonas se transformarem pelo uso das armas e serem mais homens do que aqueles que a natureza fez de sexo masculino e que por ociosidade e moleza se transformaram em mulheres.” (BOCCACIO)

Já, sobre o mesmo mito, Christine de Pizan (filósofa medieval), tem uma perspectiva diferente:

III - “Um dia, os efeitos devastadores da guerra terminaram privando aquela cidade de todos os homens nobres que ali viviam. As mulheres do país, vendo que todas haviam perdido seus maridos, irmãos e pais, e só restavam os velhos e as crianças, reuniram-se corajosamente para decidir o que fazer. No final, deliberaram que daquele momento em diante elas iriam governar o reino sem tutela masculina, promulgando um edital proibindo o acesso de qualquer homem em seu território. Todavia, para assegurar uma descendência, elas iriam a países vizinhos em determinadas épocas do ano, voltando em seguida ao seu país: se dessem a luz a crianças do sexo masculino, elas reenviariam aos seus pais, e se ao contrário fossem do sexo feminino, cuidariam de sua educação. [...] Feito isso, expulsaram do país todos os homens que tinham restado, em seguida armaram-se e com um grande exército completamente formado de damas e moças jovens, e caminharam até as terras de seus inimigos, a ferro e a fogo. Nenhum conseguiu resistir: para ser breve, vingaram-se muito bem da morte de seus maridos. Foi assim que as mulheres da Sicília começaram a usar armas, e foram depois chamadas de Amazonas.” (PIZAN)

Compare as versões do mito e reflita sobre a condição das mulheres a partir das diferentes representações das amazonas.

3. Baseado no material que foi entregue e nas aulas, apresente um breve resumo de uma das seguintes Filósofas: **Safo de Lesbos, Aspásia de Mileto, Diótima de Mantineia, Hipárquia de Maroneia, Hipátia de Alexandria** ou **Makrina**.

APÊNDICE E – Material didático sobre filósofas antigas

Estágio em Filosofia II – Bruna Diedrich – 2018/1

ANTIGUIDADE⁶⁹

- Surgimento da filosofia grega: aproximadamente século VII a.C.
- Surge da necessidade de explicar o mundo e encontrar respostas para a origem das coisas, dos fenômenos da natureza, da existência e da racionalidade humana.
- Surge com a substituição do saber mítico ao da razão.
- O mundo começava a ser investigado através da razão, priorizando o natural em detrimento do sobrenatural.

ENHEDUANA (SÉC XXIII A.C.) – SUMÉRIA

- Primeira a assinar suas próprias obras
- Sacerdotisa do templo da deusa lua
- Atividades como arte, comércio, ensinava ciências, matemática e o movimento das estrelas e dos planetas.
- Uma das principais fontes da mitologia suméria.

INANNA E AN

*Como um dragão você cobriu o chão
de veneno.*

*Como trovões quando você rugir sobre a terra,
árvores e plantas caem no seu caminho.*

*Você é uma inundação que desce de uma montanha,
Oh primário,*

Deusa da lua do céu e da terra!

Seu fogo sopra e cai sobre nossa nação.

Senhora cavalgando uma besta,

*Ele lhe dá qualidades, ordens sagradas,
e você decide.*

Você está em todos os nossos ótimos ritos.

Quem pode te entender?



*Representação de Inanna.
(Mesopotâmia)*

LOPAMUDRA (MEADOS DE 800 A.C.) – ÍNDIA

- Filósofa e esposa de Agastya, um sábio.
- Também é conhecida como Kaushitaki e Varaprada
- Popularizou o cantar dos Mil Nomes da Mãe Divina, (Lalita Sahasranama). Um hino do Rig Veda é atribuído a ela.
- História do nascimento



⁶⁹ Alguns tópicos foram extraídos de <https://www.todamateria.com.br/filosofia-antiga/> e de PIOVEZANI, *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*.

TEMISTOCLÉIA (SÉC. VI A.C.) – GRÉCIA

- Filósofa, matemática e também alta profetisa de Delfos
- mestra de Pitágoras
- Primeira mulher filósofa do Ocidente.
- Diógenes Laércio destaca o papel de Temistocleia, em "The Lives and Opinions of Eminent Philosophers" ("A Vida e as Opiniões de Eminentes Filósofos"). Na seção "Vida de Pitágoras" Diógenes Laércio afirma que ela ensinou a Pitágoras as suas doutrinas morais. A informação é originalmente fornecida por Aristóxeno que "afirma que Pitágoras derivou grande parte da doutrina ética de Temistocleia, a profetisa de Delfos".

SAFO (VII- VI A. C.) – LESBOS

- Nasceu entre 630 e 612a.C., na cidade de Mitilene
- Educadora
- Provavelmente aristocrata
- Considerada por Platão a décima musa
- Sua poesia continha conteúdo erótico e foi censurado na Idade Média.
- Safo tinha uma escola para moças, onde lecionava poesia, dança e música (considerada primeira escola de aperfeiçoamento).

A uma mulher amada

*Ditosa que ao teu lado só por ti suspiro!
Quem goza o prazer de te escutar,
quem vê, às vezes, teu doce sorriso.
Nem os deuses felizes o podem igualar.
Sinto um fogo sutil correr de veia em veia
por minha carne, ó suave bem querida,
e no transporte doce que a minha alma enleia
eu sinto asperamente a voz emudecida.
Uma nuvem confusa me enevoa o olhar.
Não ouço mais. Eu caio num langor supremo;
E pálida e perdida e febril e sem ar,
um frêmito me abala... eu quase morro... eu tremo!*



Pilar com uma escultura de "Safo"; inscrito, "Safo Eresia", Safo de Eresos.

THEANO (SÉC. VI A.C.) – GRÉCIA

- Matemática, física e filósofa
- Aluna e posteriormente esposa de Pitágoras
- Ela e suas filhas assumiram a escola pitagórica após a morte do marido e pai.
- Reencarnação para um corpo não humano como possibilidade de restaurar o equilíbrio do universo“

“Se a alma não é imortal, então a vida é verdadeiramente uma festa para os maus, que morrem após terem vivido suas vidas de forma tão iníqua.”



ASPÁSIA DE MILETO (470-410 A.C.) – GRÉCIA

- Nasceu em Mileto, na região leste da Grécia e chegou a Atenas por volta de 450 a.C.
- Estrangeira em Atenas
- Professora
- Administrou uma escola para meninas
- Péricles se apaixonou por ela, divorciou-se de sua esposa e a fez sua consorte. A partir de então, tornou-se sua conselheira política e confidente.
- No diálogo **Menêxeno** Platão afirma que ela ensinou retórica a Sócrates e credita a ela a composição do discurso de funeral que Péricles entregou após as primeiras perdas na Guerra do Peloponeso.
- Assim como Platão, Aspásia ensinava que a opinião e a verdade não são a mesma coisa e que a retórica tem potencial de afastar-se da verdade e de enganar a audiência.

MENÊXENO – Por Zeus, Sócrates, pelo que dizes, Aspásia é bem-aventurada, se, embora mulher, é capaz de compor discursos como esses.

SÓCRATES – Mas se não crês, acompanha-me para escutares ela mesma discursar.

MENÊXENO – Muitas vezes, Sócrates, eu me encontrei com Aspásia, e bem sei como ela é.

SÓCRATES – E então? Não a admiras e agora não estás grato pelo discurso?

MENÊXENO – Muito grato, Sócrates, a ela [e] ou a quem quer que o tenha proferido a ti. E, além disso, agradeço muito mais a quem o pronunciou para mim.



Diálogo entre Sócrates e Aspásia pintado por Nicolas-André Monsiau (1754-1837)

DIÓTIMA DE MANTINÉIA (SÉC. V A.C.) – GRÉCIA

- Personagem no diálogo platônico **O Banquete**.
- Para alguns autores, esta personagem poderia ter sido inspirada em figuras reais, como Aspásia
- Sacerdotisa
- Chamada a Atenas para aconselhar sobre maneiras de afastar a peste da Cidade, às quais efetivamente afastam durante 10 anos
- Ensinou a doutrina do amor para Sócrates.

[...] A natureza mortal busca, dentro do possível, **existir sempre e tornar-se imortal**; e somente pode conseguirlo por meio da **procriação**, pois deixa sempre um novo ser no lugar do velho. Mas nem sequer durante esse período, no qual se diz que vive cada um dos viventes, e que é idêntico a si mesmo, o ser humano reúne sempre as mesmas qualidades; assim, por exemplo, diz-se que um indivíduo, desde sua primeira infância até a velhice, é a mesma pessoa. Porém, **embora se diga que é a mesma pessoa, esse indivíduo jamais reúne as mesmas coisas dentro de si mesmo**, senão que está permanentemente se renovando em aparência e, ao mesmo tempo, se destruindo, em seu cabelo, em sua carne, em seus ossos, em seu sangue e na totalidade de seu corpo. **E isto não ocorre somente no corpo, mas também na alma, cujos hábitos, costumes, opiniões, desejos, prazeres, sofrimentos e temores, todas e cada uma dessas coisas, jamais permanecem as mesmas em cada um dos indivíduos, senão que umas nascem e outras perecem.** Mas ainda muito mais estranho do que isto é o fato de os conhecimentos não somente nascerem de uma forma e perecerem de outra dentro de nós - de tal sorte que não somos idênticos a nós mesmos nem sequer nos conhecimentos que adquirimos -, mas sim que também acontece o mesmo a cada um deles. Com efeito, o que se chama "repassar" só ocorre porque um determinado conhecimento pode nos abandonar, pois o esquecimento é o espaço de um conhecimento, e o repasse, ao criar dentro de nós uma nova lembrança em troca daquela que perdemos, conserva o conhecimento, de modo que pareça ser o mesmo de antes. **É dessa forma que se conserva todo o mortal, não por ser completamente e sempre idêntico a si mesmo, como ocorre com os seres divinos, mas pelo fato de que o ser que se foi ou que envelheceu deixa após si um outro ser novo, similar àquilo que ele era.** Por esse meio, Sócrates, o mortal participa da imortalidade, tanto em seu corpo como em tudo o mais; o imortal, por sua vez, participa da imortalidade por um outro processo bastante diferente.



AXIOTHEA DE FILOS (393-270 A.C.) – GRÉCIA

- Discípula de Platão
- Ensinava física na Academia de Platão, quando esta já era dirigida por seu neto, Espeusipo (393-270 aC), ao lado de outras mulheres que frequentavam a escola.
- Segundo Temistio, Asiosteia leu "A República" e então viajou para Atenas para se tornar estudante do filósofo; estudou na Academia disfarçada de homem.

HIPÁRQUIA DE MARONEIA (MEADOS DE 325 A.C) – GRÉCIA

- Aristocrata
- Era irmã do filósofo cínico Metrocles e quis se casar com Crates de Tebas, chegando a ameaçar o suicídio caso não fosse entregue a ele em casamento.
- Viveu uma vida de pobreza cínica, em igualdade de condições com o marido nas ruas de Atenas.
- Comparecia a eventos normalmente reservados aos homens.
- Viajaram exortando os outros a renunciarem às suas posses em troca de uma vida simples e livre
- Quando perguntada se era uma mulher que desistiu do tear, conta-se que ela respondeu que o tempo gasto tecendo os fios de sua mente e educando a si mesma era mais importante.
- Obra: Cartas e Tragédias.

Eu, Hipárquia, não segui os costumes do sexo feminino, mas, com o coração viril, segui aos fortes cínicos. Não me agradou o manto preso na fíbula. Nem o pé calçado e minha fita já se esqueceu do perfume. Vou descalça, com um bastão, um vestido que me cobre os membros e tenho a terra dura invés de um leito. Sou dona de minha vida.



MARIA, A JUDIA OU MIRIAM (SÉC III A.C. – EGITO)

- Meados de 273 a. C.
- viveu na Alexandria
- fundadora da alquimia
- Invenções: 'kerotakis', uma espécie de barril fechado e o banho de vapor: para um aquecimento lento e gradual, em vez de manipular as substâncias diretamente no fogo; "banho-maria".
- A principal fonte sobre ela é Zózimo, o panapolitano.
- Obra: Magia Prática



HIPÁTIA DE ALEXANDRIA (MEADOS DE 415 D.C.) - GRÉCIA

- Distinção entre filosofia e ciência
- Concepção esotérica de Filosofia
- Tinha prestígio político e acadêmico em Alexandria
- Intelectual e professora
- Filha do matemático e astrônomo Teón de Alexandria
- Interessada em filosofia, matemática, astronomia, física, mecânica e tecnologia prática
- Estudou as obras de Platão e Aristóteles
- Não escreveu sobre filosofia, mas usou-a como base teórica para compreender e ampliar teorias matemáticas, geométricas e astronômicas de seu tempo.
- Todos os homens a reverenciavam e admiravam por sua inteligência. Devido a isso havia grande rancor e inveja, e porque falava constantemente com Orestes e era considerada como membro de sua família, as pessoas a acusavam de ser a responsável pela inimizada de Orestes e o bispo.
- Morte controversa
- Obras: Comentário a Aritmética de Diofanto, Sobre as cônicas de Apolonio e Corpus Astronômico.



MAKRINA (MEADOS DE 371 – GRÉCIA)

- Aristocrata
- Mesmo que a filosofia cristã afirmasse que a mulher era inferior aos homens, para ela, essa diferença não era na essência da natureza da alma. Essa diferença vinha das escolhas feitas individualmente por homens e mulheres. Para ela, sentimentos como desejo e raiva (que podem vir a corromper a alma), não estão na essência da alma. São instâncias, contra às quais estamos aptos a lutar. A essência da alma é a capacidade de raciocínio lógico.
- Familiarizada com a filosofia grega
- A alma é uma substância indivisível, criada, sendo o princípio da vida e do movimento, uma vez que os restos do corpo morto caem aos pedaços e desaparecem após a morte.
- Makrina nega a ideia de reencarnação humana em animais/plantas como uma forma de punição por ações realizadas na vida terrena.

APÊNDICE F – Material didático sobre Christine de Pizan

ESTÁGIO EM FILOSOFIA II – BRUNA DIEDRICH – 2018/1

LÓGICA E ARGUMENTAÇÃO⁷⁰

- **Proposição:** sentença que pode ser verdadeira ou falsa
- **Argumento:** conjunto de duas ou mais proposições que visam defender ou atacar determinado ponto de vista. É composto de premissa e conclusão.
- **Premissa:** É uma (ou mais) sentença(s) que, caso sejam verdadeiras, apoiam a aceitação da conclusão.
- **Conclusão:** é a tese que o argumento pretende sustentar.

ARGUMENTO COMUM AOS HOMENS DA ÉPOCA

Imperfeição da mulher⁷¹

- **Fundamentação racional:** capacidade racional em grau inferior ao homem
- **Fundamentação fisiológico/biológico:** i) a mulher possui um corpo defeituoso; ii) o papel reprodutivo da mulher é secundário; iii) mulher como impura (relacionando com a menstruação)
- **Fundamentação nas Escrituras:** a mulher foi criada em segundo lugar, a partir das costelas de Adão.

CHRISTINE DE PIZAN (1364 – 1430) – FRANÇA

Biografia

- Nasceu na Itália, viveu na França.
- Filósofa e poetisa
- Primeira mulher a viver de sua arte (a escrita) no Ocidente.
- Escritos sobre política, história e religião
- Com o pai, aprendeu latim e Filosofia
- Casou-se aos 15 anos, teve três filhos e viu-se viúva aos 25.
- Obra principal: **Cidade das Damas**

Narrativa alegórica

Catálogo de personalidades (assim como Boccaccio)

Razão → espelho → essência

→ construção dos limites da cidade (muros)

Retidão → régua → limite da virtude/separar bem e mal

→ construção das casas

Justiça → taça de ouro (Trindade)

→ construção das torres, fortificação da cidade e retoques finais

Cristina → povoar a cidade com mulheres virtuosas e tementes a Deus



⁷⁰ Alguns conceitos foram adaptados do material fornecido por Márcia Laux e Rafaela Nunes para o Grupo de Estudos Feminismo sob uma Perspectiva Filosófica

⁷¹ Extraído de material cedido pela Prof. Ana Rieger, sobre a apresentação com a temática de Pizan, ocorrida em 2017.

Refutação dos argumentos masculinos

1. Redução ao absurdo: como um ser tão perfeito (Deus) poderia criar algo tão cheio de vícios como a mulher?⁷²

01 Cheguei à conclusão que Deus claramente criou algo vil quando criou a mulher. De fato, eu estava assombrada
02 que um criador tão excelente poderia ter desejado fazer um objeto tão horrendo, como dizem esses escritores,
03 como um vaso onde todo pecado e mal do mundo foi coletado e preservado. Esse pensamento inspirou em mim
04 tamanho desgosto e tristeza que comecei a detestar a mim mesma e a totalidade do meu sexo como uma
05 aberração da natureza. Com um suspiro profundo, clamei por Deus: ‘oh, Senhor, como pode ser assim? A menos
06 que eu cometa um erro de fé, não posso duvidar que vós, em vossa infinita sabedoria e bondade perfeita,
07 poderíeis criar algo que não fosse bom. Não haveis criado a mulher especialmente e então dotou-a com todas as
08 qualidades que queríeis que ela tivesse? Como poderíeis ter cometido um engano em qualquer coisa? [...] Eu
09 simplesmente não consigo entender essa contradição. (PIZAN, Cidade das Damas, p. 37).

2. Argumento pela observação de harmonia na natureza (cumplicidade entre as espécies)⁷³

01 Todo homem que propositalmente difama o sexo feminino o faz porque tem uma mente má, já que ele vai contra
02 a razão e a natureza. Contra a razão, porque a ele falta gratidão e falha ao reconhecer todos os bens e coisas
03 indispensáveis que a mulher fez por ele no passado e ainda hoje. Contra a natureza, pois mesmo os pássaros e as
04 bestas naturalmente amam seu parceiro, a fêmea da mesma espécie. Assim, o homem age contra a natureza
05 quando ele, um ser racional, falha em amar a mulher. (PIZAN, Cidade das Damas)

3. Contraexemplos

01 Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as
02 leis, a experiência prova justamente o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas
03 mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e
04 nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as
05 mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de
06 várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E afirmo que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-
07 ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois
08 da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher
09 inteligente. (PIZAN, Cidade das Damas, pp. 88)

Tese: educação formal acessível a homens e mulheres

01 Se fosse o costume mandar jovens meninas para a escola e ali ensiná-las toda sorte de diferentes matérias,
02 assim como se faz com jovens meninos, elas entenderiam e aprenderiam as dificuldades de todas as artes e
03 ciências com tanta facilidade quanto os meninos. De fato, isso é frequentemente o caso, pois, como já
04 mencionei, ainda que mulheres tenham talvez corpos mais fracos e menos ágeis que os homens – o que as
05 impede de realizar certas tarefas – suas mentes são na realidade mais afiadas e mais receptivas quando elas
06 se dedicam. [...] Sabes por que mulheres conhecem menos que homens? [...] é porque elas são menos expostas
07 a uma larga variedade de experiências já que precisam ficar em casa o dia inteiro em nome do lar. Não há
08 nada como uma gama completa de diferentes experiências e atividades para expandir a mente de qualquer
09 criatura racional. (PIZAN, Cidade das Damas, pp. 91-92).

⁷² Extraído de material cedido pela Prof. Ana Rieger, sobre a apresentação com a temática de Pizan, ocorrida em 2017.

⁷³ Extraído de material cedido pela Prof. Ana Rieger, sobre a apresentação com a temática de Pizan, ocorrida em 2017.

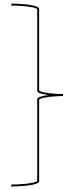
APÊNDICE G – Material didático sobre filósofas medievais

ESTÁGIO EM FILOSOFIA II – BRUNA DIEDRICH – 2018/1

IDADE MÉDIA (SÉC V – XV)

Questões:

1. Qual a natureza do Universo?
2. O que constitui uma vida virtuosa?
3. Qual a natureza de Deus? E da alma?
4. Qual a natureza do ser humano?



respostas nas Escrituras

HERRAD DE HONENBOURG (1130-1164)⁷⁴

- Primeira enciclopédia escrita para mulheres: “Hortum Deliciarum” (Jardim das Delícias). Compêndio em prosa e imagens da filosofia, religião e história.
- Filosofia personificada em uma mulher de cujas mãos surgem sete presentes da Sabedoria para Sócrates e Platão sentados dentro de um círculo cercado pelas sete artes liberais (lógica ou dialética, gramática, retórica, aritmética, música, geometria e astronomia), que também são mulheres.
- Forte representação do feminino
- Alma: dividida em memória, compreensão e vontade.
- Encorajava as leitoras a se educarem nas artes liberais e em ética.

NA PROUS BONNET (1296-1325) - FRANÇA

- Religiosa, mística e visionária
- Alegava ter tido visões, nas quais conversava com Deus. Criticava fortemente a Igreja, acusando-a de corromper-se de tal modo que traiu sua missão espiritual, não tendo mais nenhuma relação com o divino. Sendo assim, cada um deveria buscar Deus em suas orações, pois os ritos religiosos eram inúteis.
- Condenada pela inquisição e morta na fogueira em 1325.

HILDEGARD VON BINGEN (1098-1179) - ALEMANHA

BIOGRAFIA

- Visionária, filósofa, mística, compositora, pregadora, escritora e poetisa.
- Alguns a representam como integrante da nobreza, outros como uma mulher simples e iletrada.
- Sempre teve uma saúde fraca.
- Aos 15 anos optou por ir para o monastério.
- Aos 43 anos recebeu uma ordem para publicar suas visões, as quais eram ocorriam desde os 3 anos de idade.

Até meu 15º ano, vi muitas coisas e às vezes eu dizia com toda simplicidade, de modo que os que me escutavam perguntavam de onde vinha e o que seria aquilo. E eu mesma me espantava porque do que via em minh'alma nem ao menos tinha a visão exterior, e vendo que isso não acontecia a nenhuma outra pessoa, escondi quanto pude a visão que tinha em minha alma.
(BINGEN, Hildegard)⁷⁵

⁷⁴ Extraído de PIOVEZANI, *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*, p. 33.

⁷⁵ Extraído do Trabalho de Conclusão de Curso de Luiz Cachoeira, 2016.

- Fundou seu próprio convento em 1147, na cidade de Rupertsberg, onde morreu.
- Introduziu o lúpulo na fabricação da cerveja.
- Houveram quatro tentativas de canonização, permaneceu apenas beatificada. A igreja anglicana a considera como santa.
- Língua ignota: linguagem com cerca de 900 palavras criadas com o objetivo de referir os seres fantásticos presentes em suas visões.

FILOSOFIA

- Temas: cosmologia, ética, música, medicina e poesia mística⁷⁶
- Tinha uma visão cosmológica⁷⁷ do Universo, na qual, segundo ela, o ser humano guardava as proporções do mundo em seu próprio corpo. Sendo assim, cada indivíduo corresponde a um microcosmo, um universo menor no grande macrocosmo da Natureza.
- Por nossas ações afetarem a organização cosmológica, ela alertava para os perigos de exceder a moderação e ignorar nosso reflexo no universo. Sua ética natural fala sobre as responsabilidades do ser humano com as consequências de suas atitudes.
- Usava as plantas e animais, apreciando suas qualidades ocultas e sutis. Também utilizava as propriedades curativas das pedras preciosas, da música, as indicações sobre higiene e dieta, a diagnóstico pela cor de pele, pelo timbre de voz, pela clareza ou turvamento dos olhos, do pulso, da respiração do tipo de febre, do grau de consciência e das características da urina.⁷⁸
- Obras: *Scivias* (Conheça os Caminhos) – história da criação e da Salvação; *Liber Vitae Meritorium* (Livro dos Méritos da Vida) – virtudes e vícios; *Liber Divinorium Operum* (Livro das Obras Divinas) – indivíduo como um microcosmo do macrocosmo.



⁷⁶ PIOVEZANI, *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*, p. 28.

⁷⁷ Unidade do ser humano com o Universo

PIOVEZANI, *As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença*, p. 30.



APÊNDICE H – Material didático sobre Olympe de Gouges

DECLARAÇÃO DE DIREITOS DA MULHER E CIDADÃ (1791)

Este documento foi proposto à Assembléia Nacional da França, durante a Revolução Francesa (1789-1799). Marie Gouze (1748-1793), a autora, era filha de um açougueiro do Sul da França, e adotou o nome de Olympe de Gouges para assinar seus panfletos e petições em uma grande variedade de frentes de luta, incluindo a escravidão, em que lutou para sua extirpação. Batalhadora, em 1791 ela propõe uma Declaração de Direitos da Mulher e da Cidadã para igualar-se à outra do homem, aprovada pela Assembléia Nacional. Ela se opõe abertamente a Robespierre e acaba por ser guilhotinada em 1793, condenada como contra revolucionária e denunciada como uma mulher "desnaturada".⁷⁹

PREÂMBULO

Mães, filhas, irmãs, mulheres representantes da nação **reivindicam constituir-se em uma assembléia nacional**. Considerando que **a ignorância, o menosprezo e a ofensa aos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção no governo, resolvem expor em uma declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher**. Assim, que esta declaração possa lembrar sempre, a todos os membros do corpo social seus direitos e seus deveres; que, para gozar de confiança, ao ser comparado com o fim de toda e qualquer instituição política, os atos de poder de homens e de mulheres devem ser inteiramente respeitados; e, que, para serem fundamentadas, doravante, em princípios simples e incontestáveis, as reivindicações das cidadãs devem sempre respeitar a constituição, os bons costumes e o bem estar geral.[...]

ARTIGOS

Artigo 1º: A **mulher nasce livre** e tem os **mesmos direitos** do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum.

Artigo 2º: O objeto de toda associação política é a **conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem**. Esses direitos são a **liberdade**, a **propriedade**, a **segurança** e, sobretudo, a **resistência à opressão**.

Artigo 3º: O princípio de toda soberania reside essencialmente na nação, que é a união da mulher e do homem nenhum organismo, nenhum indivíduo, pode exercer autoridade que não provenha expressamente deles.

[...]

Artigo 6º: A **lei deve ser a expressão da vontade geral**. Todas as cidadãs e cidadãos devem concorrer pessoalmente ou com seus representantes para sua formação; ela deve ser **igual para todos**. Todas as cidadãs e cidadãos, sendo iguais aos olhos da lei devem ser igualmente admitidos a todas as dignidades, postos e empregos públicos, segundo as suas capacidades e sem outra distinção a não ser suas virtudes e seus talentos.

Artigo 7º: Dela não se exclui nenhuma mulher. Esta é acusada, presa e detida nos casos estabelecidos pela lei. As mulheres obedecem, como os homens, a esta lei rigorosa.

Artigo 8º: A lei só deve estabelecer penas estritamente e evidentemente necessárias e ninguém pode ser punido senão em virtude de uma lei estabelecida e promulgada anteriormente ao delito e legalmente aplicada às mulheres.

Artigo 9º: Sobre qualquer mulher declarada culpada a lei exerce todo o seu rigor.

Artigo 10: Ninguém deve ser molestado por suas opiniões, mesmo de princípio. **A mulher tem o direito de subir ao patíbulo, deve ter também o de subir ao pódio** desde que as suas manifestações não perturbem a ordem pública estabelecida pela lei.

Artigo 11: A livre comunicação de pensamentos e de opiniões é um dos direitos mais preciosos da mulher, já que essa liberdade assegura a legitimidade dos pais em relação aos filhos. Toda cidadã pode então dizer livremente: "*Sou a mãe de um filho seu*", sem que um preconceito bárbaro a force a esconder a verdade; sob

⁷⁹ Texto e introdução extraídos de <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>>

pena de responder pelo abuso dessa liberdade nos casos estabelecidos pela lei.

Artigo 12: É necessário garantir principalmente os direitos da mulher e da cidadã; essa garantia deve ser instituída em favor de todos e não só daqueles às quais é assegurada.

Artigo 13: Para a manutenção da força pública e para as despesas de administração, **as contribuições da mulher e do homem serão iguais**; ela participa de todos os trabalhos ingratos, de todas as fadigas, deve então participar também da distribuição dos postos, dos empregos, dos cargos, das dignidades e da indústria.

Artigo 14: As cidadãs e os cidadãos têm o direito de constatar por si próprios ou por seus representantes a necessidade da contribuição pública. As cidadãs só podem aderir a ela com a aceitação de uma divisão igual, não só nos bens, mas também na administração pública, e determinar a quantia, o tributável, a cobrança e a duração do imposto.

Artigo 15: O conjunto de mulheres igualadas aos homens para a taxaçaõ tem o mesmo direito de pedir contas da sua administração a todo agente público.

Artigo 16: Toda sociedade em que a garantia dos direitos não é assegurada, nem a separação dos poderes determinada, não tem Constituição. A Constituição é nula se a maioria dos indivíduos que compõem a nação não cooperou na sua redação.

Artigo 17: As **propriedades são de todos os sexos juntos ou separados**; para cada um deles elas têm direito inviolável e sagrado. Ninguém pode ser privado delas como verdadeiro patrimônio da natureza, a não ser quando a necessidade pública, legalmente constatada o exija de modo evidente e com a condição de uma justa e preliminar indenização.

CONCLUSÃO

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da ignorância e da usurpação. **O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira.**

FORMULÁRIO PARA UM CONTRATO SOCIAL ENTRE HOMEM e MULHER

Nós, _____ e _____ **movidos por nosso próprio desejo**, unimo-nos por toda nossa vida e pela duração de nossas inclinações mútuas sob as seguintes condições: **Pretendemos e queremos fazer nossa uma propriedade comum saudável**, reservando o direito de dividi-la em favor de nossos filhos e daqueles por quem tenhamos um amor especial, mutuamente reconhecendo que nossos bens pertencem diretamente a nossos filhos, de não importa que leito eles provenham (legítimos ou não) e que todos, sem distinção, têm o direito de ter o nome dos pais e das mães que os reconhecerem, e nós impomos a nós mesmos a obrigação de subscrever a lei que pune qualquer rejeição de filhos do seu próprio sangue (recusando o reconhecimento do filho ilegítimo). **Da mesma forma nós nos obrigamos, em caso de separação, a dividir nossa fortuna, igualmente, e de separar a porção que a lei designa para nossos filhos.** Em caso de união perfeita, aquele que morrer primeiro deixa metade de sua propriedade em favor dos filhos; e se não tiver filhos, o sobrevivente herdará, por direito, a menos que o que morreu tenha disposto sobre sua metade da propriedade comum em favor de alguém que julgar apropriado. (Ela, então, deve defender seu contrato contra as inevitáveis objeções dos "hipócritas, pretensos modestos, do clero e todo e qualquer infernal grupo").

APÊNDICE I – Material didático sobre filósofas renascentistas

Estágio em Filosofia II – Bruna Diedrich – 2018/2

MARY ASTELL (1666-1731) – INGLATERRA

- Conservadora na política, rigorosa na religião, inovou o campo moral e pedagógico.
- Astell atribuía a condição subjugada da mulher no Cristianismo à condição da arrogância e orgulho masculinos. Segundo ela, para viver o Cristianismo e ser uma verdadeira cristã, a mulher, deveria ser educada para desenvolver-se ao máximo. Para ela, o uso total das faculdades intelectuais, era o jeito mais apropriado de servir a Deus, tanto para homens como para mulheres.
- *Se todos os homens nascem livres, por que todas as mulheres nascem escravas?* Segundo ela, se Deus desejasse que a mulher não usasse a razão, ele não teria a criado como um ser provido de razão. Para autora, Deus não faz nada em vão.⁸⁰
- *Uma Proposta Séria às Mulheres (1694)*: Ela argumenta que mulheres são intelectualmente tão capazes quanto homens. Sendo assim, se educadas como os homens, podem atingir níveis equivalentes. Ela propõe que as escolas deveriam ter currículos similares aos meninos e meninas.



MARIE DE GOURNAY (1565 – 1645) – FRANÇA⁸¹

- Autodidata
- Demonstrou maior interesse no estudo do que nas artes domésticas.
- Conta-se que, ao ler um livro de ensaios de Montaigne, ficou tão impressionada por seu trabalho que desejou encontrar-se com seu autor. Em 1588 conseguiu esse encontro. Começaram a conversar e desenvolveram uma relação paternal. Ele a tratava como filha adotiva e ela o via como um segundo pai.
- 1591 – com a morte de sua mãe, mudou de cidade e foi viver separada da família. Para que seus irmãos e irmãs tivessem conforto, abriu mão de sua parte nas terras herdadas, enfrentando a pobreza.
- Após a morte de Montaigne, fez uma reedição de seus textos.
- Para ela, o conhecimento é uma atividade, construído através da experiência cultural.
- Obra: *Queixa das Mulheres*. Segundo ela, mulheres não são ouvidas nem levadas a sério. Mesmo quando ouvidas, são negligenciadas, ridicularizadas e esquecidas.
- Obra: *A Igualdade dos Homens e das Mulheres (1622)*. Essa obra diz que homens e mulheres são racionalmente iguais. Quando essa igualdade é contrariada, a natureza também o é. A partir da autoridade de filósofos, usava exemplos para mostrar que mulheres que destacavam em atividades racionais ditas masculinas (como a vida pública) não eram acidentes. Ela tentou provar que as mulheres são tão capazes quanto os homens. Para a autora, homens que não permitem que as mulheres compartilhem de seus privilégios estão agindo como se estivessem acima de Deus. A natureza de Deus (que seria a igualdade) deve ser restaurada. Sendo assim, homens e mulheres devem partilhar daquilo que os torna humanos (a capacidade racional e a as atividades inerentes a ela).



⁸⁰ WAITHE, Mary Ellen. *A History of Woman Philosophers – vol. III*, pp. 90.

⁸¹ PIOVEZANI, Helenice. *As Mulheres na Filosofia – vol. II*, pp. 66.

APÊNDICE J – Material didático sobre filósofas contemporâneas

Estágio Em Filosofia II – Bruna Diedrich – 2018/1

BETTY FRIEDAN (1921-2006)

- Nascida nos Estados Unidos
- Obra: A Mística Feminina (1963)
- Discute a crise de identidade da mulher dona-de-casa, esposa e mãe
- Insatisfação, sensação de vazio e de “não existir” da mulher americana
- Recorte: donas-de-casa de classe média, brancas e casadas



1. O PROBLEMA SEM NOME

01 Se surgisse uma crise nas décadas de 50 e 60, a mulher sabia que havia algo errado no seu casamento ou
02 nela própria. Outras viviam satisfeitas com sua vida, segundo pensava. Que espécie de criatura seria ela
03 que não sentia essa misteriosa realização em encerrar o chão da cozinha? Envergonhava-se de tal modo de
04 confessar sua insatisfação que jamais chegava a saber que as outras também a experimentavam. Se
05 tentasse explicar ao marido, ele não entenderia, pois nem ela própria compreendia. [...] Mas, em certa
06 manhã de abril de 1959, ouvi uma mãe falar do problema num tom de mudo desespero. As outras
07 compreenderam que ela não se referia ao marido, aos filhos, à casa e perceberam que **partilhavam de um**
08 **problema sem nome**.

(FRIEDAN, Betty. A Mística Feminina, pg. 20-21)

2. CRÍTICA À MÍSTICA FEMININA

01 A mística feminina afirma que o valor mais alto e o compromisso único da mulher é a realização de sua
02 feminilidade. Afirma ainda que o grande erro da cultura ocidental, no decorrer dos séculos, foi a
03 **desvalorização dessa feminilidade**. Diz ainda que esta é tão misteriosa, intuitiva e próxima à criação e à
04 origem da vida, que a ciência humana jamais a compreenda. Contudo, por mais essencial e diferente que
05 seja, de modo algum é inferior à natureza do homem; em certos aspectos pode até ser superior. O erro, diz
06 a mística, a raiz do problema feminino no passado, é que as mulheres invejavam os homens, tentavam ser
07 com eles em lugar de aceitar sua própria natureza, que só pode encontrar realização na passividade sexual,
08 no domínio do macho, na criação dos 08 filhos, e no amor materno. [...] A realização da mulher só tinha
09 uma definição para a americana, após 1949: **esposa-mãe**.

(FRIEDAN, Betty. A Mística Feminina, pg. 40-41)

3. O PROBLEMA DA IDENTIDADE FEMININA

01 A mística feminina permite e até incentiva na mulher a ignorância da questão de sua identidade. Afirma
02 que é possível responder à pergunta “quem sou eu?” dizendo “mulher de Tom... mãe de Maria”. Mas não
03 creio que a mística tivesse adquirido tal poder sobre a americana se ela não temesse enfrentar esse
04 aterrador vazio que a impede de imaginar a si mesma depois dos vinte e um anos.

(FRIEDAN, Betty. A Mística Feminina, pg. 64)

ANGELA DAVIS (1944-...)

- Nascida em Alabama, um dos estados mais racistas dos EUA
- Ativista política e filósofa
- Militante do Partido Comunista dos EUA, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial.
- Obras: Mulheres, Raça e Classe (1981); Mulheres, Cultura e Política (1989); A Liberdade é uma Luta Constante (2018)



1. A FALÁCIA DA INFERIORIDADE FEMININA

01 Uma **consequência ideológica do capitalismo** industrial foi o desenvolvimento de uma ideia mais
02 rigorosa de inferioridade feminina. De fato, parecia que quanto mais as tarefas domésticas das mulheres
03 eram reduzidas, devido ao impacto da industrialização, mais intransigente se tornava a afirmação de que
04 **“o lugar da mulher é em casa”**. Na verdade, 04 o lugar da mulher sempre tinha sido em casa, mas durante
05 a era pré-industrial a própria economia centrava-se na casa e nas terras cultiváveis ao seu redor. Enquanto
06 os homens lavravam o solo (frequentemente com a ajuda da esposa), as mulheres eram manufadoras,
07 fazendo tecidos, roupas, velas, sabão e praticamente tudo o que era necessário para a família. O lugar das
08 mulheres era mesmo em casa – mas não apenas porque elas pariam e criavam as crianças ou porque
09 atendiam às necessidades do marido. Elas eram trabalhadoras produtivas no contexto da economia
10 doméstica, e seu trabalho não era menos respeitado do que o de seus companheiros. Quando a produção
11 manufatureira se transferiu da casa para a fábrica, a **ideologia da feminilidade começou a forjar a**
12 **esposa e a mãe como modelos ideais**[...] A turbulenta década de 1830 foi de intensa resistência. A
13 rebelião de Nat Turner, anunciava de modo inequívoco que a população negra estava profundamente
14 insatisfeita com seu destino de **escravidão** e, mais do que nunca, determinada a resistir. [...]Na mesma
15 época, mulheres brancas de origem mais abastada começavam a lutar pelo **direito à educação e por**
16 **uma carreira fora de casa**. As mulheres brancas do Norte – tanto as donas de casa de classe média quanto
17 as jovens operárias[a] – frequentemente evocavam a metáfora da escravidão quando tentavam expressar
18 suas respectivas opressões. Aquelas de melhor situação econômica começaram a denunciar o caráter
19 insatisfatório de sua vida doméstica, definindo o casamento como uma forma de escravidão. Para as
20 trabalhadoras, a opressão econômica sofrida no emprego tinha uma forte semelhança com a escravidão.

(DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe, 1981, pg. 50-51)

2. A FALÁCIA DA INFERIORIDADE INTELECTUAL DO NEGRO

01 De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos
02 intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas
03 ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas
04 negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria
05 sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma
06 paciência feroz no que se refere à aquisição de educação.

(DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe, 1981, pg. 110)

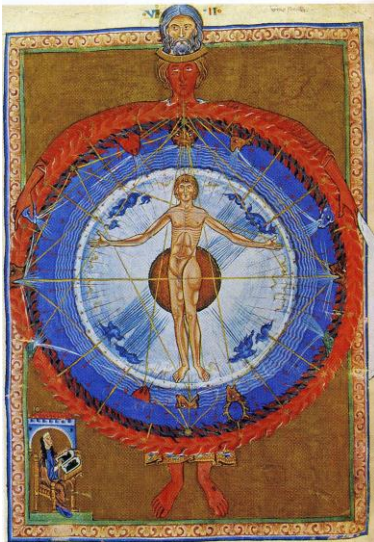
APÊNDICE K – Atividade avaliativa sobre filósofas

Atividade avaliativa

Nome completo: _____ T: _____

Parte 1: Assinale apenas a ALTERNATIVA CORRETA (valendo 1,25 por questão)

1. A obra de **Hideldgard Von Bigen** – filósofa medieval – em sua totalidade, segue dois passos: “(1) Descrição do que foi visto, usando palavras e emoções pessoais e (2) A interpretação da visão sendo discutida”⁸². Como a autora, falava a partir de imagens de suas visões (as quais tinha em pleno estado de consciência e, muitas vezes, eram presenciadas por outras pessoas) analise a imagem abaixo. A partir da interpretação, da aula ministrada e do material entregue assinale **a alternativa correta** acerca da autora:



- a) O homem fica no centro, para representar nossa relação com o universo. Segundo sua teoria, nossas ações refletem em todo o cosmos, o que deveria nos obrigar a medir cuidadosamente as consequências de nossas ações.
- b) O homem, mesmo centralizado, não se conecta com Deus ou com o universo. Segundo sua teoria, nossas ações não tem nenhum reflexo no cosmos.
- c) O homem é representado por Hideldgard, no canto esquerdo, a parte da representação do universo, sem nenhuma ligação com este. Essa imagem reflete o quão dispensável o ser humano é em relação ao cosmos.
- d) O homem no centro representa Deus, na agência de sua criação, como responsável por todo o universo. Essa imagem reflete o quão dispensável o ser humano é em relação ao cosmos.
- e) O homem fica no centro, para representar nossa relação com o universo. Ele aparece como uma parte de Deus, na qual é apenas passivo. As ações humanas não afetam em nada o universo.

2. **Olympe de Gouges** foi uma filósofa francesa, renascentista e iluminista. Em resposta à *Declaração dos Direitos do Homem Cidadão*, aprovada pela Assembleia Constituinte em 1789, escreveu *A Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã*, a qual foi completamente ignorada. É importante lembrar que, no contexto da Revolução Francesa, as mulheres foram presentes, lutando lado a lado com os homens pela “liberdade, igualdade e fraternidade”. Entretanto, as mulheres continuaram renegadas a um papel secundário. A partir da leitura do trecho abaixo, da aula ministrada e do material entregue assinale **a alternativa correta** acerca da autora:

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da ignorância e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira. (GOUGES, Olympe. *Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã*)

a) Para ela, mesmo com a revolução, os homens seguiram menosprezando suas companheiras e caberia a elas

⁸² WAITHE, 32.

- esperar que os homens percebessem sua postura e a mudassem, sem nenhuma interferência delas.
- b) Para ela, mesmo com a revolução, as mulheres seguiram menosprezando seus companheiros e caberia a eles esperar que as mulheres percebessem sua postura e a mudassem, sem nenhuma interferência deles.
 - c) Para ela, mesmo com a revolução, os homens seguiram menosprezando suas companheiras e caberia a elas despertar e provocar a mudança.
 - d) Para ela, mesmo com a revolução, as mulheres seguiram menosprezando seus companheiros e caberia a eles despertar e provocar a mudança.
 - e) Para ela, a mulher foi completamente dispensável na revolução e não faria sentido falar em igualdade, a partir desse contexto.

3. A partir da leitura do trecho abaixo e da aula ministrada, assinale a **alternativa correta** acerca de **Angela Davis**:

De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*, 1981, p. 110)

- a) Para a autora, a população negra era inferior intelectualmente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- b) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo desmitificava o mito da inferioridade intelectual negra.
- c) Para a autora, o fato de negros serem inferiores intelectualmente faz com que os negros sejam vistos como propriedades.
- d) Para a autora, a população negra era inferior biologicamente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- e) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo contribuía para o mito da inferioridade física negra.

4. **Simone de Beauvoir** foi uma filósofa contemporânea existencialista, ligada à fenomenologia. Ela, dizia que só podemos compreender o mundo a partir de nossa experiência vivida. Logo, enquanto mulher, não poderia desligar-se de sua condição, uma vez que só percebia o mundo a partir de suas vivências. Ao dizer que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” ela está dizendo que:

- a) Quando homens e mulheres nascem, não há nenhuma diferença entre eles (nem biológica nem intelectual).
- b) A mulher nasce como mulher já formada, mas deve atentar-se à feminilidade para que não perca seu caráter de mulher.
- c) A mulher deve negar sua natureza feminina, para que possa viver como a fêmea que é. A socialização não tem nenhum papel nessa relação.
- d) Há apenas um tipo de mulher – a mulher feminina – que é um padrão que toda mulher deve buscar, para que possa viver sua natureza e buscar a felicidade.
- e) A mulher nasce como uma fêmea da espécie humana e a sociedade, através imposição da feminilidade, a transforma em mulher.

Atividade avaliativa

Nome completo: _____ T: _____

Parte 2: A partir das aulas, dos materiais entregues e dos trechos abaixo, responda as questões, de forma dissertativa. Não será aceita a resposta através de esquemas, apenas em forma de PEQUENO TEXTO. (valendo 2,5 por questão)

5. Hannah Arendt – filósofa contemporânea - opta por iniciar a distinção entre público e privado relacionando família como domínio da esfera privada e política como domínio da esfera pública. A esfera privada trazia consigo um caráter de satisfação de necessidades e carências, visto que eram essas as motivações para que houvesse a união na esfera do lar. No domínio do lar, havia uma hierarquização previamente definida, uma sujeição ao chefe da família, o que configura a existência de uma condição de desigualdade. Inclusive, torna-se uma diferença essencial entre as esferas pública e privada, pois “a pólis diferenciava-se do lar pelo fato de somente conhecer ‘iguais’, ao passo que o lar era o centro das mais severas desigualdades” (ARENDR, 2010, pp. 38). Sendo assim, não existia como agente político e também “não era inteiramente humano” (ARENDR, 2010, pp. 38), sendo privado da condição de humanidade. A ressignificação de conceitos assume o privado como o que corresponde ao individual, o que é próprio da pessoa e o público como um comportamento padronizado, comum aos indivíduos enquanto seres sociais. Adentrar a esfera pública exige ser parte de uma sociedade de massas.

A partir do exposto acima, do material fornecido e das aulas, **caracterize – em um pequeno texto – as esferas pública e privada para Hannah Arendt**. Essa caracterização deve, necessariamente, passar tanto pela **pólis grega** como pela ressignificação de conceitos do público e privado nas **sociedades mais atuais**.

6. **Mary Wollstonecraft** – filósofa inglesa renascentista – e **Christine de Pizan** – filósofa francesa medieval – defendiam a tese da educação igualitária para homens e mulheres. Para ambas, se as mulheres tivessem o mesmo acesso que os homens ao conhecimento, poderiam alcançar o mesmo desenvolvimento intelectual. Apesar de compartilharem a mesma tese, chegam a ela de formas diferentes. **Compare**, apresentando as **causas** da **desigualdade intelectual** entre homens e mulheres, **em um pequeno texto**. Abaixo, constam os trechos que levam a essa tese, para que possa auxiliá-lo(a).

A conduta e a maneira das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio [...] Atribuo a causa [...] a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mãe racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido [...] que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes. (WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, p. 27)

Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova justamente o contrário. [...] Se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E afirmo que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente. (PIZAN, Cristina. *Cidade das Damas*, p. 88).

Se fosse o costume mandar jovens meninas para a escola e ali ensiná-las toda sorte de diferentes matérias, assim como se faz com jovens meninos, elas entenderiam e aprenderiam as dificuldades de todas as artes e ciências com tanta facilidade quanto os meninos. [...] Ainda que mulheres tenham talvez corpos mais fracos e menos ágeis que os homens – o que as impede de realizar certas tarefas – suas mentes são na realidade mais afiadas e mais receptivas quando elas se dedicam. [...] Sabes por que mulheres conhecem menos que homens? [...] é porque elas são menos expostas a uma larga variedade de experiências já que precisam ficar em casa o dia inteiro em nome do lar. Não há nada como uma gama completa de diferentes experiências e atividades para expandir a mente de qualquer criatura racional. (PIZAN, Cristina. *Cidade das Damas*, p. 90-91).

APÊNDICE L – Atividade de fixação de conceitos lógicos

ESTÁGIO EM FILOSOFIA III – BRUNA DIEDRICH – 2018/2

Responda as seguintes perguntas acerca de **todos** os trechos abaixo:⁸³

a) O trecho acima é um argumento? () Sim () Não

b) Se sim, quais são as premissas e conclusões? Identifique-as nas linhas, marcando-as no texto.

Trecho I

01 De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais.
02 Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco
03 da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam
04 manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de
05 aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à
06 aquisição de educação.

(Angela Davis. *Mulheres, Raça e Classe*)

Trecho II

01 Cientistas descobriram o morcego Bechstein, o mais raro da Inglaterra. Assim que eles começaram a celebrar a
02 descoberta, o morcego foi comido por um rato.

(The Economist)

Trecho III

01 Todo homem que propositalmente difama o sexo feminino o faz porque tem uma mente má, já que ele vai
02 contra a razão e a natureza. Contra a razão, porque a ele falta gratidão e falha ao reconhecer todos os bens e
03 coisas indispensáveis que a mulher fez por ele no passado e ainda hoje. Contra a natureza, pois mesmo os
04 pássaros e as bestas naturalmente amam seu parceiro, a fêmea da mesma espécie. Assim, o homem age contra a
05 natureza quando ele, um ser racional, falha em amar a mulher.

(Cristina de Pizan, *Cidade das Damas*)

Trecho IV

01 A segregação reduz pessoas ao estado de coisas. A segregação é moralmente incorreta.

(Martin Luther King Jr.)

Trecho V

01 Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a
02 fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto
03

⁸³ Alguns exemplos foram extraídos de PUGLIESE, N. *Apostila da Oficina de Lógica e Argumentação*, realizada no II Workshop de Filosofia e Ensino da UFRGS, ocorrido de 20 a 24 de julho de 2015.

intermediário[...].

(Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*)

Trecho VI

01 Era essa, pelo menos, a opinião de Dorian Gray. Costumava ele espantar-se com a psicologia superficial daqueles
02 que concebem o Eu humano como uma coisa simples, imutável, digna de confiança e possuidora de uma só
03 essência. Para ele, o homem era um ser de múltiplas vidas e múltiplas sensações, uma criatura complexa e com
04 uma infinidade de facetas, que levava em si heranças estranhas de pensamentos e de paixões e cuja carne estava
05 minada pela enfermidade monstruosa da morte.

(Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*)

Trecho VII

01 É preciso correr muito para ficar no mesmo lugar. Se você quer chegar a outro lugar, corra duas vezes mais.

(Lewis Carroll)

Trecho VIII

01 A vida em seus métodos diz calma. Vai com calma, você vai chegar. Se existe desespero é contra a calma. Sem ter
02 calma nada você vai encontrar [...] Deus, pai criador, criou com calma e em sete dias muita calma demonstrou. [...]
03 No corre-corre, no desespero, nego até se mata. Vocês, aí, tão me ouvindo, tenham calma. Faça só um sorriso, ele
04 é de aviso.

(Di Melo, *A Vida em Seus Métodos Diz Calma*).

Trecho IX

01 As cinzas do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, consumido pelas chamas na noite do último domingo, são mais
02 do que restos de fósseis, cerâmicas e espécimes raros. [...]Três dias depois do incêndio que queimou o edifício de
03 200 anos que abrigava a primeira instituição científica do Brasil, ainda não há um balanço preciso do que se
04 perdeu e do que se salvou. Mas o clima entre os professores e alunos é de pessimismo: eles convivem com a
05 possibilidade de que o objeto de seus estudos tenha virado pó.

(*El País*)

Trecho X

01 Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo. Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol, vai
02 vendo. Mas o sistema limita nossa vida de tal forma que tive que fazer minha escolha: sonhar ou sobreviver. [...]
03 É necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você, truta, é imbatível. [...] É isso aí,
04 você não pode parar, esperar o tempo ruim vir te abraçar. Acreditar que sonhar sempre é preciso é o que
05 mantém os irmãos vivos. Geralmente, quando os problemas aparecem, a gente está desprevenido né, não?
06 Errado! É você que perdeu o controle da situação, perdeu a capacidade de controlar os desafios.

(Racionais, *A Vida É Desafio*)

APÊNDICE M – Atividade avaliativa de Lógica

Atividade avaliativa – Prof. Bruna Diedrich – 2018/2

Nome completo: _____ T: _____

1. Nos trechos abaixo, identifique as premissas e conclusões. **Sublinhe** as premissas, identificando-as em P1, P2... e **circule** as conclusões. Deixe claro onde as premissas acabam e começam as outras.

a) Se fosse o costume mandar jovens meninas para a escola e ali ensiná-las toda sorte de diferentes matérias, assim como se faz com jovens meninos, elas entenderiam e aprenderiam as dificuldades de todas as artes e ciências com tanta facilidade quanto os meninos. De fato, isso é frequentemente o caso, pois, como já mencionei, ainda que mulheres tenham talvez corpos mais fracos e menos ágeis que os homens – o que as impede de realizar certas tarefas – suas mentes são na realidade mais afiadas e mais receptivas quando elas se dedicam. [...] Sabes por que mulheres conhecem menos que homens? [...] é porque elas são menos expostas a uma larga variedade de experiências já que precisam ficar em casa o dia inteiro em nome do lar. Não há nada como uma gama completa de diferentes experiências e atividades para expandir a mente de qualquer criatura racional. (Cristina de Pizan, Cidade das Damas, pg. 91-92).

b) O papa argumentou nesta terça-feira que a proporção de agressores no seio da Igreja não é maior do que em certas associações ou círculos. Embora seja mais grave, admitiu. "É verdade que há uma acusação contra a Igreja que todos conhecemos, sabemos as estatísticas, embora eu não as diga. Mas mesmo que um único padre tenha abusado de uma criança, é monstruoso. Esse homem foi escolhido por Deus para levar as crianças ao céu, então eu entendo que os jovens se escandalizem com essa corrupção. Eles sabem que isso está em toda parte, mas na Igreja é mais escandaloso, porque deve levar as crianças até Deus, e não destruí-las", disse o Pontífice. (El País. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/25/internacional/1537905860_479482.html)

c) A História é um profeta com um olhar voltado para trás: pelo que foi e contra o que foi, anuncia o que será. (Eduardo Galeano, As Veias Abertas da América Latina, pg. 19)

d) E assim a mística feminina começou a espalhar-se pelo país, acrescida de velhos preconceitos e confortáveis convenções, que facilmente deram ao passado um apoio no presente. Por detrás da nova mística, existiam preconceitos e teorias enganadoras em sua sofisticação e aparência de verdades consagradas. A mística feminina afirma que o valor mais alto e o compromisso único da mulher é a realização de sua feminilidade. Afirma ainda que o grande erro da cultura ocidental, no decorrer dos séculos, foi a desvalorização dessa feminilidade[...] O erro, diz a mística, a raiz do problema feminino no passado, é que as mulheres invejavam os homens, tentavam ser com eles em lugar de aceitar sua própria natureza, que só pode encontrar realização na passividade sexual, no domínio do macho, na criação dos filhos, e no amor materno. Sob roupagens sofisticadas, faz de certos aspectos concretos finitos, domésticos da vida feminina conforme era vivida pelas mulheres limitadas que estavam pela necessidade a cozinhar, lavar, procriar, dentro de uma religião, de um padrão pelo qual todas deveriam pautar-se sob perigo de perder a feminilidade. A realização da mulher só tinha uma definição para a americana, após 1949: esposa-mãe. (Betty Friedan, A Mística Feminina, pg. 40-41)

2. A partir da leitura do trecho abaixo e da aula ministrada, **assinale a alternativa correta** acerca de Angela Davis:

De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas,

se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (Angela Davis, *Mulheres, Raça e Classe*, p. 110)

- a) Para a autora, a população negra era inferior intelectualmente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- b) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo desmitificava o mito da inferioridade intelectual negra.
- c) Para a autora, o fato de negros serem inferiores intelectualmente faz com que sejam vistos como propriedades.
- d) Para a autora, a população negra era inferior biologicamente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- e) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo contribuía para o mito da inferioridade física negra.

3. Simone de Beauvoir foi uma filósofa contemporânea existencialista, ligada à fenomenologia. Ela, dizia que só podemos compreender o mundo a partir de nossa experiência vivida. Logo, enquanto mulher, não poderia desligar-se de sua condição, uma vez que só percebia o mundo a partir de suas vivências. Ao dizer que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” ela está dizendo que:

- a) Quando homens e mulheres nascem, não há nenhuma diferença entre eles (nem biológica nem intelectual).
- b) A mulher nasce como mulher já formada, mas deve atentar-se à feminilidade para que não perca seu caráter de mulher.
- c) A mulher deve negar sua natureza feminina, para que possa viver como a fêmea que é. A socialização não tem nenhum papel nessa relação.
- d) Há apenas um tipo de mulher – a mulher feminina – que é um padrão que toda mulher deve buscar, para que possa viver sua natureza e buscar a felicidade.
- e) A mulher nasce como uma fêmea da espécie humana e a sociedade, através imposição da feminilidade, a transforma em mulher.

4. A partir da música abaixo, responda corretamente:

Como Nossos Pais – Belchior (1976)

Não quero lhe falar
Meu grande amor
Das coisas que aprendi
Nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo

Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor
É uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa

Por isso cuidado, meu bem
Há perigo na esquina

Eles venceram e o sinal
Está fechado pra nós
Que somos jovens

Para abraçar meu irmão
E beijar minha menina na rua
É que se fez o meu lábio
O meu braço e a minha voz
Você me pergunta
Pela minha paixão
Digo que estou encantado
Como uma nova invenção
Vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
O cheiro da nova estação
E eu sinto tudo na ferida viva
Do meu coração

Já faz tempo
E eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Gente jovem reunida
Na parede da memória
Esta lembrança
É o quadro que dói mais

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo, tudo
Tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos

Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais

Nossos ídolos
Ainda são os mesmos
E as aparências, as aparências
Não enganam, não

Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém

Você pode até dizer
Que eu estou por fora
Ou então
Que eu estou enganando

Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem

E hoje eu sei, eu sei
Que quem me deu a ideia
De uma nova consciência
E juventude
Está em casa
Guardado por Deus
Contando o seus metais

a) Qual a principal conclusão do compositor? Assinale as razões no próprio texto, identificando as premissas em P1, P2...

b) O autor faz uma conclusão intermediária ao dizer “Eles venceram e o sinal/ Está fechado pra nós/ Que somos jovens”. Quais são as razões apresentadas por ele?

5. Crie argumentos, a partir das instruções a seguir. Os argumentos devem, necessariamente, possuir no mínimo duas premissas e uma conclusão.

a) Um bom argumento (sólido e válido).

b) Um argumento válido, mas não sólido.

APÊNDICE N – Redação sobre importância do acesso feminino à educação

Mary Wollstonecraft – filósofa inglesa renascentista – e **Cristina de Pizan** – filósofa francesa medieval – defendiam a tese da educação igualitária para homens e mulheres. Para ambas, se as mulheres tivessem o mesmo acesso que os homens ao conhecimento, poderiam alcançar o mesmo desenvolvimento intelectual. Apesar de compartilharem a mesma tese, chegam a ela de formas diferentes.

A conduta e a maneira das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio [...] Atribuo a causa [...] a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mães racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido [...] que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes.

(Mary Wollstonecraft. Reivindicação dos Direitos da Mulher, p. 27)

Se fosse o costume mandar jovens meninas para a escola e ali ensiná-las toda sorte de diferentes matérias, assim como se faz com jovens meninos, elas entenderiam e aprenderiam as dificuldades de todas as artes e ciências com tanta facilidade quanto os meninos. [...] Ainda que mulheres tenham talvez corpos mais fracos e menos ágeis que os homens – o que as impede de realizar certas tarefas – suas mentes são na realidade mais afiadas e mais receptivas quando elas se dedicam. [...] Sabes por que mulheres conhecem menos que homens? [...] é porque elas são menos expostas a uma larga variedade de experiências já que precisam ficar em casa o dia inteiro em nome do lar. Não há nada como uma gama completa de diferentes experiências e atividades para expandir a mente de qualquer criatura racional.

(Cristina de Pizan. Cidade das Damas, p. 90-91).

A partir das aulas, do documentário e dos trechos acima, responda a seguinte pergunta:
Qual a importância do acesso à educação no processo de emancipação da mulher?

ANEXO A – Infográfico utilizado em sala sobre a violência de gênero



2017. Infográfico produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, extraído de <http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contras-mulheres-no-brasil/>

ANEXO B – Respostas dos alunos ao APÊNDICE C

Dupla 1

Primeiramente a situação da mulher na nossa sociedade não pode nem ser comparada com a do homem, pois elas tem desigualdade salarial sendo que na maioria das vezes elas trabalham igualmente ou até mesmo mais do que os homens, mas elas tem essa desvalorização desde que elas começaram a trabalhar. Infelizmente em uma sociedade que o machismo quase domina o mercado de trabalho o homem é mais valorizado por "poder" enfrentar mais dificuldades e ~~força~~ sua força o torna mais "necessário" que a mulher. As possibilidades de escolha da mulher muitas vezes é repreendida por seus pais que receberiam esse tipo de ensinamento e acha que deve repassar esse ensinamento, pois ninguém os ensina que mulheres tem direitos de terem o mesmo salário e/ou emprego que os homens e depois de uma certa idade é quase impossível mudar a ideia que a pessoa já tem feita. Na sociedade atual a única forma que existe para mudar isso é mudar o ideal dos jovens pois como diz o ditado "cachorro velho não aprende truque novo".

Dupla 2

A mulher na visão perante a sociedade é inferior aos homens, pelo fato de ser o "sexo frágil", assim, impossibilitando em muitas escolhas na sua vida, essas escolhas podem variar em várias questões, até mesmo no quesito de "quem se relacionar", "com quem vai casar", ou se "vai se separar".

Desde seu nascimento a mulher é imposta valores de seus pais, para que seja uma boa mulher para seu futuro marido, e quando se casa acaba se tornando submissa ao homem, assim, se tornando "propriedade" e sofrer diversos tipos de violência doméstica.

Dupla 3

1- Não, pois a situação das mulheres não é favorável aos homens pelo fato da mulher sempre ser considerada inferior ao homem, tanto nos quesitos trabalhista, quanto nos quesitos físicos, políticos, e até econômicos, tanto que as possibilidades de escolha das mulheres é menor em relação aos homens, mas isso tá perto de mudar por causa que as mulheres estão mostrando sua força e reação fazendo manifestações, impondo seu modo de pensar assim querendo cobrar a igualdade de possibilidades e direitos entre mulheres e homens.

Dupla 4

Você considera que a situação de mulher na sociedade é equivalente à do homem? Que possuem as mesmas possibilidades de escolha?

Não, a situação da mulher na sociedade é diferente dos homens e isso é uma condição cultural muito forte. Sabemos que a violência injusta e a violência, e nesse sentido é óbvio que precisamos modificar a sociedade, combater a injustiça é um passo muito importante para um mundo melhor, principalmente no tratamento de gênero, que é ridículo que haja ainda nos tempos atuais.

Além disso também temos de pensar que existem coisas que algumas não querem mudança, hábitos comuns, como o homem pagar a conta, ou outras questões de machismo, acho essencial tocar nesse ponto por que não entendemos que reforçam a desigualdade, e é delicado pensar em mudar essas coisas.

Dupla 5

A desigualdade com os mulheres, em teoria dos dois tem os mesmos direitos, direitos e possibilidades. Mas na prática não é bem assim que acontece, a situação de mulher na sociedade não é equivalente a dos homens, por conta de muitos motivos.

Um deles é a questão dos cargos de emprego que muitos deles principalmente os mais importantes são sempre destinados aos homens, que também recebem o maior salário. Isso porque são colocados como incapazes de exercer certos cargos e esse tipo de comportamento está enraizado na sociedade.

A mulher sempre foi colocada como uma pessoa que não deveria tomar decisões, cuidar dos filhos e do caso. O lugar de escolha dela é muito dos cargos diminuídos pelos homens que tentam controlar e que ela deve ou não fazer com o que ela deve ou não trabalhar e por aí vai, também por conta disso influencia eles acabam tendo um lugar de escolha diminuído. E por isso ainda existe muita desigualdade entre os direitos e suas possibilidades.

Dupla 6

1) Não, pois a mulher é prejudicada em diversas situações, até mesmo mulheres continuam julga a outras, e desde pequenas as mulheres são ensinadas "boas maneiras", como se fossem meninas e serem seguidas, impostas pela sociedade. Para os homens tudo mudou, as "boas maneiras" que são dadas a eles, desacompanham um papel totalmente diferente na sua criação em geral, levada para a vida adulta.

2) Não, porque mulheres já estão "predestinadas" a se posicionarem em um lugar "feminino", o que ao meu ver, são cargos baixos, diferente dos homens, que possuem diversos cargos de salários, de alto cargo. Os salários femininos são baseados no que lhes é imposto.

Dupla 7

DESDE ANTIGAMENTE A MULHER É VISTA PELOS HOMENS COM UM OLHAR DE "INFERIORIDADE", MAS A VERDADE É QUE NINGUÉM É INFERIOR À NINGUÉM, TEMOS NOSSAS DIFERENÇAS E CAPACIDADES DIFERENTES. ÀS VEZES A MULHER POR SER MAIS DELICADA, E EMOCIONAL O HOMEM ENXERGA ISSO COMO UMA FRAGUEZA, E TAXAM AS MULHERES COMO FRÁGEIS. A SITUAÇÃO DA MULHER NÃO É EQUIVALENTE A DOS HOMENS, E MUITAS DAS VEZES NÃO POSSUEM AS MESMAS ESCOLHAS QUE A DOS HOMENS, E EU ACHO QUE UMA GRANDE PARTE DE HOMENS E MULHERES SÃO CRIADOS DESDE CRIANÇA A VER A MULHER COMO UMA DONA DE CASA, QUE O HOMEM DEVE SAIR IR TRABALHAR E POR COMIDA DENTRO DE CASA E A MULHER TEM QUE CUIDAR DOS FILHOS E DAS TAREFAS DE CASA. EM QUESTÃO AO SERVIÇO MUITAS DAS ÁREAS É ESPECIALIZADAS POR HOMENS E OUTRAS POR MULHERES, UM EXEMPLO DISSO É A FUNÇÃO DE PEDREIRO GRANDE PARTE É HOMEM, MAS NÃO DEIXA DE TER MULHER NESTA FUNÇÃO, E NA FUNÇÃO DE MOTORISTA DE ÔNIBUS OU CAMINHÃO, ANTIGAMENTE ERA VISTO SÓ HOMENS NESTA FUNÇÃO E HOJE EM DIA É NORMAL VER MULHERES MOTORISTAS, E NA FUNÇÃO QUE É MAIS PARA O LADO DAS MULHERES, COMO NA ESTÉTICA TAMBÉM TEM HOMEM, MAS A SEMELHANÇA ENTRE UM HOMEM QUE TRABALHA EM UM SALÃO E ENTRE UM HOMEM QUE TRABALHA EM OBRA NÃO É A MESMA, ASSIM COMO A MULHER QUE TRABALHA EM OBRA É MAIS BRUTA.

Dupla 8

comultrage não é equivalente a dos homens. Em pleno século XXI ainda existe muito preconceito por parte dos homens em relação às mulheres e elas são as mesmas funções e funções de que eles. No entanto os homens a mulher é um estereótipo de incapacidade de fazer as mesmas coisas que eles.

É incrível como passou o tempo e o pensamento dos homens não evoluiu, continuam cada vez mais machistas falando que lugar de mulher é na cozinha, cuidando dos filhos e da casa, mas esse pensamento é antigo, cada vez mais as mulheres estão mais fortes e lutando para ter os seus direitos, nenhuma mulher é incapaz de fazer as mesmas funções que os homens, além pelo contrário é difícil mais hoje em dia a pessoa do machismo por grande parte dos homens muitas mulheres já conquistaram seus lugares onde elas queriam.

Não devemos dar ouvidos a opiniões machistas, devemos continuar lutando para que não esse tal de que mulheres não são seres incapazes de fazer as mesmas funções que os homens.

Dupla 9

NÃO, ESTAMOS LONGE DE UMA IGUALDADE SOCIAL ENTRE HOMENS E MULHERES. TANTOS ANOS SE PASSARAM E AINDA ENCONTRAMOS DIFICULDADES PARA CONSEGUIR OBJETIVOS BÁSICOS DE IGUALDADE PARA AMBOS, E INFELIZMENTE PODEMOS PERCEBER QUE AINDA SE PASSARÃO MUITOS ANOS até que isso se torne desnecessário de se debater.

Não podemos dizer que nada mudou, pois cada vez mais este assunto está sendo divulgado, porém muitas vezes não levado a sério.

Devemos lembrar que não apenas mulheres devem lutar por esse causa, é um dever de todos nós exigirmos igualdade para todos, não por serem mulheres, LGBTQ+, negros ou quaisquer outros, e sim por serem pessoas que merecem respeito e mesmas oportunidades na vida.

Dupla 10

A situação da mulher é equivalente à dos homens em alguns casos, por exemplo, nos dias de hoje se uma mulher quer ser presidente, ela pode, assim como se um homem quer ser cabeleireiro, ele pode. Porém, em outros casos, como anáclis, não é nada equivalente, por que mulher não pratica anáclis, mas sofre toda hora de anáclis. Uma mulher não pode sair com um vestido mostrando as pernas, por que ela vai chamar atenção e vai sofrer anáclis.

Agora falando das possibilidades na sociedade, bem, as possibilidades ao meu ver, são as mesmas. Porém, as pessoas tem que entender o preconceito, por que vivemos numa sociedade opressora, onde a mulher nasce para cuidar da casa e o homem para trabalhar. Infelizmente, as pessoas vivem no século passado, onde tudo isso era normal. Mas agora no século XXI, a mulher faz o que ela bem entender, e que faz fazer ela feliz. Se a mulher quiser ser piloto, manicure ou chef de cozinha, ela pode!

Dupla 11

A pesar todos os meios de comunicação e divulgação ainda presentes, e por mais clichê que se possa parecer, em meio do séc XXI ainda permanece uma base extremamente forte em relação ao machismo que é ignorado de forma repugnante. Não é preciso muita procura para encontrar uma mulher que já tenham passado por uma situação semelhante e de praxi um machista (se não mais). Culpou isso diretamente do des-caso governamental, fecha os olhos diante de uma chacina física e psicológica, onde encontramos o oprimido como o opressor, típica inversão de papéis do vitimismo, por tanto ao invés de haver uma conscientização em massa através de jornais, propagandas, filmes, escolas entre outros, tudo que vemos é conteúdo banal que apresenta cada vez mais desvalorização e rejeição da mulher como objeto, só não é mais crítico pois possuímos a tecnologia como fonte de informação aquela qual também crítico severamente que nos limitam as mínimas formações que nos aprisionam em nossas "barras sociais", vendo aquilo que sempre vemos, por assim dizer essa livre informação fazem machistas mais machistas, feministas mais feministas.

Sem nem citar a sociedade que possui desernimento sobre tudo mas prefere ignorar do que realmente lutar toda liberdade das mulheres. E sem nem citar dados, pois os mesmos são nítidos a qualquer um e talvez a nossa representação artística da lei dos represente perfeitamente pois estamos todos vendados diante do caos.

tilibra

ANEXO C – Respostas dos alunos ao APÊNDICE D (Questões 1 e 2)

Dupla 12 – Estudantes 1 e 2

As mulheres eram vistas como seres que deveriam ser contidos, não serem redutores. Qualquer uma que fugia desse padrão era vista como um "monstro". Além disso, existia (e ainda existe) uma certa competição entre as mulheres, e que fazia com que as vezes elas mesmas difamavam umas as outras. Tinha-se a visão de que a mulher deveria ser bonita e amada para por um homem.

2. Em uma das visões, as amazonas eram vistas como algo totalmente errado por serem mulheres que fogem do padrão e não seguem aquilo que era considerado feminino, como se estivessem tirando o "lugar" do homem. Já em outra visão elas são admiradas por terem conquistado uma (de) independência, em consequência da morte dos homens. São consideradas fortes por "se virarem" e vingarem seus maridos mortos sozinhas.

Estudante 3

1. Assim como as diferentes representações da Medusa, as mulheres são diferentes umas das outras (em pensamentos, atitudes, físico), podemos ter várias diferentes descrições da Medusa como exemplo: há mulheres infelizes (porque não lutam por sua felicidade), há mulheres poderosas e com sede de vingança e há mulheres que tentam seguir um "padrão de beleza" imposto pela sociedade, para ser mais "sedutora" e conseguir o que quer, e tem também mulheres que não escolhem seguir esse "padrão" e mesmo assim são sedutoras, como mostram algumas imagens da Medusa, que embora apareça em algumas imagens como uma mulher "fora dos padrões", conseguiu "conquistar" Poseidon.

2. Segundo a versão de Escazio, as Amazonas eram consideradas mais homens do que mulheres por lutar invés de cuidar da casa, diz que matavam os filhos que nasciam homens e cuidavam da educação das que vinham mulheres para a "milícia" e diz que a admiração diminui se pensarmos que armadas as amazonas se tornem mais masculinos do que os homens de natureza, Isso está errado pois as mulheres podem lutar sem serem masculinizadas por isso, elas ficavam em uma condição de diminuição.

Na versão de Pizán, mostra o lado poderoso e independente das mulheres, porque naquela época as mulheres tinham que ser muito dependentes de homens, a versão de Pizán mostra que as mulheres podem ser boas no que fazem, e fazer tão bem quanto homens, sem serem alvo de machismo, diminuição, ofensas, etc.

ANEXO D – Respostas dos alunos ao APÊNDICE K

Estudante 1

Estágio em Filosofia II – 2018/1 – Bruna Diedrich

Atividade avaliativa

Nome completo: Isadora Martins Serejo T: 102

Parte 1: Assinale apenas a ALTERNATIVA CORRETA (valendo 1,25 por questão)

1. A obra de **Hidalgard Von Bigen** – filósofa medieval – em sua totalidade, segue dois passos: "(1) Descrição do que foi visto, usando palavras e emoções pessoais e (2) A interpretação da visão sendo discutida". Como a autora, falava a partir de imagens de suas visões (as quais tinha em pleno estado de consciência e, muitas vezes, eram presenciadas por outras pessoas) analise a imagem abaixo. A partir da interpretação, da aula ministrada e do material entregue assinale a alternativa correta acerca da autora:



- O homem fica no centro, para representar nossa relação com o universo. Segundo sua teoria, nossas ações refletem em todo o cosmos, o que deveria nos obrigar a medir cuidadosamente as consequências de nossas ações.
- O homem, mesmo centralizado, não se conecta com Deus ou com o universo. Segundo sua teoria, nossas ações não tem nenhum reflexo no cosmos.
- O homem é representado por Hildegard, no canto esquerdo, a parte da representação do universo, sem nenhuma ligação com este. Essa imagem reflete o quão dispensável o ser humano é em relação ao cosmos.
- O homem no centro representa Deus, na agência de sua criação, como responsável por todo o universo. Essa imagem reflete o quão dispensável o ser humano é em relação ao cosmos.
- O homem fica no centro, para representar nossa relação com o universo. Ele aparece como uma parte de Deus, na qual é apenas passivo. As ações humanas não afetam em nada o universo.

2. **Olympe de Gouges** foi uma filósofa francesa, renascentista e iluminista. Em resposta à *Declaração dos Direitos do Homem Cidadão*, aprovada pela Assembleia Constituinte em 1789, escreveu *A Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã*, a qual foi completamente ignorada. É importante lembrar que, no contexto da Revolução Francesa, as mulheres foram presentes, lutando lado a lado com os homens pela "liberdade, igualdade e fraternidade". Entretanto, as mulheres continuaram renegadas a um papel secundário. A partir da leitura do trecho abaixo, da aula ministrada e do material entregue assinale a alternativa correta acerca da autora:

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da ignorância e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira. (GOUGES, Olympe. *Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã*)

- a) Para ela, mesmo com a revolução, os homens seguiram menosprezando suas companheiras e caberia a elas esperar que os homens percebessem sua postura e a mudassem, sem nenhuma interferência delas.

¹ WHAITE, 32.

5. **Hannah Arendt** – filósofa contemporânea – opta por iniciar a distinção entre público e privado relacionando família como domínio da esfera privada e política como domínio da esfera pública. A esfera privada trazia consigo um caráter de satisfação de necessidades e carências, visto que eram essas as motivações para que houvesse a união na esfera do lar. No domínio do lar, havia uma hierarquização previamente definida, uma sujeição ao chefe da família, o que configura a existência de uma condição de desigualdade. Inclusive, torna-se uma diferença essencial entre as esferas pública e privada, pois "a pólis diferenciava-se do lar pelo fato de somente conhecer 'iguais', ao passo que o lar era o centro das mais severas desigualdades" (ARENDT, 2010, pp. 38). Sendo assim, não existia como agente político e também "não era inteiramente humano" (ARENDT, 2010, pp. 38), sendo privado da condição de humanidade. A ressignificação de conceitos assume o privado como o que corresponde ao individual, o que é próprio da pessoa e o público como um comportamento padronizado, comum aos indivíduos enquanto seres sociais. Adentrar a esfera pública exige ser parte de uma sociedade de massas.

A partir do exposto acima, do material fornecido e das aulas, **caracterize – em um pequeno texto – as esferas pública e privada para Hannah Arendt**. Essa caracterização deve, necessariamente, passar tanto pela **pólis grega** como pela ressignificação de conceitos do público e privado nas sociedades mais atuais.

O público na pólis grega era destinado somente aos cidadãos (homens, livres, nascidos no local e que possuíam propriedade), e neste eles poderiam opinar e votar na individualidade, usando a persuasão como instrumento para expressar sua liberdade. Já atualmente, o público é um espaço para não ser notado, onde a sociedade de massas cria um comportamento padrão e ideal que deve ser seguido e o cidadão segue.

Na pólis, o privado era o local da família, usado para satisfazer as necessidades dos membros, onde havia divisão de tarefas e as opiniões e discussões eram silenciadas com "violência". Hoje em dia, tecnicamente, o privado é onde temos liberdade para expressar quem somos individualmente e como pensamos, pois teria irrelevância social.

- b) Para ela, mesmo com a revolução, as mulheres seguiram menosprezando seus companheiros e caberia a eles esperar que as mulheres percebessem sua postura e a mudassem, sem nenhuma interferência delas.
- Para ela, mesmo com a revolução, os homens seguiram menosprezando suas companheiras e caberia a elas despertar e provocar a mudança.
- d) Para ela, mesmo com a revolução, as mulheres seguiram menosprezando seus companheiros e caberia a eles despertar e provocar a mudança.
- e) Para ela, a mulher foi completamente dispensável na revolução e não faria sentido falar em igualdade, a partir desse contexto.

3. A partir da leitura do trecho abaixo e da aula ministrada, assinale a alternativa correta acerca de **Angela Davis**:

De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibí-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma insipaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (DAVIS, Angela. *Mulher, Raça e Classe*, 1981, p. 110)

- a) Para a autora, a população negra era inferior intelectualmente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo desmitificava o mito da inferioridade intelectual negra.
- c) Para a autora, o fato de negres serem inferiores intelectualmente faz com que os negros sejam vistos como propriedades.
- d) Para a autora, a população negra era inferior biologicamente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- e) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo contribuía para o mito da inferioridade física negra.

4. **Simone de Beauvoir** foi uma filósofa contemporânea existencialista, ligada à fenomenologia. Ela, dizia que só podemos compreender o mundo a partir de nossa experiência vivida. Logo, enquanto mulher, não poderia desligar-se de sua condição, uma vez que só percebia o mundo a partir de suas vivências. Ao dizer que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" ela está dizendo que:

- a) Quando homens e mulheres nascem, não há nenhuma diferença entre eles (nem biológica nem intelectual).
- b) A mulher nasce como mulher já formada, mas deve atentar-se à feminilidade para que não perca seu caráter de mulher.
- c) A mulher deve negar sua natureza feminina, para que possa viver como a fêmea que é. A socialização não tem nenhum papel nessa relação.
- d) Há apenas um tipo de mulher – a mulher feminina – que é um padrão que toda mulher deve buscar, para que possa viver sua natureza e buscar a felicidade.
- A mulher nasce como uma fêmea da espécie humana e a sociedade, através imposição da feminilidade, a transforma em mulher.

6. **Mary Wollstonecraft** – filósofa inglesa renascentista – e **Cristina de Pisan** – filósofa francesa medieval – defendiam a tese da educação igualitária para homens e mulheres. Para ambas, se as mulheres tivessem o mesmo acesso que os homens ao conhecimento, poderiam alcançar o mesmo desenvolvimento intelectual. Apesar de compartilharem a mesma tese, chegam a ela de formas diferentes. **Compare**, apresentando as causas da **desigualdade intelectual** entre homens e mulheres, **em um pequeno texto**. Abaixo, constam os trechos que levam a essa tese, para que possa auxiliá-lo(a).

A conduta e a maneira das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio [...] Atribuo a causa [...] a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerarem as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mãe racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido [...] que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes. (WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, p. 27)

Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as letras, a experiência prova justamente o contrário. [...] Se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E afirm que possam conhecer melhor a verdade, lembrar-te de alguns de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inequívoca de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente. (PISAN, Cristina. *Cidade das Damas*, p. 86)

Se fosse o costume mandar jovens meninas para a escola e ali ensiná-las toda sorte de diferentes matérias, assim como se faz com jovens meninos, elas entenderiam e aprenderiam as dificuldades de todas as ciências com tanta facilidade quanto os meninos. [...] Ainda que mulheres tenham todas os corpos mais fracos e menos ágeis que os homens – o que as impede de realizar certas tarefas – suas mentes são na realidade mais afiadas e mais receptivas quando elas se dedicam. [...] Sabes por que mulheres conhecem menos que homens? [...] é porque elas são menos expostas a uma larga variedade de experiências; já que precisam ficar em casa o dia inteiro em nome do lar. Não há nada como uma gama completa de diferentes experiências e atividades para expandir a mente de qualquer criatura racional. (PISAN, Cristina. *Cidade das Damas*, p. 90-91)

Mary diz que um sistema de educação falso foi com que as mulheres não se desenvolvem intelectualmente como os homens, e que a sociedade deve ver o fato de a sociedade ver as mulheres apenas como donas sedutoras que devem se dedicar ao amor.

Cristina também fala sobre a falta desse sistema de educação, mas diz que isso se deve a falta de experiência. Como a mulher não é tão exposta a diferentes experiências, ela acaba não se desenvolvendo, ou querendo se desenvolver, tanto quanto o homem.

Estudante 2

Parte 1: Assinale apenas a ALTERNATIVA CORRETA (valendo 1,25 por questão)

1. A obra de **Hidalgard Von Bigen** – filósofa medieval – em sua totalidade, segue dois passos: “(1) Descrição do que foi visto, usando palavras e emoções pessoais e (2) A interpretação da visão sendo discutida”. Como a autora, falava a partir de imagens de suas visões (as quais tinha em pleno estado de consciência e, muitas vezes, eram presenciadas por outras pessoas) analise a imagem abaixo. A partir da interpretação, da aula ministrada e do material entregue assinale a alternativa correta acerca da autora:



- O homem fica no centro, para representar nossa relação com o universo. Segundo sua teoria, nossas ações refletem em todo o cosmos, o que deveria nos obrigar a medir cuidadosamente as consequências de nossas ações.
- b) O homem, mesmo centralizado, não se conecta com Deus ou com o universo. Segundo sua teoria, nossas ações não tem nenhum reflexo no cosmos.
- c) O homem é representado por Hidalgard, no canto esquerdo, a parte da representação do universo, sem nenhuma ligação com este. Essa imagem reflete o quão dispensável o ser humano é em relação ao cosmos.
- d) O homem no centro representa Deus, na agência de sua criação, como responsável por todo o universo. Essa imagem reflete o quão dispensável o ser humano é em relação ao cosmos.
- e) O homem fica no centro, para representar nossa relação com o universo. Ele aparece como uma parte de Deus, na qual é apenas passivo. As ações humanas não afetam em nada o universo.

2. **Olympe de Gouges** foi uma filósofa francesa, renascentista e iluminista. Em resposta à *Declaração dos Direitos do Homem Cidadão*, aprovada pela Assembleia Constituinte em 1789, escreveu *A Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã*, a qual foi completamente ignorada. É importante lembrar que, no contexto da Revolução Francesa, as mulheres foram presentes, lutando lado a lado com os homens pela “liberdade, igualdade e fraternidade”. Entretanto, as mulheres continuaram renegadas a um papel secundário. A partir da leitura do trecho abaixo, da aula ministrada e do material entregue assinale a alternativa correta acerca da autora:

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da ignorância e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira. (GOUGES, Olympe. *Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã*)

- a) Para ela, mesmo com a revolução, os homens seguiram menosprezando suas companheiras e caberia a elas esperar que os homens percebessem sua postura e a mudassem, sem nenhuma interferência delas.

- b) Para ela, mesmo com a revolução, as mulheres seguiram menosprezando seus companheiros e caberia a eles esperar que as mulheres percebessem sua postura e a mudassem, sem nenhuma interferência deles.
- Para ela, mesmo com a revolução, os homens seguiram menosprezando suas companheiras e caberia a elas despertar e provocar a mudança.
- d) Para ela, mesmo com a revolução, as mulheres seguiram menosprezando seus companheiros e caberia a eles despertar e provocar a mudança.
- e) Para ela, a mulher foi completamente dispensável na revolução e não faria sentido falar em igualdade, a partir desse contexto.

3. A partir da leitura do trecho abaixo e da aula ministrada, assinale a alternativa correta acerca de **Angela Davis**:

De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibias de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (DAVIS, Angela. *Mulher, Raça e Classe*, 1981, p. 110)

- a) Para a autora, a população negra era inferior intelectualmente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- b) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo desmitificava o mito da inferioridade intelectual negra.
- Para a autora, o fato de negros serem inferiores intelectualmente faz com que os negros sejam vistos como propriedades.
- d) Para a autora, a população negra era inferior biologicamente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- e) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo contribuía para o mito da inferioridade física negra.

4. **Simone de Beauvoir** foi uma filósofa contemporânea existencialista, ligada à fenomenologia. Ela, dizia que só podemos compreender o mundo a partir de nossa experiência vivida. Logo, enquanto mulher, não poderia desligar-se de sua condição, uma vez que só percebe o mundo a partir de suas vivências. Ao dizer que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” ela está dizendo que:

- a) Quando homens e mulheres nascem, não há nenhuma diferença entre eles (nem biológica nem intelectual).
- b) A mulher nasce como mulher já formada, mas deve atentar-se à feminilidade para que não perca seu caráter de mulher.
- c) A mulher deve negar sua natureza feminina, para que possa viver como a fêmea que é. A socialização não tem nenhum papel nessa relação.
- Há apenas um tipo de mulher – a mulher feminina – que é um padrão que toda mulher deve buscar, para que possa viver sua natureza e buscar a felicidade.
- e) A mulher nasce como uma fêmea da espécie humana e a sociedade, através imposição da feminilidade, a transforma em mulher.

WHAITE, 32.

6. **Mary Wollstonecraft** – filósofa inglesa renascentista – e **Cristina de Pisan** – filósofa francesa medieval – defendiam a tese da educação igualitária para homens e mulheres. Para ambas, se as mulheres tivessem o mesmo acesso que os homens ao conhecimento, poderiam alcançar o mesmo desenvolvimento intelectual. Apesar de compartilharem a mesma tese, chegam a ela de formas diferentes. Compare, apresentando as causas da desigualdade intelectual entre homens e mulheres, em um pequeno texto. Abaixo, constam os trechos que levam a essa tese, para que possa auxiliá-lo(a).

A conduta e a maneira das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio [...] Atribuo a causa [...] a um sistema de educação falso, extralido de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mães racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido [...] que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes. (WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, p. 27)

Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova justamente o contrário. [...] Se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E afirm que possam conhecer melhor a verdade, lembrar-te de algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente. (PISAN, Cristina. *Cidade das Damas*, p. 88).

Se fosse o costume mandar jovens meninas para a escola e ali ensiná-las todas as diferentes matérias, assim como se faz com jovens meninos, elas entenderiam e aprenderiam as dificuldades de todas as artes e ciências com tanta facilidade quanto os meninos. [...] Ainda que mulheres tenham talvez corpos mais fracos e menos ágeis que os homens – o que as impede de realizar certas tarefas – suas mentes são na realidade mais afiadas e mais receptivas quando elas se dedicam. [...] Sabes por que mulheres conhecem menos que homens? [...] é porque elas são menos expostas a uma larga variedade de experiências já que precisam ficar em casa o dia inteiro em nome do lar. Não há nada como uma gama completa de diferentes experiências e atividades para expandir a mente de qualquer criatura racional. (PISAN, Cristina. *Cidade das Damas*, p. 90-91).

Para Mary Wollstonecraft a conduta e a maneira das mulheres não se prova de que a mente delas (em um estado sadio) não se encontram em um estado sadio, devido ao assunto escrito por homens que consideram as mulheres mais como fêmeas do que como humanas. Para Cristina de Pisan, se as meninas fossem mandadas para a escola e ensinadas todas as sortes de diferentes matérias, assim como se faz com os meninos, elas entenderiam e aprenderiam as dificuldades de todas as artes e ciências com tanta facilidade quanto os meninos. (As mulheres) Alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis.

Estudante 3

Parte 1: Assinale apenas a ALTERNATIVA CORRETA (valendo 1,25 por questão)

1. A obra de **Hildegard Von Bigen** – filósofa medieval – em sua totalidade, segue dois passos: "(1) Descrição do que foi visto, usando palavras e emoções pessoais e (2) A interpretação da visão sendo discutida". Como a autora, falava a partir de imagens de suas visões (as quais tinha em pleno estado de consciência e, muitas vezes, eram presenciadas por outras pessoas) analise a imagem abaixo. A partir da interpretação, da aula ministrada e do material entregue assinale a **alternativa correta** acerca da autora:



- a) O homem fica no centro, para representar nossa relação com o universo. Segundo sua teoria, nossas ações refletem em todo o cosmos, o que deveria nos obrigar a medir cuidadosamente as consequências de nossas ações.
- b) O homem, mesmo centralizado, não se conecta com Deus ou com o universo. Segundo sua teoria, nossas ações não tem nenhum reflexo no cosmos.
- c) O homem é representado por Hildegard, no canto esquerdo, a parte da representação do universo, sem nenhuma ligação com este. Essa imagem reflete o quão dispensável o ser humano é em relação ao cosmos.
- d) O homem no centro representa Deus, na agência de sua criação, como responsável por todo o universo. Essa imagem reflete o quão dispensável o ser humano é em relação ao cosmos.
- e) O homem fica no centro, para representar nossa relação com o universo. Ele aparece como uma parte de Deus, na qual é apenas passivo. As ações humanas não afetam em nada o universo.

2. **Olympe de Gouges** foi uma filósofa francesa, renascentista e iluminista. Em resposta à *Declaração dos Direitos do Homem Cidadão*, aprovada pela Assembleia Constituinte em 1789, escreveu *A Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã*, a qual foi completamente ignorada. É importante lembrar que, no contexto da Revolução Francesa, as mulheres foram presentes, lutando lado a lado com os homens pela "liberdade, igualdade e fraternidade". Entretanto, as mulheres continuaram renegadas a um papel secundário. A partir da leitura do trecho abaixo, da aula ministrada e do material entregue assinale a **alternativa correta** acerca da autora:

Mulher, desperta. A força da razão se faz escutar em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da ignorância e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira. (GOUGES, Olympe. *Declaração dos Direitos da Mulher Cidadã*)

- a) Para ela, mesmo com a revolução, os homens seguiram menosprezando suas companheiras e caberia a elas esperar que os homens percebessem sua postura e a mudassem, sem nenhuma interferência delas.

¹ WHAITE, 32.

5. **Hannah Arendt** – filósofa contemporânea – opta por iniciar a distinção entre público e privado relacionando família como domínio da esfera privada e política como domínio da esfera pública. A esfera privada trazia consigo um caráter de satisfação de necessidades e carências, visto que eram essas as motivações para que houvesse a união na esfera do lar. No domínio do lar, havia uma hierarquização previamente definida, uma sujeição ao chefe da família, o que configura a existência de uma condição de desigualdade. Inclusive, torna-se uma diferença essencial entre as esferas pública e privada, pois "a pólis diferenciava-se do lar pelo fato de somente conhecer 'iguais', ao passo que o lar era o centro das mais severas desigualdades" (ARENDE, 2010, pp. 38). Sendo assim, não existia como agente político e também "não era inteiramente humano" (ARENDE, 2010, pp. 38), sendo privado da condição de humanidade. A ressignificação de conceitos assume o privado como o que corresponde ao individual, o que é próprio da pessoa e o público como um comportamento padronizado, comum aos indivíduos enquanto seres sociais. Adentrar a esfera pública exige ser parte de uma sociedade de massas.
- A partir do exposto acima, do material fornecido e das aulas, **caracterize – em um pequeno texto – as esferas pública e privada para Hannah Arendt**. Essa caracterização deve, necessariamente, passar tanto pela **pólis grega** como pela ressignificação de conceitos do público e privado nas **sociedades mais atuais**.

Para Hannah, "público" na pólis grega, era o domínio político, a igualdade entre os cidadãos (os eram considerados cidadãos, aqueles que tinham capacidade, eram homens, não escravos e não estrangeiros), os cidadãos opinavam, governavam a liberdade e a existência, a persuasão e a coerção. "Privado" a pólis grega, era o domínio familiar, havia um "chefe" na família, ao qual eles eram submetidos (desigualdade), o casamento era apenas para satisfação das necessidades e carências, e a principal finalidade era a violência.

Na atualidade, "público" seria o comportamento político, sociedade das massas e propósito do mundo. "Privado" era a individualidade, as características pessoais, a individualidade social. A hierarquia passa a ser transformada ao grupo social.

- b) Para ela, mesmo com a revolução, as mulheres seguiram menosprezando seus companheiros e caberia a eles esperar que as mulheres percebessem sua postura e a mudassem, sem nenhuma interferência delas.
- c) Para ela, mesmo com a revolução, os homens seguiram menosprezando suas companheiras e caberia a elas despertar e provocar a mudança.
- d) Para ela, mesmo com a revolução, as mulheres seguiram menosprezando seus companheiros e caberia a eles despertar e provocar a mudança.
- e) Para ela, a mulher foi completamente dispensável na revolução e não faria sentido falar em igualdade, a partir desse contexto.

3. A partir da leitura do trecho abaixo e da aula ministrada, assinale a **alternativa correta** acerca de **Angela Davis**:

De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores em termos comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (DAVIS, Angela. *Mulher, Raça e Classe*, 1981, p. 110)

- a) Para a autora, a população negra era inferior intelectualmente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- b) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo desmitificava o mito da inferioridade intelectual negra.
- c) Para a autora, o fato de negros serem inferiores intelectualmente faz com que os negros sejam vistos como propriedades.
- d) Para a autora, a população negra era inferior biologicamente e tentava disfarçar essa deficiência através do interesse no estudo.
- e) Para a autora, o interesse da população negra pelo estudo contribuía para o mito da inferioridade física negra.

4. **Simone de Beauvoir** foi uma filósofa contemporânea existencialista, ligada à fenomenologia. Ela, dizia que só podemos compreender o mundo a partir de nossa experiência vivida. Logo, enquanto mulher, não poderia desligar-se de sua condição, uma vez que só percebia o mundo a partir de suas vivências. Ao dizer que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" ela está dizendo que:

- a) Quando homens e mulheres nascem, não há nenhuma diferença entre eles (nem biológica nem intelectual).
- b) A mulher nasce como mulher já formada, mas deve atentar-se à feminilidade para que não perca seu caráter de mulher.
- c) A mulher deve negar sua natureza feminina, para que possa viver como a fêmea que é. A socialização não tem nenhum papel nessa relação.
- d) Há apenas um tipo de mulher – a mulher feminina – que é um padrão que toda mulher deve buscar, para que possa viver sua natureza e buscar a felicidade.
- e) A mulher nasce como uma fêmea da espécie humana e a sociedade, através imposição da feminilidade, a transforma em mulher.

6. **Mary Wollstonecraft** – filósofa inglesa renascentista – e **Cristina de Pisan** – filósofa francesa medieval – defendiam a tese da educação igualitária para homens e mulheres. Para ambas, se as mulheres tivessem o mesmo acesso que os homens ao conhecimento, poderiam alcançar o mesmo desenvolvimento intelectual. Apesar de compartilharem a mesma tese, chegam a ela de formas diferentes. **Compare**, apresentando as **causas da desigualdade intelectual** entre homens e mulheres, **em um pequeno texto**. Abaixo, constam os trechos que levam a essa tese, para que possa auxiliá-lo(a).

A conduta e a maneira das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio [...] Atribuo a causa [...] a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mãe racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido [...] que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes. (WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, p. 27)

Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as letras, a experiência prova justamente o contrário. [...] Se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-ti exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E afirm que possam conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de vírgas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inequívoca de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente. (PISAN, Cristina. *Cidade das Damas*, p. 88)

Se fosse o costume mandar jovens meninas para a escola e ali ensiná-las toda sorte de diferentes matérias, assim como se faz com jovens meninos, elas entenderiam e aprenderiam as dificuldades de todas as artes e ciências com tanta facilidade quanto os meninos. [...] Ainda que mulheres não tenham talvez corpos mais fracos e menos ágeis que os homens – o que as impede de realizar certas tarefas – suas mentes são na realidade mais afiadas e mais receptivas quando elas se dedicam. [...] Sabes por que que mulheres conhecem menos que homens? [...] é porque elas são menos expostas a uma larga variedade de experiências já que precisam ficar em casa o dia inteiro em nome do lar. Não há nada como uma gama completa de diferentes experiências e atividades para expandir a mente de qualquer criatura racional. (PISAN, Cristina. *Cidade das Damas*, p. 90-91)

Para Wollstonecraft, as mulheres estão nessa desigualdade intelectual, pelo fato de terem uma falsa educação, onde os escritores de livros não homens que veem as mulheres apenas como "objeto", que devem "ser" as lar, antes de nutrir seus conhecimentos, e até mesmo porque os próprios homens se impõem mais em relações de amor do que exigem respeito por suas capacidades.

Para Pisan, as mulheres se encontram nessa condição de desigualdade porque conhecem menos que os homens pelo fato de serem menos expostas a experiências, pois tem que ficar o dia todo apenas em casa cuidando de tarefas domésticas.

ANEXO E – Respostas dos alunos ao APÊNDICE N

Estudante 4

A educação é um direito básico do ser humano que não deve ser negado a ninguém.

Para o ser humano a educação é uma conquista primordial, pois é com ela que consegue-se buscar conhecimentos sobre diversos assuntos que podem ser utilizados mais tarde. As mulheres dentro do papel da sociedade sempre foram abaisçadas como seres que não precisam do conhecimento.

Contudo com o passar dos tempos as mulheres foram percebendo que a educação é de direitos delas, pois entre os homens e as mulheres as diferenças físicas não importam em comparação as condições mentais.

Então nota-se que baseou-se em questões biológicas não é um argumento sólido, pois não é com as partes íntimas que se pensa, mas sim com o cérebro. Logo, possível mulheres de ~~ter~~ ter acesso a educação é pois um ser humano de evoluir, e que na visão da ciência, filosofia e religião é algo inaceitável. E isso gera o melhor desenvolvimento da mulher em ~~suas~~ suas áreas.

Estudante 5

Nos dias de hoje, a organização das mulheres pelos seus direitos não é um processo linear. Existe manifestações desde o século XIX e também no século XX, após a grande mobilização das primeiras décadas, mostra um período de refluxo vinculado às ditaduras e uma segunda onda feminista que teve início nos anos 1970 e não para até os dias de hoje.

A luta pela emancipação feminina no Brasil, contempla o direito das mulheres a educação e do voto. De então, as brasileiras não podiam votar e aquelas que queriam ter acesso aos estudos superiores e profissões liberais teriam que sair do país.

A pesar de todo esforço pela emancipação no começo do século, a existência de um movimento feminista organizado como o conhecemos hoje, com grande capacitação de mobilização, participação política, articulação e formação de parcerias. Mesmo assim, manifestações e atitudes feministas estão aumentando em toda a parte do mundo, buscando cada vez mais os direitos dos mulheres na sociedade.

Estudante 6

E assim, com a sociedade refletindo mais sobre igualdade e respeito, ouvindo mais sobre ideias iluministas, nós conseguimos evoluir hoje temos uma sociedade mais justa, mas claro, graças a educação e aos ensinamentos ao longo do histórico.

Estudante 7

Desde o início dos tempos as mulheres ~~foram~~ foram tidas e postas em lugares de submissão, qual elas devem obedecer e não questionar. A proibição de mulheres terem acesso ao ensino era uma forma de lhes impor controle, uma vez que a falta de acesso ao conhecimento lhes fazia aceitar ordens sem questionar por acreditarem que este era seu dever.

Com o passar dos anos mais mulheres começaram a se alistar para o fato de que eram reconhecidas pela sociedade machista muito mais como fêmeas, cujo a obrigação era procriar e obedecer ao marido, do que como mulheres, seres humanos que como outros qualquer tinham direito a educação. Em resposta a essa imposição muitas mulheres resistiram obras e se posicionaram defendendo a importância do acesso a educação no processo de emancipação da mulher, chegando a conclusão que ao serem privadas do conhecimento elas passavam a desconhecer não somente aquilo que lhes era negado, mas também sobre a própria natureza tendo questionamentos relacionados ao próprio corpo e ao seu real papel enquanto indivíduos.

Portanto, a importância da educação no processo de emancipação é de que sem o ensino as mulheres ficavam a mercê de uma submissão igualada não pelo fato de serem mulheres, mas por serem privadas de direitos básicos, como o direito a fala e o direito ao autoconhecimento.